

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARIA FRANCISCA BRASILEIRO COSTA BARBOSA DE LIMA

**O PLANO DE FORMAÇÃO NA ARTICULAÇÃO DOS DIFERENTES TEMPOS E
ESPAÇOS EDUCATIVOS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA SERRA DA
CAPIVARA**

**TERESINA – PIAUÍ
2022**

Maria Francisca Brasileiro Costa Barbosa de Lima

**O PLANO DE FORMAÇÃO NA ARTICULAÇÃO DOS DIFERENTES TEMPOS E
ESPAÇOS EDUCATIVOS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA SERRA DA
CAPIVARA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, diversidades/ diferença e inclusão.

Orientador: Prof. Dr. Elmo de Souza Lima

TERESINA – PIAUÍ
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

L732p Lima, Maria Francisca Brasileiro Costa Barbosa de
O Plano de formação na articulação dos diferentes tempos e
espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da
Cativara / Maria Francisca Brasileiro Costa Barbosa de Lima. –
2022.
110 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Teresina, 2022.
“Orientador: Dr. Elmo de Souza Lima.”

1. Educação do campo. 2. Pedagogia da alternância. 3. Plano
de formação. I. Lima, Elmo de Souza. II. Título.

CDD 370.19

Maria Francisca Brasileiro Costa Barbosa de Lima

**O PLANO DE FORMAÇÃO NA ARTICULAÇÃO DOS DIFERENTES TEMPOS
E ESPAÇOS EDUCATIVOS NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA SERRA DA
CAPIVARA**

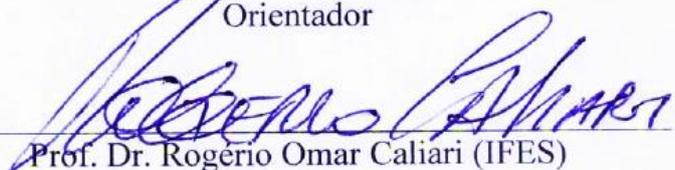
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Dissertação de Mestrado aprovada em: 19 / 08 / 2022

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Elmo de Souza Lima (PPGEd/UFPI)
Orientador



Prof. Dr. Rogério Omar Caliari (IFES)
Examinador externo



Profa. Dra. Marli Clementino Gonçalves (PPGEd/UFPI)
Examinadora Interna

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido concluir mais esta etapa de minha vida profissional. De modo todo especial, quero agradecer a minha querida família pelo apoio e incentivo a crescer como profissional e como pessoa.

Ao meu marido, Osvando Barbosa, meu companheiro de todas as horas. Obrigada pela compreensão, pois em vários momentos estive ausente, e fui compreendida e estimulada a continuar buscando os meus ideais e o melhor para o nosso futuro.

Aos meus amigos Socorro Silva, Janailton Coutinho, Guilherme Guarino, Cláudia Alves, Leandro Paz obrigada por acreditarem em mim, por me estimularem a seguir em frente. Saibam que sem o apoio de vocês nada disso seria possível. Gratidão é a palavra que define o que vocês representam na minha caminhada e em mais esta etapa vencida.

Aos professores do PPGEd por contribuírem para minha formação. Aos professores Doutores Rogério Omar Caliari, Marli Clementino Gonçalves, pelas contribuições no momento da qualificação do meu projeto.

Ao meu orientador, professor Dr. Elmo de Souza Lima pelo cuidado na escolha das palavras no momento das orientações. Gratidão pelo carinho e respeito.

Aos companheiros de trabalho que sempre, muito solícitos, entenderam os momentos em que eu não podia participar, contribuir com afinco, devido a este período de formação. Aos educadores, estudantes e pesquisadores do campo saibam que a garra de vocês frente às lutas pela melhoria da educação é o que me impulsiona a continuar.

Por fim, agradeço aos participantes da pesquisa e a todos que, de uma maneira ou outra, contribuíram pra a realização desta pesquisa.

“Você nunca sabe a força que tem. Até que a sua única alternativa é ser forte.”

(Johnny Depp)

RESUMO

O Plano de Formação tem a missão de orientar os trabalhos educativos desenvolvidos nos CEFFAs, articulando-os com as experiências do meio socioprofissional do educando. Constitui-se, portanto, no currículo oficial da EFA, com a finalidade de sistematizar os conhecimentos da realidade aos conteúdos escolares, vinculados ao núcleo comum e a parte específica da formação técnica e profissional, de modo a visar à formação integral do sujeito. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar de que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, localizada no município de São Lourenço, no estado do Piauí. Diante desse contexto, o processo de investigação foi desenvolvido a partir da seguinte questão: De que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da Capivara, visando a construção interdisciplinar do conhecimento? A fim de elucidar essa questão, nos objetivos específicos buscou-se: Compreender a importância do Plano de Formação no desenvolvimento de projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância; Discutir as contribuições do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços de formação na EFA; Verificar as estratégias utilizadas pela EFA que fomentem a participação dos educadores, educandos e das famílias na construção do Plano de Formação; Analisar o desenvolvimento do Plano de Formação da EFA de São Lourenço, destacando os desafios e as possibilidades de diálogos interdisciplinares do conhecimento. Isso posto, esta pesquisa dialoga com alguns autores que refletem esta temática, como: Begnami (2004, 2003), Caliarì (2002), Caldart (2012, 2011, 2009), Calvó (1999), Estevam (2012), Freire (1987, 1988, 1991), Gimonet (2007), Lima (2014), Nosella (2012, 1977), entre outros teóricos. Trata-se, contudo, de uma investigação de cunho qualitativo que se fundamenta na abordagem crítica-dialética. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Família Agrícola de Serra da Capivara por meio de análise documental, entrevista semiestruturada e rodas de conversas. Os interlocutores da pesquisa foram 09 participantes, sendo três professores, dois alunos, dois pais, uma diretora e uma coordenadora pedagógica. A partir desse processo de investigação, a respeito do Plano de Formação por Alternância, a análise realizada possibilitou-nos uma compreensão acerca da realidade vivenciada na EFA Serra da Capivara, principalmente com relação às lacunas em torno da construção e execução do Plano de Formação. Sobre este aspecto, concluímos que alguns fatores, como: a ausência da família na escola e o desconhecimento de alguns educadores, alunos e famílias em relação ao Plano de Formação trouxeram prejuízos para o processo de articulação interdisciplinar dos conhecimentos e saberes no contexto das práticas educativas da EFA. Além disso, percebemos que há uma diferença entre o Plano de Formação, proposto por Gimonet (2007), que orienta o PF dos CEFFAs, e aquele utilizado na EFA, concebido a partir de uma estrutura simplificada que dificulta a compreensão do trabalho desenvolvido pela Escola, com relação à articulação dos variados conhecimentos e saberes nos diferentes tempos e espaços da formação.

Palavras-chave: Educação do Campo. Pedagogia da Alternância. Plano de Formação. Práticas Educativas Interdisciplinares.

ABSTRACT

The Training Plan has the mission of guiding the educational work carried out at CEFFAs, articulating them with the experiences of the student's socio-professional environment. It is, therefore, the official curriculum of the EFA, with the purpose of articulating the knowledge of reality with school contents, linked to the common core and the specific part of technical and professional training, aiming at the integral formation of the subject. In this sense, this research has the general objective: to analyze how the Training Plan contributes to the articulation of different educational times and spaces in the Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, located in the municipality of São Lourenço in the state of Piauí. Given this context, the investigation process was developed from the following question: how does the Training Plan contribute to the articulation of different educational times and spaces at Escola Família Agrícola Serra da Capivara, aiming at the interdisciplinary construction of knowledge? In the specific objectives we seek: to understand the importance of the Training Plan in the development of interdisciplinary educational projects in the context of the Pedagogy of Alternation; to discuss the contributions of the Training Plan in the articulation between different times and spaces of training in the EFA; to verify the strategies used by the EFA that encourage the participation of educators, students and families in the construction of the Training Plan; to analyze the development of the EFA de São Lourenço Training Plan, highlighting the challenges and possibilities of interdisciplinary knowledge dialogues. In this research we are dialoguing with some authors that reflect this theme such as: Begnami (2004, 2003), Caliari (2002), Caldart (2012, 2009), Calvó (199), Estevam (2012), Freire (1987, 1988, 1991), Gimonet (2007), Lima (2014), Nosella (2012, 1977), among others. This is a qualitative investigation, which is based on the critical-dialectical approach. The research was developed at Escola Família Agrícola de Serra da Capivara, through document analysis, semi-structured interviews and conversation circles. The research interlocutors were 09 participants, of which three were teachers, two students, two parents, one director and one pedagogical coordinator. From this investigation process about the Alternation Training Plan, the analysis carried out allowed us to understand the reality experienced in the EFA Serra da Capivara, mainly in relation to the gaps around the construction and execution of the Training Plan. In this aspect, we conclude that some factors such as: the absence of the family at school, and the lack of knowledge of some educators, students and families about the Training Plan brought harm to the process of interdisciplinary articulation of information and knowledge in the context of EFA educational practices. In addition, we noticed that there is a difference between the Training Plan, proposed by Gimonet (2007), which guides the FP of CEFFAs, and the one used in the EFA, conceived from a simplified structure, which makes it difficult to understand the work developed by the school, in relation to the articulation of the varied information and knowledge in the different times and spaces of formation.

Keywords: Rural Education. Pedagogy of Alternation. Formation plan. Interdisciplinary Educational Practices.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEFAPI	Associação das Escolas Família Agrícola do Piauí
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEFFA	Centro Familiar de Formação em Alternância
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CR	Caderno da Realidade
EFA	Escola Família Agrícola
EFAEM	Escola Família Agrícola de Eliseu Martins
EFASC	Escola Família Agrícola Serra da Capivara
ENERA	Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
EPN	Equipe Pedagógica Nacional
FUNACI	Fundação Antônio Dante Civiero
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
MEPES	Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
MEC	Ministério da Educação
MFRs	Maisons Familiares Rurales
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais
NUPECAMPO	Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação do Campo
PACTUE	Programa de Autonomia, Cooperação das Unidades Escolares da Rede Estadual do Piauí
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PE	Plano de Estudo
PF	Plano de Formação
PPJ	Projeto Profissional Jovem
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRONACAMPO	Programa Nacional de Educação do Campo
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SECAD	Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNEFAB	União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01: Mediações Pedagógicas da Alternância
- Quadro 02: Perfil dos educadores que participaram da pesquisa
- Quadro 03: Perfil das mães e alunos participantes da pesquisa
- Quadro 04: Modelo simplificado do Plano de Formação
- Quadro 05: Plano de Formação da EFA Serra da Capivara

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Os pilares da Pedagogia da Alternância

Figura 02: Refletindo o Plano de Formação

Figura 03: Mapa de São Lourenço do Piauí

Figura 04: Entrada da Escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO DOS POVOS DO CAMPO: AS LUTAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	18
1.1 As Lutas e Resistências dos camponeses pelo direito à educação	18
1.2 Educação do Campo: ressignificando a luta camponesa	23
1.3 Pedagogia da Alternância: um diálogo com o meio socioprofissional do educando	26
1.3.1 Pedagogia da alternância: princípios, pilares e as mediações pedagógicas	32
1.3.2 O Plano de Formação da Pedagogia da Alternância.....	38
CAPÍTULO II - CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	44
2.1 A pesquisa qualitativa e sua caracterização	44
2.2 Lócus da pesquisa: Escola Família Agrícola Serra da Capivara	46
2.3 O perfil dos/as participantes da pesquisa	49
2.4 Procedimentos de construção e organização dos dados	50
2.4.1 A análise documental.....	51
2.4.2 A entrevista semiestruturada	51
2.4.3 Roda de conversa.....	52
2.4.4 A análise dos dados	54
CAPÍTULO III: O PROCESSO DE ELABORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE FORMAÇÃO NA EFA SERRA DA CAPIVARA	56
3.1 A importância do Plano de Formação no desenvolvimento dos projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância	56
3.1.1 O papel do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços educativos na EFA.....	63
3.1.2 As estratégias utilizadas pela EFA para a elaboração do Plano de Formação	67
3.1.3 Organização do trabalho pedagógico da EFA com relação aos tempos e espaços formativos do jovem	75
3.2 O desenvolvimento do Plano de Formação da EFA Serra da Capivara: as possibilidades e os desafios na construção interdisciplinar do conhecimento	80
3.2.1 Os desafios no processo de elaboração e desenvolvimento do Plano de Formação	93

CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	106

INTRODUÇÃO

O debate sobre a educação dos povos do campo faz parte da luta dos movimentos sociais por melhores condições de vida para o camponês e das reivindicações das políticas educacionais que contribuam para a superação da precarização do ensino. Nesse caso, o movimento em defesa da educação do campo está associado às lutas contra um projeto de educação, vinculado ao sistema capitalista e aos seus meios de produção atrelados ao agronegócio.

Sabe-se que o Brasil é um país com fortes características agrícolas e grande concentração fundiária que traz como marca histórica a exclusão dos camponeses pelo direito à terra. Diante desse contexto, a luta por terra, moradia e educação sempre fizeram parte das bandeiras de luta dos movimentos sociais do campo. A contradição fundiária constitui-se num dos maiores problemas enfrentados no país desde a sua colonização que reflete fortemente no modo de vida no campo e nas lutas dos movimentos sociais. Sendo assim, o debate da educação do campo emerge nesse processo de luta dos camponeses pelo direito à terra e à vida no campo (MEDEIROS, 1989).

Historicamente, a Educação Rural faz parte de uma trajetória marcada pela manutenção de uma educação bancária, constituída nos moldes da educação urbana neoliberal, visando apenas aos interesses das classes dominantes, assim, negligenciando o ensino ofertado no campo. Na luta pelo acesso à educação, de forma mais digna e igualitária, os movimentos sociais buscam romper com o modelo de Educação Rural utilizado no campo.

À vista disso, a Educação do Campo surge como uma perspectiva diferenciada de ensino que valoriza as especificidades dos educandos e do contexto sociopolítico e cultural de seu território. Ao pensar em uma educação comprometida com a formação crítica e a transformação social do campo, os camponeses enfrentam inúmeros desafios ao longo dos anos para garantir a implantação de escolas públicas no e do campo que assegurem aos povos camponeses o direito à educação de qualidade, voltada às suas necessidades políticas e sociais. Nessa perspectiva, a Educação do Campo busca romper com o ensino tradicional oficial e superar as contradições impostas pelo sistema capitalista.

Sendo assim, a Educação do Campo constituiu-se como prática social atrelada às lutas dos camponeses, dentro de uma proposta mais ampla de construção de outro modelo de campo. Nesse sentido, a Educação do Campo se apresenta como um instrumento de transformação que possibilita o desenvolvimento dos povos do campo (CALDART, 2012).

Frente a essa conjuntura, os movimentos sociais do campo atuam no sentido de garantir o direito à educação no/do campo e fomentam novas perspectivas de ensino, que se contrapõem aos paradigmas dominantes, uma vez que busca a superação dos desafios e lacunas dos processos educativos.

Diante da ausência de políticas de educação para os povos do campo, surge a Pedagogia da Alternância como uma metodologia de ensino diferenciada, utilizada pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs)¹. A Pedagogia da Alternância nasce dentro deste contexto de luta na defesa da educação dos povos do campo, trazendo contribuição teórica e metodológica importante para educação dos camponeses em uma perspectiva de ensino contra hegemônica. Nesse sentido, de acordo com Queiroz (2004), o grande desafio para a escola da Alternância é articular os conhecimentos da realidade da escola à realidade do mundo do trabalho, pois não se trata apenas da articulação de diferentes espaços e tempos de formação.

Essa pedagogia integra e valoriza as especificidades dos educandos, levando em conta seu modo de vida e seu desenvolvimento no meio ao qual está inserido. Assim, a Alternância possibilita o diálogo entre o mundo da escola e o mundo da vida, entre teoria e prática, através da formação humana e criativa da pessoa, que por sua vez promove o desenvolvimento da práxis humana (SILVA, 2007).

Isso posto, o processo de investigação desta pesquisa balizou-se a partir da seguinte questão: De que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da Capivara, visando a construção interdisciplinar do conhecimento? A fim de elucidar essa indagação, este trabalho tem como objetivo geral: Analisar de que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, visando a construção interdisciplinar do conhecimento.

No que tange aos objetivos específicos, buscou-se, contudo: Compreender a importância do Plano de Formação no desenvolvimento de projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância; Discutir as contribuições do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços de formação na EFA; Verificar as estratégias utilizadas pela EFA que fomentem a participação dos educadores, educandos e as famílias na construção do Plano de Formação; Analisar o desenvolvimento do Plano de Formação da EFA

¹ A Pedagogia da Alternância é utilizada em várias experiências educacionais, como nas Escolas Família Agrícola (EFA), Nas Casas Familiares Rurais (CFRs), que são denominadas de centro de formação por alternância (CEFFA) (QUEIROZ, 2004). A Pedagogia da Alternância também está presente nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC e em outras unidades escolares.

de São Lourenço, destacando os desafios e as possibilidades com relação a sua construção e implementação coletiva.

Do ponto de vista metodológico, optamos pela pesquisa qualitativa que possibilitou uma melhor relação com os participantes da investigação, através de uma abordagem crítico-dialética, que pressupõe uma análise da realidade em estudo, por meio da reflexão-ação da realidade. Para isso, o *Lócus* da pesquisa foi a Escola Família Agrícola Serra da Capivara – EFASC, localizada no município de São Lourenço-PI.

A Escola Família Agrícola Serra da Capivara – EFASC abrange os dezoito municípios do Território da Serra da Capivara e vem desenvolvendo junto à juventude camponesa um grande trabalho no que diz respeito a sua formação como cidadão (EFASC, 2020). De modo que a Alternância educativa fortalece a relação teoria/prática (escola/família/comunidade), permitindo que os jovens alternem períodos de formação no ambiente escolar com períodos de práticas, experiências e pesquisas no ambiente familiar e comunitário, com vista a integrar família e escola no processo contínuo de formação.

Apreende-se, portanto, que a Pedagogia da Alternância possui uma identidade própria que a vincula ao meio em que está inserida. O desafio, contudo, nesse contexto, é entender a singularidade, o contexto e os aspectos dessa pedagogia, partindo do pressuposto que as EFAs atuam na promoção humana e na formação integral dos educandos.

À luz dessas apreciações, esta pesquisa, surge a partir da vivência e formação da pesquisadora na área da Pedagogia da Alternância. Ao longo desse caminho percorrido em busca de conhecer e vivenciar a Alternância, foi possível desenvolver um diálogo mais próximo com essa metodologia de ensino, e, por essa razão, passei a ser defensora desta pedagogia e lutar pela valorização e reconhecimento de quem vive, estuda e trabalha no campo. Ao longo de 10 anos de trabalho, na Escola Família Agrícola de Eliseu Martins – EFAEM, pude contribuir como monitora, coordenadora pedagógica e diretora daquela instituição. Esta experiência na EFAEM me possibilitou uma visão diferenciada do mundo, ao proporcionar muitos momentos importantes de aprendizagem e troca de conhecimentos com os educandos, suas famílias e as comunidades.

Sobremaneira, o ingresso no curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEDOC, na Universidade Federal do Piauí, Campus de Bom Jesus - PI, na área de Ciências Humanas e Sociais, trouxe uma nova perspectiva de luta pela Educação do Campo. Através dessa formação foi possível romper com alguns paradigmas, quebrar algumas arramas da opressão, reconhecer o lugar de fala, como também possibilitar o acesso à educação aos oprimidos e aos esquecidos, a fim de procurar sempre se sobrepor à linearidade do sistema de ensino opressor, que

desvaloriza qualquer forma de ensino que humanize e desperte uma dimensão mais crítica e participativa do sujeito.

Assim, com o término da LEDOC, fui selecionada para trabalhar como substituta da Universidade Federal do Piauí, em Bom Jesus, passando a contribuir com a formação de outros colegas no Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Durante todo esse tempo de vivência com a PA, tive a oportunidade de participar da formação inicial, formação continuada em parceria com MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo e Universidade Federal do Piauí e outros parceiros. Através do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação do Campo (NUPECAMPO/UFPI) participei da coordenação do Curso de Formação em Pedagogia da Alternância para os monitores das EFA do Piauí e de outros estados vizinhos.

Depois de uma longa caminhada no chão da EFA, atualmente, passei a contribuir em uma dimensão mais política do movimento, atuando como secretária executiva da AEFAPI, bem como, membra da Equipe Pedagógica Nacional – EPN vinculada à União Nacional das Escolas Família Agrícola – UNEFAB.

Não obstante, fizemos a opção de enveredar por esta área de estudo por considerar que ainda há poucas pesquisas sobre esta temática, uma vez que é pertinente ressaltar sua importância para o campo da Pedagogia da Alternância. Nesse caso, o desenvolvimento desta pesquisa se justifica devido à necessidade de uma maior compreensão da finalidade do Plano de Formação na construção de projetos educativos que estabeleçam o diálogo entre a escola e o meio socioprofissional do educando. Por intermédio desta investigação, conseguimos ampliar a compreensão desta mediação tão importante que possibilita um diálogo educativo da Alternância com os componentes curriculares vivenciados na EFA.

Para isso, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo: “*Educação dos povos do Campo: as lutas dos Movimentos Sociais*”, destacam-se a resistência e a luta dos camponeses pelo direito à educação, como forma de superar o modelo de educação rural, com a construção do projeto de educação popular como possibilidade de diálogo com os sujeitos do campo, desdobrando no surgimento da Educação do Campo que ressignifica a luta dos camponeses. Nesse capítulo, enfatiza-se também o debate sobre a Pedagogia da Alternância através de um olhar sobre a realidade que perpassa pelos princípios, pilares e instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância, e, por fim, evidencia-se o Plano de Formação no contexto da Pedagogia da Alternância.

Por sua vez, o segundo capítulo: “*Caminhos Metodológicos da Pesquisa*”, destaca a pesquisa qualitativa e a sua caracterização, cenário da pesquisa, o perfil dos/as participantes da

pesquisa, procedimentos de construção e organização dos dados, a análise documental, a entrevista semiestruturada, roda de conversa e a análise dos dados.

E o terceiro capítulo: “*O processo de elaboração e desenvolvimento do Plano de Formação na EFA Serra da Capivara*” enfatiza a importância do Plano de Formação no desenvolvimento dos projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância, destacando o papel do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços educativos na EFA. Além disso, apresenta a discussão sobre as estratégias utilizadas pela EFA na elaboração do Plano de Formação, evidenciando que o desenvolvimento do Plano de Formação da EFA Serra da Capivara, na perspectiva da construção interdisciplinar do conhecimento, é marcado por desafios e possibilidades.

No que concerne às considerações finais, destacamos as experiências educativas das Escolas Família Agrícola (EFAs) desenvolvidas a partir da Pedagogia da Alternância, que tem como finalidade promover o processo de formação dos educandos articulando o meio socioprofissional, através das experiências sociais e políticas dos camponeses com os conteúdos escolares por meio da articulação teoria/prática.

Entretanto, a partir do processo desta investigação, verificou-se que as experiências da EFA Serra da Capivara com o Plano de Formação apresentam algumas lacunas, sobretudo com relação ao processo de elaboração e execução do Plano de Formação. Observamos que alguns fatores, tais como a ausência da família na escola e o desconhecimento de alguns educadores, alunos e famílias acerca do Plano de Formação trouxeram prejuízos para o processo de articulação interdisciplinar dos conhecimentos e saberes no contexto das práticas educativas da EFA.

Ademais, entende-se que há uma diferença entre o Plano de Formação, proposto por Gimonet (2007) e aquele utilizado na EFA, concebido a partir de uma estrutura simplificada que dificulta a compreensão do trabalho desenvolvido pela Escola com relação a articulação dos variados conhecimentos e saberes nos diferentes tempos e espaços da formação.

CAPÍTULO I:

EDUCAÇÃO DOS POVOS DO CAMPO: AS LUTAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Neste capítulo inicia-se uma discussão acerca da luta dos camponeses por melhores condições de vida e pelo direito à educação, pautados na resistência contra o modelo de educação rural e na construção de outro projeto de educação, representado pela Educação do Campo, que se constitui como paradigma educativo contra hegemônica, forjado nas mobilizações sociais e políticas dos Movimentos Sociais.

Além disso, destacam-se as contribuições da Pedagogia da Alternância dentro da concepção de educação libertadora dos povos do campo. Uma pedagogia diferenciada que, através de seus pilares, princípios e mediações pedagógicas, dialoga com os espaços e tempos que acontece a formação do educando consolidados por meio do Plano de Formação e que norteia todo o processo de formação por Alternância.

1.1 As Lutas e Resistências dos camponeses pelo direito à educação

Vivemos em um país com características agrícolas e forte concentração fundiária marcado por intensas disputas políticas e econômicas. Com isso, desde muito cedo os povos do campo tiveram que aprender a lutar para garantir sua sobrevivência. Assim, primeiramente, surge as lutas pelo direito à terra, fruto de uma herança colonial que expropria e concentra o poder nas mãos de poucos - os grandes latifundiários.

Nesse contexto, o campesinato brasileiro tem enfrentado inúmeras dificuldades devido à expansão do Capitalismo, através do avanço do agronegócio e da industrialização no campo, de tal maneira a transformar a relação com a terra e com os setores produtivos que existe no campo. A esse respeito, evidencia-se que

O campesinato é sempre um polo oprimido de qualquer sociedade. Em qualquer tempo e lugar, a posição do camponês é marcada pela subordinação aos donos da terra e do poder, que dele extraem diferentes tipos de renda, renda em produto, renda em trabalho, renda em dinheiro (MOURA, 1986, p.10).

Assim, na condição de excluídos de suas terras, os camponeses organizaram-se através dos movimentos sociais para lutar por melhores condições de vida, como para preservar sua identidade, suas relações, sua cultura e, acima de tudo, resistir aos impactos ocasionados pelo modo de produção capitalista.

Com isso, na tentativa de superar os desafios impostos pelo capitalismo, foi necessário um esforço maior dos movimentos sociais para buscar romper com a linearidade do sistema opressor, para garantir a emancipação camponesa por meio da construção de um projeto de educação que favoreça a formação crítica dos povos do campo.

Posto que a trajetória dos movimentos sociais do campo, na década de 50 e 60, foi marcada fortemente pelas lutas do movimento de Educação Popular, intermediadas por organizações partidárias e bandeiras de lutas comuns, que emergiam das lutas internacionais após a Segunda Guerra, com o fortalecimento de diferentes forças sociais que se contrapunham na conjuntura social marcada pelas contradições da sociedade capitalista. Diante desse cenário, os movimentos sociais do campo receberam forte influência da igreja católica, assim como do Partido Comunista Brasileiro, principal referência política na época (MEDEIROS, 1989).

Isso é, os movimentos sociais do campo, que antecederam ao período da ditadura militar, enfatizavam as carências e as necessidades do campesinato, uma vez que a má distribuição e a concentração de terra e renda fomentaram o surgimento de movimentos sociais que atuavam em diversas áreas. Nesse contexto,

As Ligas Camponesas surgiram como um movimento religioso e legalista, aí por meados dos anos cinquenta. No Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, os chamados moradores, de fato arrendatários submetidos a formas arcaicas de pagamento de renda-em-trabalho, pediram e obtiveram permissão do fazendeiro para organizar uma cooperativa funerária para amenizar os custos de sepultamento dos mortos (MARTINS, 1994, p. 60).

Nada obstante, os movimentos sociais do campo são formados por trabalhadores e a juventude rural que representam o campesinato brasileiro e tinham como principais bandeiras de luta a Reforma Agrária, a melhoria das condições de trabalho e o combate ao processo de substituição do homem pela máquina no meio agropecuário. Portanto, as Ligas Camponesas, as Organizações dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, na década de 1950, estavam bem estruturadas envolvendo quase todo país. Por seu turno, com o golpe militar de 1964, as Ligas Camponesas foram extintas pelo poder da repressão ditatorial, enfraquecendo a principal frente do movimento social.

Evidentemente que, durante o regime militar, os movimentos sociais do campo foram perseguidos e reprimidos pelas forças autoritárias do Estado, e com isso tiveram que atuar de forma clandestina. No entanto, com o processo de redemocratização, no final da década de 1970, houve uma reorganização política e social com o surgimento de novos movimentos

sociais. Nesse contexto, surgiu em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), criado na Cidade de Cascavel, no Paraná, durante o I Congresso Nacional do Movimento.

Concebido sob a influência da Pastoral da Terra (CPT) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), vinculadas ao setor progressista da igreja católica, o MST surge com o propósito de fortalecer a luta pela Reforma Agrária, luta pela terra e pela transformação social. Logo, na luta contra a concentração fundiária, os movimentos sociais do campo, através da resistência camponesa, lutam em defesa da Reforma Agrária e organizam pautas de reivindicações ligadas à distribuição de terras, moradia, saúde; e, entre suas principais bandeiras de luta está a defesa pelo direito do acesso à educação. (MATOS, 2003).

Destarte, os povos do campo viviam, por um lado, o dilema da ausência de políticas públicas que assegurassem o direito à educação aos camponeses; por outro, à implementação de um modelo precário de educação, denominado de Educação Rural, que tinha o objetivo de conter o êxodo rural e contribuir com o processo de industrialização do campo por intermédio dos projetos produtivos associados ao agronegócio (LIMA, 2020).

Esse modelo de ensino rural possuía uma dimensão educativa associada à concepção de educação bancária, discutida por Freire (1987), voltada ao desenvolvimento de projetos educativos que não dialogava com a realidade do camponês. Ou seja, a educação bancária é uma educação ligada aos interesses das classes dominantes, criada para manter o sistema de dominação que utiliza instrumentos de reprodução da relação opressor-oprimido.

Nessa perspectiva, a Educação Rural tinha como principal finalidade frear o processo migratório campo-cidade e evitar o inchaço populacional nos grandes centros urbanos. Assim, apresenta-se como uma medida paliativa, assistencialista trazendo para o camponês a ideologia de um falso progresso, com um ensino fora da realidade, da cultura e dos costumes dos camponeses. Embora esse modelo de educação tenha predominado até a segunda metade do século XX (SOUZA, 2006).

Além disso, o cenário que constitui a educação dos camponeses é marcado por momentos de lutas e contradições, avanços e recuos situados em contextos históricos que afetam a estrutura social, cultural e econômica, por causa da marginalização e silenciamento do campesinato. Desse modo os vários problemas enfrentados no campo em meio a crises econômicas e conflitos serviram de combustível para organização dos movimentos sociais do campo.

Portanto, não podemos perder de vista o importante papel dos movimentos sociais na luta contra a dominação capitalista, rompendo o ensino linear, haja vista ter o aumento e

fortalecimento do acesso à escolarização da classe trabalhadora do campo, contribuindo para uma nova concepção de mundo construída com base na visão contra hegemônica.

Ademais, vale a ressalva que o protagonismo dos sujeitos campesinos surge a partir das mobilizações dos movimentos sociais do campo, através de uma proposta de educação que vê na escola do campo uma possibilidade de consolidação da luta por seus direitos. Na difícil missão de enfrentar os desafios impostos pela sociedade, para garantir o acesso à educação dos sujeitos do campo, esses movimentos assumem a missão de construir um outro projeto de educação, denominado de Educação do Campo.

Dessa maneira, a organização dos movimentos sociais, constituídas nos sindicatos rurais, associações e organizações comunitárias materializaram-se ao longo desse processo de luta e fizeram surgir uma educação diferenciada, que se apresenta como uma possibilidade de Educação Popular que impulsionou os movimentos sociais a continuarem suas mobilizações coletivas, fortalecendo a resistência, despertando o camponês para se inserir em novas pautas e ocupar novos espaços.

Neste sentido, o contexto do campo e as formas de organizações dos movimentos sociais possibilitam novas perspectivas políticas e pedagógicas que buscam acabar com as formas de opressão e exclusão social constituídas a partir de paradigmas dominantes e de lacunas históricas deixadas no tempo.

Por isso, na tentativa de romper com esse sistema de educação implementado no campo brasileiro, que dificulta o acesso do camponês a uma educação de qualidade, surge, na contramão da Educação Rural, a Educação Popular. Uma metodologia de ensino diferenciada, com uma perspectiva de formação que nasceu no interior dos movimentos sociais e que buscava fortalecer a luta camponesa através do esclarecimento desses movimentos na tentativa de alcançar as reivindicações de políticas públicas de melhoria para o campo. (CALDART, 2012).

O Movimento de Educação Popular é, então, constituído de luta e resistência, que visa construir um novo modelo de sociedade e de educação que se coloque como contraponto a uma concepção de educação imposta pela burguesia. É, portanto, fruto da resistência dos movimentos sociais populares. Outrossim, como ressalta Paiva (1984) que apresenta as definições de educação popular e do campo enquanto arma contra a subordinação da classe camponesa e ferramenta para a transformação em sujeitos sociais autônomos com poder para decidir os rumos de sua educação.

Sob este viés, a Educação Popular é um movimento pedagógico e político latino-americano que defende a existência de uma sociedade justa e democrática. No tocante a essa abordagem pedagógica, o educador Freire, principal influência da época, tinha uma concepção

popular emancipadora de educação, que nasceu no calor das lutas populares com uma proposta educativa voltada à conscientização política do povo oprimido, que surge em meio às contradições e visa assegurar uma formação cidadã, autônoma, crítica, humana e emancipadora (FREIRE, 1987).

No que diz respeito ao Brasil, a resistência e a luta dos movimentos sociais contra as formas de opressões e a exclusão social, instituídas pelas elites agrárias e os governos autoritários, marcaram a segunda metade do século XX. Isso se evidenciou com o avanço da Educação Popular a partir da referência de Freire, que elaborou uma crítica ao que denominou ‘educação bancária’. Nessa perspectiva, Freire tinha uma concepção de educação popular emancipadora, voltada ao diálogo e a problematização dos saberes populares em uma perspectiva libertadora (BRANDÃO, 2002).

Haja vista que a concepção de educação popular traz uma perspectiva de educação libertadora que se constitui a partir da práxis dos movimentos sociais, que deve se constituir como um caminho para a transformação social. Acerca desta abordagem, Brandão (1990, p.55) corrobora que

A Educação Popular supõe que as camadas da população mais marginalizadas e mais pobres se apropriem de um novo saber- instrumento; um saber que pode ser usado diretamente na realização dos objetivos sociais dessas camadas. Muitas vezes é a esse saber de conhecimentos do povo que se dá o nome de cultura popular.

Dessarte, essa educação problematizadora está voltada ao desvelamento da realidade do educando, acolhendo suas necessidades, que por sua vez tende ao desenvolvimento de ações comprometidas com a transformação social, através do reconhecimento do ser humano e dos seus valores.

Neste contexto, a Educação Popular origina-se no Brasil a partir das lutas dos movimentos sociais contra as formas de opressões dos governos e grupos políticos autoritários da segunda metade do século XX. Contudo, a Educação Popular surgiu na perspectiva de se contrapor ao modelo de educação tradicional, denominada de ‘educação bancária’, à medida que pressupõe que alguns detêm o saber e outros não.

Assim, na perspectiva da Educação Popular, os oprimidos são sujeitos do processo de formação. De acordo com Freire (1996), fica evidente que a educação enquanto ato político deve considerar a ética nas relações humanas, o diálogo e o respeito à diferença. A Educação Popular, portanto, lida com situações concretas para ajudar os educandos a compreenderem o mundo ao seu redor.

Em vista disso, a Educação Popular atua na perspectiva da formação crítica e da emancipação humana, através da ação-reflexão-ação que integra teoria e prática, constituindo, assim, a práxis humana. A partir do pensamento de Freire (1987), essa práxis educacional apresenta uma possibilidade de problematizar a realidade visando a superação das desigualdades sociais marcada pelas relações desiguais de poder e pelas diversas formas de exclusão e silenciamento do oprimido.

Isso posto, infere-se que a Educação Popular mobiliza esforço no sentido de promover ações de formação e mobilização dos camponeses, utilizando-se de uma metodologia que dialoga com a realidade do educando. Na década de 80, a Educação Popular ressurgiu dentro do movimento de luta contra a Ditadura Militar, fortalecendo as mobilizações pela redemocratização do país. Neste contexto, a Educação Popular exerceu um papel importante no fortalecimento dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, das associações comunitárias e de agricultores familiares, bem como, de outras organizações comunitárias que, posteriormente, abraçaram às lutas em favor de uma educação diferenciada para o campo brasileiro.

1.2 Educação do Campo: ressignificando a luta camponesa

Como supracitado, a luta em defesa da educação do e no campo emerge no contexto das ações e das mobilizações dos movimentos sociais pela reforma agrária, constituindo-se a partir das experiências acumuladas pelos movimentos sociais. Essa luta é um processo histórico que culmina no nascimento do Movimento de Educação do Campo no Brasil.²

Não obstante, a realização do I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), realizado em julho de 1997, na Universidade de Brasília, demarcou o início das discussões políticas e pedagógicas acerca da Educação do Campo, à medida que se aponta como ponto de partida, às experiências do MST, além de outros movimentos sociais, bem como, a educação nas escolas de assentamentos da Reforma Agrária e acampamentos de sem-terra já se constituía prática reconhecida, buscando uma escola de qualidade e problematizadora para o campo.

Nesse contexto, o Movimento de Educação do Campo, que começou a ser germinado nos debates do I ENERA, teve um papel fundamental na elaboração de uma concepção de educação que valorizasse os educandos como sujeitos constituídos de saberes e que possui sua

² O Movimento de Educação do Campo no Brasil nasce das mobilizações/pressões de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas, com o intuito de garantir para os camponeses um novo paradigma que resulte das organizações dos movimentos sociais do campo. (CALDART, 2004).

própria identidade, capazes de transformar a própria história. O I ENERA possibilitou elementos primordiais para o Movimento de Educação do Campo evidenciando a existência de um sujeito coletivo, capaz de ter consciência dos seus direitos.

Também foi a partir do I ENERA que os movimentos sociais do campo ampliaram suas articulações na defesa de um projeto de educação que fosse concebido com base nos anseios e nas lutas dos camponeses. Com esse propósito, foi realizada, em 1998, em Luziânia – Goiás, a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo que reuniu educadores, educandos, pesquisadores universitários, movimentos sociais, dentre outros sujeitos do campo, com o intuito de trocar experiências e discutir sobre os referenciais políticos e pedagógicos da educação do campo no Brasil (LIMA, 2020).

Diferentemente da Educação Rural, a Educação do Campo é uma proposta que surge da luta dos diversos movimentos sociais ligados ao campo, e, por isso, quando se fala em Educação do Campo logo se pensa nas lutas sociais vividas pelos trabalhadores na busca por um ensino diferenciado para o campo. Segundo Caldart et al. (2012, p.15),

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade.

Sobretudo, a educação do/no campo compreende a prática social do sujeito como alicerce de sua estruturação, capaz de fortalecer a resistência camponesa e possibilitar aos sujeitos o direito de construir sua própria história. Nessa perspectiva, Caldart (2011, p.110) defende que

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito.

Dessa forma, a escola deve se constituir como o espaço de formação social e política dos sujeitos, bem como um espaço de luta e resistência. A Educação do Campo é um paradigma capaz de garantir a emancipação do sujeito do campo através da sua participação como sujeito histórico.

Nesse contexto de luta em defesa da Educação do Campo, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tem papel importante, pois buscou aglutinar vários outros movimentos sociais do campo em torno do Movimento da Educação do Campo. Além disso, o MST teve função relevante na elaboração do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que fortaleceu o acesso da classe trabalhadora do campo à educação, assegurando aos camponeses a formação escolar através da consciência de classe que perpassa o conhecimento científico.

Segundo Molina (2003), na primeira etapa de execução do Programa era possível identificar a disputa política na organização, na composição das comissões, na quantidade de recursos em sua descentralização. Entretanto, era necessário que a educação possibilitasse uma transformação social, uma revolução cultural que perpassasse pela práxis da Educação do Campo.

O PRONERA, no entanto, surge a partir dos debates coletivos do I ENERA, no qual a população camponesa tem o direito de ser educada no lugar onde vive. A luta pela garantia desse direito é marcada por uma trajetória que passa por diversos paradigmas como uma política pública que representa a bandeira de luta dos povos do campo através da sua identidade, cultura e participação.

Segundo Caldart (2002), este paradigma reflete o sentido das atividades dos camponeses que buscam garantir a sobrevivência das lutas sociais e culturais do campo. Nesse caso, a Educação do Campo nasce dentro da luta pela terra dos movimentos sociais, ou seja, uma reivindicação pelo direito social do campesinato. Portanto, a luta dos povos do campo almeja um projeto social de educação pública e de qualidade em prol do desenvolvimento do campo que tenha o camponês como protagonista desse processo de transformação.

Assim sendo, a Educação do Campo é destinada à classe trabalhadora do campo que ao longo dos anos vem se consolidando como uma alternativa viável de formação, de modo a valorizar as especificidades dos sujeitos camponeses. As conferências, programas, diretrizes realizadas ao longo da caminhada da Educação do Campo é fruto das lutas dos movimentos sociais que incessantemente se mobilizaram em defesa de uma educação de qualidade para o campo.

Assim, o desenvolvimento do campo, através da formação dos sujeitos pelo PRONERA, também possibilitou a implantação de outras políticas públicas para Educação do Campo, como o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO), em 2007, visando a formação de professores para atuarem nas escolas do campo. Esse programa teve início funcionando mediante parcerias a partir das iniciativas da

Secretaria de Educação Continuada de Alfabetização e Diversidade (Secad), que por meio do Ministério da Educação visava o fortalecimento da formação inicial para educadores do campo. Ainda sobre esse assunto, Caldart (2002, p. 36) salienta que

Defendemos com tanta insistência a necessidade de política e projetos de formação das educadoras e dos educadores do campo. Também porque sabemos que boa parte deste ideário que estamos construindo é algo novo em nossa própria cultura. E que há uma nova identidade de educador que pode ser cultivada desde este movimento por uma educação do campo.

Além disto a formação de educadores e educadoras do campo significa a valorização de saberes específicos, através do reconhecimento das relações constituídas com práticas coerentes que valorizam as especificidades, princípios e valores do campo.

Portanto, pode-se destacar que o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO), vinculado ao Ministério da Educação, é um importante programa de educação do campo no Brasil. O programa é previsto pelo Decreto nº 7.352, instituído por meio da Portaria 86, de 1º de fevereiro de 2013, e foi lançado pela presidente Dilma Rousseff, em março de 2012. Tal iniciativa surgiu também da mobilização das organizações e movimentos sociais, constituindo-se como uma política pública na luta pela educação do campo e pela reforma agrária. Assim, o Pronacampo representa um

Conjunto de ações articuladas que asseguram a melhoria do ensino nas redes existentes, bem como, a formação dos professores, produção de material didático específico, acesso e recuperação da infraestrutura e qualidade na educação no campo em todas as etapas e modalidades (BRASIL, 2012).

Ademais, a luta pela educação no e do campo transcende à luta pela terra. Na tentativa de entender as diversas realidades do campo, vão surgindo novos programas, novas pedagogias destinadas aos sujeitos do campo que considere sua capacidade, cultura, identidade e valorize suas especificidades, com o intuito de melhores condições de vida nas comunidades.

Neste contexto de luta, na defesa da educação dos povos do campo, nasce no interior das organizações sociais a Pedagogia da Alternância, em uma perspectiva de luta frente aos desafios impostos pela sociedade. Entretanto, vale destacar que a PA é uma pedagogia diferenciada, uma referência para os camponeses e se constitui como uma alternativa viável de ensino.

1.3 Pedagogia da Alternância: um diálogo com o meio socioprofissional do educando

O cenário francês na década de 1930 era de muita instabilidade social e econômica. É nesse contexto que a Pedagogia da Alternância surge na França, em 1935, como uma alternativa de educação voltada à realidade e às necessidades dos filhos dos agricultores da época. Isso, mediante a insatisfação das famílias com o sistema de ensino que não considerava a realidade do campo e, por conseguinte, resultava no desinteresse dos jovens.

Com isso, as transformações econômicas levaram o campo a viver uma ruptura ocasionada pelo desinteresse do Estado, pela agricultura e pela fragilidade do ensino voltado para o contexto urbano. Além disso, a França enfrentava uma grave crise econômica que exigia mudanças tecnológicas nos modos de produção agrícola. Outrossim, havia a necessidade de uma educação associada à formação técnica dos camponeses que contribuísse com o desenvolvimento da agricultura a partir da adoção de novas técnicas de produção. Conforme destaca Estevam (2012, p. 55),

O país havia sido destruído social e economicamente pela primeira guerra mundial e estava em processo de reconstrução. E a agricultura foi um dos setores da economia mais prejudicados e em decorrência disto, vivia um período muito difícil. Outra razão, foi que o sistema agrícola francês, neste período, passava por uma crise resultante das transformações tecnológicas em seu processo produtivo.

Percebe-se, afinal, que as Escolas Famílias representam a história de uma ideia, visto que se trata da história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, indo contra tudo e contra todos, a exemplo do filho de camponês, o padre francês Abbé Granereau, que se comprometeu com o meio rural frente aos problemas enfrentados pelos camponeses. A esse respeito, Nosella (2013, p. 45), reforça que “Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascia de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico”. A filosofia das EFAs é contra hegemônica, pois vivencia a realidade do aluno, causando, vez por outra, desconfiança e incômodo para a política educacional implantada pelo sistema capitalista.

À luz dessa premência quanto à educação, a Pedagogia da Alternância surge como uma esperança para os camponeses. Posto que a experiência da Pedagogia da Alternância possibilita aos camponeses uma aproximação do meio escolar com suas especificidades. A Alternância é uma proposta educacional que respeita e valoriza os saberes existentes nos contextos socioculturais dos seus alunos, considerando a escola, a família e a comunidade como espaços de produção, organização e articulação do conhecimento.

Sobre a concepção das escolas rurais, segundo Nosella (1977), a primeira experiência das *Maisons Familiales Rurales* (MFRs) foi logo após o término da Segunda Guerra Mundial, quando o modelo da Pedagogia da Alternância foi visto como uma alternativa democrática e viável para ajudar na reconstrução sociopolítica das comunidades no pós-guerra.

Nesse seguimento, Estevam (2012) realça que a organização dos pais dos jovens que vivam no campo com ajuda da Igreja Católica levou à formação de uma nova metodologia constituída para atender e fortalecer a educação dos jovens do campo. Essa metodologia ficou conhecida como Pedagogia da Alternância, que compreende a relação jovem e campo.

Quanto a essa metodologia, João Batista Begnami (2003) enfatiza que, entre 1935 a 1940, existiam na França apenas 3 MRFs. Com o aumento da população jovem, em 1942, o número de MFRs já era de 17. Todavia, o período mais forte de expansão das *Maisons* foi nos anos de 1945 a 1960. Afinal, a experiência francesa das MFRs não demorou muito para se fortalecer e chegar a outras regiões do país que sofriam algum tipo de ruptura no campo devido a um período de pós-guerra. Já a primeira experiência fora da França acontece na Itália, no final da década de 1950. Diante deste cenário de expansão, a Pedagogia da Alternância chega rapidamente a vários países.

O Brasil, por seu turno, foi o primeiro país da América Latina a implantar a Pedagogia da Alternância em seu território, no interior do Espírito Santo, em uma região que enfrentava vários problemas econômicos e sociais. Nessa época, em meados do século XX, a conjuntura rural brasileira era quase de total abandono, com muita pobreza e grande êxodo rural, em virtude de problemas econômicos relacionados ao setor urbano-industrial, que tinha como base a expansão do capital (CALIARI, 2002).

Essa configuração, do cenário brasileiro, começa a se reestruturar com a chegada do padre jesuíta Humberto Pietrogrande, do norte da Itália, vindo inicialmente para realizar um trabalho pastoral, que trouxe esperança para aquele povo sofrido, uma vez que o sacerdote passou a trabalhar por políticas públicas para região, a fim de melhorar as condições de vida. Nesse sentido, segundo Sandra Regina Araújo (2005, p. 91), a iniciativa do padre possibilitou a implantação da primeira EFA, em 1969.

[...] o processo de implantação das EFAs, no Brasil, teve início no auge da ditadura militar, período em que o campo sofreu um processo de total abandono por parte dos poderes públicos, excluindo a agricultura familiar. As políticas públicas para o campo, naquela época, estavam centradas na grande produção agropecuária, no modelo de agricultura patronal, voltado para monoculturas e o mercado externo, associado à sofisticação tecnológica, conhecida como modernização conservadora.

Frente à urgência de mudar as condições do povo brasileiro, sobretudo os mais carentes, a chegada da Pedagogia da Alternância no país, nesse contexto, é motivada pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), fundado em 1968, que surge como entidade civil mantenedora das EFAs. Uma organização filantrópica e sem fins lucrativos de inspiração cristã. Assim, o MEPES se destaca por ser uma instituição destinada ao desenvolvimento dos jovens rurais, através da promoção humana e desenvolvimento local (MEPES, 1971).

Como efeito, a partir da iniciativa do MEPES, entre os anos 1969 a 1970, foram implantadas as 3 primeiras EFAs brasileiras: Alfredo Chaves, Olivânia e Rio Novo do Sul, no Estado do Espírito Santo. É válido ressaltar, portanto, que no Brasil, a Pedagogia da Alternância sofre influência das experiências da educação popular e da pedagogia libertadora de Paulo Freire, que se fundamenta no processo de problematização e diálogo com a realidade dos sujeitos, por meio da ação-reflexão-ação, capaz de promover uma leitura crítica da realidade e o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos.

Essa metodologia pedagógica então se expande por todo território nacional. No Piauí, as Escolas Famílias surgiram em 1985, também lideradas pelo Pe. Humberto Pietrogrande, que foi transferido do Espírito Santo para este estado em consequência da missão jesuíta. Através do trabalho social desenvolvido junto à Igreja Católica, o religioso criou a Fundação Antônio Dante Civiero – FUNACI, entidade filantrópica, responsável pela implantação de 5 EFAs nessa região.

Retomando a concepção de Pedagogia da Alternância, entende-se que essa metodologia é constituída de momentos alternados de vivência e estudo na escola, na família e na comunidade. Nesse sentido, a alternância passa a exercer uma função metodológica e pedagógica no processo formativo dos educandos. Por sua vez, para Nascimento (2007), a palavra alternância tem suas origens no vocábulo latim *alternare*, proveniente de *alter*, que significa outro. Ainda consoante o pesquisador, a terminologia alternância designa ritmo diferenciado, de maneira que integra a formação profissional com a formação humana, estimulando a capacidade de pensar criticamente e tem um papel de tornar o sujeito protagonista do próprio conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, Gimonet (2007) corrobora que a Pedagogia da Alternância tem por finalidade abrir caminhos que levam o agricultor, a sua família e a comunidade a desenvolver e criar alternativas de produção de conhecimento que vão além da escola e dos livros didáticos, visto que apresenta possibilidades de garantir trabalho, produção e renda na

propriedade, estimulando a permanência dos jovens no meio rural, além de criar vínculo com a terra.

As Escolas Família Agrícola têm, portanto, a preocupação de fazer com que a alternância se dê na própria família e no espaço rural. Contudo, para que a formação dos jovens e adolescentes do campo aconteça, utilizam-se de espaços e tempos diferentes, divididos entre o meio socioprofissional (família, comunidade e trabalho) e o espaço escolar, em regime de internato, com ênfase na formação integral do aluno e no desenvolvimento local.

Tendo em vista as numerosas apreciações acerca da Pedagogia da Alternância, Begnami (2004), observa que esse conceito vem sendo definido nos últimos anos, por muitos autores, como um processo contínuo de aprendizagem através de uma formação que integra espaços e tempos, na qual o sujeito assume o papel de protagonista, apropriando-se individual e coletivamente do seu processo de formação.

Sendo assim, a experiência da Pedagogia da Alternância trata da aproximação do meio escolar com o meio familiar. A trajetória dessa metodologia permitiu diversas experiências pedagógicas que propiciaram a criação de mediações pedagógicas que norteiam suas atividades. A Pedagogia da Alternância visa, sobretudo, a formação do jovem do campo no aspecto intelectual e profissional, e tem com princípio uma abordagem metodológica que não nega a autonomia do sujeito, visto que se caracteriza pela ação-reflexão-ação. Nada obstante, “Por estes aspectos, a Pedagogia da Alternância dá condição e contribui para formação de jovens participativos, podendo ser uma alternativa para a educação do campo, uma vez que “É também o palco de *uma vida social* no meio de um grupo de vida” (GIMONET, 2007, p. 140),

Em suma, a Pedagogia da Alternância se constitui em momentos onde o jovem concilie as atividades profissionais com as atividades escolares, de modo a promover uma aprendizagem significativa destacando o conhecimento acumulado, e que considere as experiências concretas dos educandos.

Isso porque a metodologia da Pedagogia da Alternância propõe uma formação específica para que os monitores promovam uma maior interação entre escola e família, uma vez que eles exercem um papel fundamental neste processo de formação. Portanto, a Alternância é uma formação integral e transformadora do jovem rural e de seu meio, e a escola e a família possibilitam o desenvolvimento dos pequenos agricultores em sua região.

Com isso, ao se referir à Pedagogia da Alternância, Gimonet (2007) ressalta que, ao que tudo indica, ela vem ao encontro do que defende Paulo Freire, quando traz a educação como processo de conscientização e de conquista da liberdade através do engajamento do sujeito histórico para a responsabilidade social e política. Assim, a Pedagogia da Alternância se destaca

por romper com os métodos tradicionais e possibilitar aos camponeses um horizonte de expectativa, onde o indivíduo pode ser protagonista no meio onde está inserido. A esse propósito, para Nosella (2012, p.47) a solução encontrada foi a de que:

Os jovens permaneceriam unidos alguns dias por mês, em tempo integral, para logo em seguida voltarem à sua propriedade agrícola. Foi uma fórmula que satisfez tanto aos agricultores quanto aos anseios de formação do Sacerdote. O padre logo organizou os jovens em pequenos grupos de forma a atingir, em rodízio, um bom número da juventude de sua paróquia. A escola em alternância tinha nascido e esta fórmula foi chamada, por muito tempo, a “formula de Lauzun”, devido a ser a primeira Casa estruturada nesta cidade.

Mediante essa conjuntura, as EFAs - fruto da luta dos camponeses, constituem uma pedagogia que alterna os tempos e espaços aos quais os alternantes³ estão inseridos. Para Gimonet (2007, p. 16), a Pedagogia da Alternância “parte da experiência da vida cotidiana (familiar, profissional, social) para ir em direção à teoria, aos saberes dos programas acadêmicos, para, em seguida, voltar à experiência, e assim sucessivamente”. Sendo assim, essa metodologia apresenta de forma alternada, espaços e tempos de aprendizagens em movimento sucessivo de idas e vindas à escola, família e comunidade.

Logo, as EFAs articulam o tempo e espaço onde o alternante está inserido na construção da sua autonomia, essa alternância possibilita um diálogo que é fundamental para a formação do ser humano, como observa Silva (2007, p. 58),

O diálogo entre o mundo da escola e o mundo da vida, a teoria e a prática, o universal e o específico, enfim, uma escola que, enraizada na cultura do campo, contribui para a melhoria nas condições de vida e de trabalho dos agricultores(as), e principalmente numa formação humana e criativa da pessoa.

Nesse sentido, a Alternância possui dispositivos de ação que possibilitam a efetivação dessa pedagogia, uma vez que relaciona o conhecimento científico com o meio socioprofissional e cultural que o educando se insere de maneira ativa, constituindo um diferencial eficaz na articulação de saberes produzidos em diferentes espaços.

A Pedagogia da Alternância, em síntese, consiste numa metodologia de ensino que conjuga diferentes experiências formativas ao longo de tempos e espaços distintos, com a

³ Para Gimonet (2007, p. 130), o sujeito alternante na proposta metodológica da Pedagogia da Alternância assume o “sentido das aprendizagens em alternância”. Neste sentido, o jovem se torna alternante através da vivência da Pedagogia da Alternância que tende ampliar as aprendizagens, potencializando as experiências e as relações nos tempos e espaço que o camponês está inserido.

finalidade de uma formação humana e profissional, através de uma educação contextualizada no campo.

Contudo, ressalta-se que a Pedagogia da Alternância é destinada à classe oprimida como uma forma de libertação, posto que a luta em favor do oprimido não pode ser uma luta individual, mas precisa acontecer no coletivo, tratando de aproximar o meio escolar com o meio familiar. Assim, articulando e identificando as representações sociais que são relatadas a partir da vivência entre monitores, alunos, família e comunidade. A Alternância, afinal, se constitui como uma proposta educacional diferenciada que possibilita uma alternativa viável e promissora de educação para filhos e filhas dos sujeitos que vivem no campo, que proporciona saberes diversos e que articula a formação integral dos sujeitos.

Deste modo, essa formação integral é aquela que não desvincula o sujeito do seu mundo e nem dos conhecimentos advindos das suas experiências, é, portanto, uma formação que vai na contramão da educação tecnicista, voltada ao desenvolvimento de competências restritas ao mercado de trabalho e que desconsidera o ser humano e suas especificidades sociais, culturais e políticas.

Nessa perspectiva, a Pedagogia da Alternância está associada à promoção da formação integral à medida que prepara os jovens na dimensão cognitiva, social, política e cultural, bem como, para sua inserção crítica no mundo do trabalho, por meio de uma metodologia que reúne diversas experiências formativas presentes nos tempos e espaços educativos. A alternância de tempo e espaço é entendida como o processo integrador de ensino e aprendizagem, capaz de estabelecer relações que ultrapassam as fronteiras da escola e favorecendo a criação de ambientes propícios à formação cognitiva, cultural e social dos educandos.

Ademais, a educação oferecida nas EFAs é constituída de momentos alternados de vivência e estudo na escola, na família e na comunidade. Sendo assim, a Alternância passa a exercer uma função metodológica e pedagógica no processo formativo dos educandos. Portanto, as Escolas Família Agrícola têm a preocupação de fazer com que essa metodologia se dê na própria família e no espaço rural.

Observa-se, enfim, que essa metodologia de ensino tem como principal objetivo a promoção da formação humana através do desenvolvimento pleno do educando, por meio da valorização da cultura e do saber da experiência, que se constitui no fundamento desta formação emancipadora. Isso fomenta o desenvolvimento de prática educativa capaz de romper com a linearidade da educação, pois apresenta-se como uma possibilidade de desenvolvimento do camponês. Nesta perspectiva, a organização da Alternância perpassa por quatro pilares que

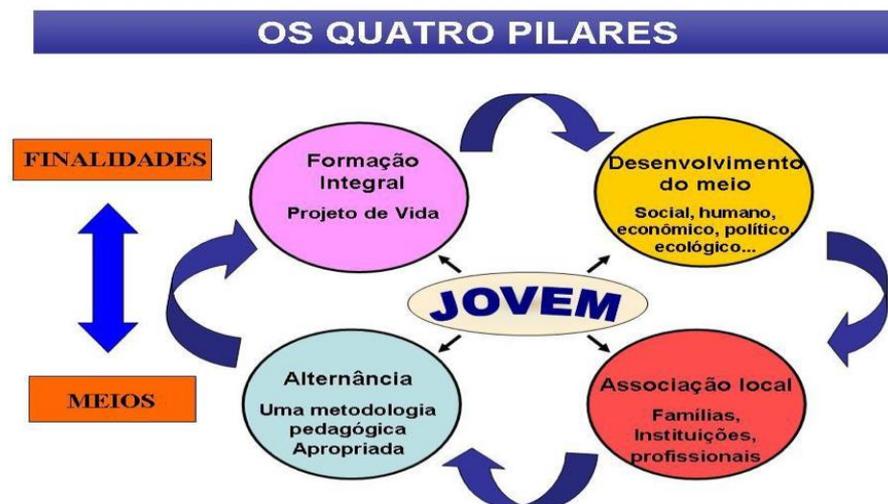
estabelece uma relação com os educandos, com seu meio e com a comunidade que vai além do ensino oferecido em sala de aula (GIMONET, 2007).

1.3.1 A Pedagogia da Alternância: princípios, pilares e as mediações pedagógicas

A Pedagogia da Alternância tem um sistema de ensino diferenciado, que possibilita ao educando pensar o mundo a partir do seu espaço, por essa razão, reúne diferentes experiências formativas presentes ao longo de tempos e espaços. Trata-se de uma aprendizagem capaz de estabelecer relações que ultrapassam as fronteiras da escola e favorece a construção de ambientes que privilegiam a formação cognitiva, cultural e social dos educandos.

Esta pedagogia é construída por quatro pilares, que produzem juntos a autossustentação da Alternância como uma metodologia de ensino diferenciada. A esse respeito, Gimonet (2007, p. 28) ressalta que “A eficiência educativa e formativa da Alternância é ligada à coerência, existindo entre todos os componentes da situação de formação e, notadamente, entre as finalidades, os objetivos e os meios do dispositivo pedagógico”. Observe no quadro a imagem que reflete os quatros pilares da Alternância.

Figura 01: Os pilares da Pedagogia da Alternância



Fonte: CALVÓ (2005, p. 29).

Nota-se que os projetos educativos desenvolvidos por meio da Pedagogia da Alternância se estruturam a partir de quatro grandes pilares, relacionados, primeiramente, quanto aos meios: a) A gestão do CEFFA é desempenhada por uma associação de agricultores; b) A metodologia utilizada é a Pedagogia da Alternância. Depois, quanto aos fins: c) Uma formação integral para

duas gerações: pais e filhos; d) O compromisso com o desenvolvimento econômico e social local.

Esses pilares são responsáveis pela articulação de saberes dentro do processo de formação da Alternância por possibilitar um diálogo que valoriza diferentes saberes, construindo, a partir desta relação conjunta, identidades sociais que valorizem as diferenças sociais do campo. Outrossim, de acordo com Gimonet (2007), na Pedagogia da Alternância é fundamental que exista uma cooperação no processo de formação do educando. Por isso, é importante a participação da família na escola, da escola na família e na comunidade.

Assim, com base em seus pilares, a Pedagogia da Alternância é constituída como uma educação com princípio integrador da realidade vivida pelos sujeitos com a possibilidade de transformação dessa mesma realidade. Neste processo, a Associação Local, a Alternância, o Desenvolvimento do Meio e a Formação Integral são pilares que mediam a concretização do processo de ensino e aprendizagem utilizando as mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância. Na visão de Calvó (1999, p. 5), é a “associação de famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar a problemática comum da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação, principalmente dos jovens, sem, entretanto, excluir os adultos”.

Tanto a família como os demais pilares sustentam a Pedagogia da Alternância e fazem dela uma metodologia diferenciada, favorecendo o crescimento da ação comunitária através do desenvolvimento do campesinato e da formação integral do educando. Entretanto, é importante destacar que as EFAs não atuam somente na formação dos educandos, mas também da família, dando sentido e significado para a proposta pedagógica da Alternância.

Isso significa que o processo educativo desenvolvido por meio da Pedagogia da Alternância não afasta o sujeito de sua realidade, e sim, busca sempre articular os períodos de formação no meio familiar e no meio escolar utilizando os recursos pedagógicos propostos na formação, uma vez que adota uma metodologia própria e possibilita as articulações entre momentos alternados de vivência. Porquanto, destaca-se que estes momentos, que acontecem através da ação pedagógica da alternância, exercem uma função metodológica no processo de formação crítica dos educandos/as, entrelaçando o que se aprende na escola com as experiências da vida.

Na EFA, portanto, a estrutura formativa da Pedagogia da Alternância possui elementos que dão suporte à formação integral do sujeito, o que articula e possibilita a caminhada desta pedagogia nos tempos e espaços distintos (VERGUTZ; CAVALCANTE, 2014).

Além do que a formação em alternância requer uma organização de atividades e um conjunto de recursos pedagógicos específicos, a fim de associar e colocar em sinergia as

dimensões profissionais e gerais, e, assim, aperfeiçoar as aprendizagens. Sobre isso, Zamberlam (2003) relata que a mediação pedagógica da alternância é um meio de integração entre prática e teoria, entre o saber popular e o saber científico.

Desta maneira, as mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância exercem um papel importante na formação do jovem camponês que ingressa na EFA, dado que favorece o fortalecimento de uma metodologia de ensino voltada à formação específica dos jovens, mediante a utilização desses espaços de diálogo pedagógico que ampliam a interação entre escola e família, de modo que fortalece o desenvolvimento do campesinato.

Nas EFAs, a família e a comunidade são destacadas como um espaço de origem de aprendizagem, a escola como agente integrador de conhecimento e a família, por sua vez, constitui saberes de diversos sujeitos. Neste contexto, as mediações pedagógicas da PA auxiliam o processo de aprendizagem, visto que os

Os instrumentos pedagógicos da Alternância possibilitam às escolas que a utilizam realizar a educação nas três dimensões possíveis, que são: a educação formal (escola), a educação não-formal (práticas educativas realizadas na comunidade e na sociedade) e a educação informal (família) (PALITOT, 2007, p. 18).

Como se evidencia, a Pedagogia da Alternância, através de suas intervenções didática e pedagógica, efetiva-se como um veículo de comunicação e transformação que se materializa na prática tanto na escola, como na família e na comunidade, unindo os conhecimentos da comunidade, resultando, então, nas experiências com todos os componentes do núcleo formativo da EFA.

Segundo elucida Martins (2011), as mediações pedagógicas são os dispositivos de ação que possibilitam ao estudante relacionar-se com a família, com os parceiros da formação, com o conhecimento científico, com o meio socioprofissional e cultural, através de uma formação integral e do desenvolvimento do meio.

Mediante esses aspectos, a Pedagogia da Alternância proporciona condição e contribui para a formação de jovens participativos, à medida que pode ser uma alternativa para a educação do campo, visto que “É também o palco de *uma vida social* no meio de um grupo de vida” (GIMONET, 2007, p. 140). Sendo assim, a alternância oportuniza ao educando o acesso ao conhecimento sistematizado e amplia as relações do camponês com seu meio, tornando-se uma alternativa viável de ensino.

Sobre essa abordagem, vale frisar que o termo instrumento pedagógico foi adotado no processo de implantação da Pedagogia da Alternância na França, em um contexto de pós-

guerra, marcado pelo avanço do desenvolvimento técnico e industrial do país. Em virtude disso, alguns autores brasileiros passaram a questionar o viés tecnicista implícito neste termo. A exemplo de Gerke (2011, p.80), que propõe a utilização do termo “mediação pedagógica” em substituição ao termo “instrumento pedagógico”, tendo em vista que, na percepção da autora,

[...] a ideia de instrumento nos remete ainda muito a uma educação tecnicista. Já a ideia de medição nos propõe uma ruptura com essa perspectiva e se aproxima dos pressupostos da Alternância como metodologia das relações mediadas pelos sujeitos e seus contextos sócio-históricos”.

À luz dessas discussões, optamos por utilizar em nossa pesquisa a nova nomenclatura - “mediações pedagógicas”, por considerar que dialoga melhor com a abordagem teórica e pedagógica que fundamenta os projetos educativos desenvolvidos nas EFAs, voltados à formação integral dos jovens, posto que supera a proposta educativa atrelada à preparação de mão de obra, vinculada somente à força do trabalho e à mais valia.

Nessa perspectiva, a mudança proposta por Gerke (2011) dialoga com uma visão mais integrativa da educação desenvolvida a partir da Pedagogia da Alternância, que se constrói conectando os saberes diversos dos sujeitos através do contexto histórico, da realidade concreta e das relações de ensino-aprendizagem. Com base nessa mesma compreensão, Caliari (2013, p.414) endossa que

A Pedagogia da Alternância vale-se de **interposições didático metodológicas** para potencializar o processo de ensino-aprendizagem e fortalecer a inserção das famílias camponesas como parceiras na formação dos seus filhos. Sua peculiar modalidade pedagógica utiliza inúmeras estratégias que coexistem organicamente para a obtenção dos objetivos educacionais, formação profissional e interações sociocomunitárias preestabelecidos.

Assim, a Pedagogia da Alternância, através de suas mediações pedagógicas, efetiva-se como um veículo de comunicação e transformação que se materializa na prática tanto na escola, como na família e na comunidade.

Dentro das Escolas Famílias, essas mediações pedagógicas refletem e analisam a realidade familiar e a da comunidade dos educandos. No sentido de contribuir para a construção de um diálogo entre os sujeitos, sistematiza o conhecimento a partir de práticas sociais do campo, e isso propicia o surgimento de novos saberes através da interação entre escola, família e comunidade.

Nesse aspecto, a ação educativa das EFAs integra o sujeito a sua realidade, com o desenvolvimento de atividades voltadas à sistematização do saber construído no seu contexto,

desde as suas experiências sociais e produtivas. Sendo assim, o processo ensino-aprendizagem da Escola Família utiliza mediações próprias da PA para promover a articulação do conhecimento dos educandos construídos com base em suas práticas, e sistematizados a partir do diálogo estabelecido com os conhecimentos escolares. Ademais,

A sua práxis alterna períodos de aprendizagem no meio socioprofissional na família e na escola. Para efetivação dessa práxis, ela faz uso de mediações que lhe são específicas e que contribuem para articulação entre comunidade, pedagogia, formação integral e profissionalização (GERKE, 2011, p. 80).

Identifica-se, pois, que são vários os componentes que compõe a especificidade da formação da Pedagogia da Alternância. No Piauí, por exemplo, o trabalho pedagógico das EFAs é refletido nos diferentes tempos e espaços, por intermédio das mediações pedagógicas que auxiliam no processo de ensino, conforme destacaremos algumas delas, no quadro a seguir:

Quadro 1: Mediações Pedagógicas da Alternância

MEDIACÕES PEDAGÓGICAS	INTENÇÃO
Plano de estudo	Constitui-se em uma pesquisa que tem como base os temas geradores que orienta cada turma da EFA na investigação em sua comunidade. No retorno da sessão escolar, o PE deve ser apresentado na colocação em comum e posteriormente entrelaçar os conteúdos de cada disciplina.
Colocação em comum	Momento de socialização dos trabalhos realizados na sessão familiar. Um exemplo, é o Plano de estudo.
Tutoria	Período em que o tutor deve acompanhar individualmente cada jovem dentro do CEFFA, ajudando a enfrentar os desafios que possam surgir ao longo da formação. O tutor se propõe a acompanhar as etapas de desenvolvimento do alternante.
Caderno da realidade	Tem como princípio as experiências educativas realizadas na escola e na comunidade. O CR é utilizado principalmente para registrar as atividades do plano de estudo através de uma reflexão da realidade.
Caderno de acompanhamento	Promove uma ligação entre a escola e a família. O caderno de acompanhamento é um registro das atividades da sessão escolar e familiar. Esse deve ser acompanhado pelo tutor do educando na escola e em casa pela família.
Serão	É indispensável no ambiente educativo da EFA. Através do serão se discute vários temas importantes, uma vez que promove debates e questionamentos, surgimento de situações que estimulam o crescimento e o amadurecimento individual e coletivo dos educandos. É um espaço que também pode ser utilizado para aprofundamento do tema do PE trazendo intervenções externas, entre outros.
Projeto Profissional Jovem - PPJ	Demonstra o conhecimento técnico adquirido pelo educando ao longo do curso, assim como sua capacidade de elaborar um

	projeto que deve orientar sua vida futura. É uma oportunidade de o egresso empreender em sua comunidade.
Visita às famílias	Momento propício para observar a realidade sociofamiliar e também questões pedagógicas. Na ocasião, pode acontecer uma assistência técnica, como também um diálogo do tutor com a família do tutorando.

Fonte: Autora

Essa organização das mediações pedagógicas contempla o conhecimento da realidade do educando, através de uma dimensão didática pedagógica que exerce a função de unir os tempos e espaços, conjugando experiências, saberes e conhecimento dentro do processo de formação por alternância.

Sob esse viés, a ação pedagógica que acontece através da utilização das mediações no processo de ensino da EFA, é conduzido pelo Plano de Formação que exerce a função de interligar a alternância aos saberes vivenciados no entorno da formação do sujeito.

Portanto, a Pedagogia da Alternância se constitui em momentos em que o jovem concilie as atividades profissionais com as atividades escolares, de modo que promova uma aprendizagem significativa, dando ênfase ao conhecimento acumulado e considerando as experiências concretas, assim, podemos enfatizar a importância do Plano de Formação que auxilia a PA no processo de aprendizagem dos educandos.

1.3.2 O Plano de Formação da Pedagogia da Alternância

O Plano de Formação trata-se de uma mediação pedagógica da Alternância, que faz a articulação entre formação geral e profissional; sua práxis perpassa por um processo de aprendizagem significativa, através da interação entre as diversas áreas de conhecimento científico e popular, o qual se vale de vários recursos pedagógicos.

Dentre as mediações, o Plano de Formação se destaca, de acordo com Estevam (2012, p. 90), por ser “a estruturação, a priori, dos fins de formação dos jovens e define como está organizada a proposta de alternância”. Sob esse aspecto, a Alternância promove a integração entre os diferentes saberes, e o Plano de Formação exerce uma função interdisciplinar por meio do diálogo entre as disciplinas e conhecimentos empíricos, articulando todos os conhecimentos para a construção de novos conceitos.

Sobretudo, o Plano de Formação possibilita uma articulação integrada dos vários componentes que compõem o currículo da escola. A partir das mediações pedagógicas, o Plano de Formação faz o entrelaçamento entre os saberes teóricos e práticos através de uma dimensão interdisciplinar do conhecimento, como se observa na figura abaixo:

Figura 02: Refletindo o Plano de Formação



Fonte: Autora

Mediante a imagem apresentada, entende-se que o Plano de Formação favorece o diálogo entre as mediações pedagógicas e os conhecimentos específicos mobilizados no currículo, a fim de buscar manter um vínculo com os espaços e tempos da formação, aliando saberes através da ação-reflexão-ação.

Nesse sentido, de acordo com Estevam (2012), o Plano de Formação (PF) norteia o processo de ensino da Pedagogia da Alternância e estrutura a formação dos jovens através da proposta educativa da alternância, já que favorece a interação dos conteúdos programáticos com os saberes vivenciais durante o período de formação, com isso integra os saberes dos diferentes sujeitos no percurso da formação.

Desta forma, o PF tem a função de estruturar a formação que os jovens receberão nas EFAs, através da organização e planejamento das mediações pedagógicas que decorrem dentro do plano. Ou seja, o PF é elaborado a partir de uma pesquisa participativa com a comunidade escolar, para que essa opine com sugestões de temas que posteriormente serão abordados com os educandos, e estes devem fazer parte de sua realidade e despertar seu interesse.

Não obstante, esse Plano tem um papel importante na consolidação do projeto educativo das EFAs, uma vez que contempla os temas de estudo que orientam as aulas e propiciam o diálogo entre os componentes curriculares da Base Comum e da Base Técnica. De acordo com Gimonet (2007), o Plano de Formação integra os saberes dos diferentes sujeitos que contribuem para o processo e procura articular os conteúdos do programa oficial com os Temas Geradores⁴, assim, assegura a prática da alternância, integrando as finalidades do projeto educativo desta metodologia.

⁴ O Tema Gerador promove um diálogo com a realidade vivida do alternante, permitindo que se tenha uma compreensão deste contexto social e político, bem como, a problematização e sistematização deste conhecimento através da visão interdisciplinar que integra saberes práticos e específicos gerando uma aprendizagem mais significativa. (FREIRE, 1987).

Nesse sentido, se concebe como uma construção coletiva dentro da Pedagogia da Alternância, pois exerce a função de unir os tempos e espaços que o educando está inserido, conjugando experiências, saberes e conhecimento dentro do processo de formação, além de efetivar a ação de todos os componentes pedagógicos e curriculares.

Por sua parte, Freire (1988) sugere a organização do conteúdo via Tema Gerador, visto que esse não se esgota apenas em conhecer sua existência, mas se faz necessário a reflexão crítica do ser humano sobre o mundo. O autor se refere ao tema que emerge da problematização de situações significativas da realidade dos indivíduos, posto que trazer temas para as discussões de sala de aula possibilita a compreensão das situações significativas presentes no mundo real do indivíduo. Porém, não pode ser qualquer tema, este, deve emergir da realidade do educando, com base no fazer, pensar, agir e refletir (FREIRE, 1987).

Ainda sobre a organização geral da Pedagogia da Alternância, Gimonet (2007) afirma que é dada por meio do Plano de Formação e representa a orquestração do conjunto dos componentes do dispositivo pedagógico, que passa a ser responsável pela organização das atividades para cada espaço e tempo do processo de formação por alternância.

Embora o Plano de Formação integre diferentes sujeitos: jovens alternantes, monitores, familiares, parceiros, entre outros, ele deve exercer a função de articular os saberes da vida do jovem do campo com os saberes escolares. Como aponta Gimonet (2007), o PF estrutura o percurso formativo que compreende o espaço familiar e espaço escolar, exercendo o papel de elo de ligação e articulação do conhecimento.

Visto que a escola constitui um espaço constituído por diversas pessoas, costumes e culturas que difere de um lugar para o outro, é importante destacar que o PF da EFA deve fazer esta articulação para concretização da Pedagogia da Alternância. Um grande desafio que se apresenta para EFA na organização do seu Plano de Formação é conseguir unir escola, família e parceiros em um mesmo objetivo - a criação de um PF que represente as especificidades do educando e seu meio, e, acima de tudo, conscientizá-los da importância da sua participação.

Afinal, essa articulação entre conhecimento científico e popular só é possível por meio da vivência entre os vários elementos que compõem a alternância e que se articulam através do Plano de Formação. A partir da realidade vivida pelos educandos, as ações do Plano de Formação são definidas de forma coletiva envolvendo escola, família, monitores e comunidade, por meio de uma pesquisa participativa.

Observa-se, contudo, que o Plano de Formação da Pedagogia da Alternância favorece o diálogo entre as experiências educativas vivenciadas no âmbito da escola e da comunidade, bem como, possibilita o diálogo entre os diferentes saberes construídos pelos jovens nestes contextos

e tempos de formação. Neste caso, constitui-se como uma mediação importante na elaboração do conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar. Para Lima (2014, p. 184),

[...] a interdisciplinaridade favorece a construção de alternativas políticas, pedagógicas e epistemológicas voltadas ao desenvolvimento de novos procedimentos teóricos e metodológicos que supere a fragmentação e hierarquização do saber e fomenta o diálogo entre as diferentes disciplinas na produção do conhecimento e de compreensão dos problemas e/ou temas em estudo.

Nesta perspectiva, o Plano de Formação assume a missão de promover uma articulação política e pedagógica entre as áreas de conhecimento que compõem o projeto de formação das EFAs, com vista a facilitar a comunicação e o diálogo entre as disciplinas e os instrumentos pedagógicos, assim como, entre as experiências educativas vivenciadas na escola com aquelas construídas no meio social.

De acordo com Lima (2014), o conhecimento desenvolvido na escola deve potencializar o processo de compreensão crítica da realidade do campo, como também precisa favorecer a construção de outros projetos de desenvolvimento associado à sustentabilidade e à agroecologia. Nesse caso,

[...] o conhecimento construído na escola passa a ter uma relação direta com a vida dos educandos, adquirindo a função social de possibilitar uma compreensão mais aprofundada dos aspectos socioculturais, políticos, econômicos e ambientais, expandindo a visão de mundo dos educandos e educadores (LIMA, 2014, p. 158).

Dessa forma, a organização do PF deve levar em consideração as finalidades, os meios, os princípios da Alternância em diálogo com os conteúdos programáticos, evidenciando a necessidade do Plano de Formação a atuar na formação teórica e prática dos educandos, de modo a respeitar a sua cultura e seu meio para que eles tenham conhecimentos específicos da formação e também tenham os saberes necessários à vida.

Sendo assim, a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - UNEFAB (2005) menciona um Plano de Formação nas EFAs que se constrói com, pelo menos, quatro finalidades fundamentais, quais sejam: Articular os saberes da vida com os saberes teóricos do programa escolar formal/oficial; integrar os conteúdos da formação geral e humanista, com os conteúdos da formação profissional, evitando o tecnicismo sem consciência crítica e o teorismo desligado da vida; facilitar e otimizar o processo de ensino-aprendizagem, partindo sempre que possível, da prática para a teoria, e criar uma estrutura de incentivo e

acompanhamento personalizado ao educando. Isso com a perspectiva da descoberta profissional, da elaboração do projeto de vida para a inserção profissional ou da continuidade nos estudos, bem como o engajamento social e o compromisso com o desenvolvimento local e sustentável.

Esse Plano de Formação da Pedagogia da Alternância, inspirado pelo diálogo, pela conscientização e pela problematização de contradições sociais do processo de formação do educando, fundamenta-se na concepção de Freire (1988), para quem a educação é uma prática de liberdade que permite o desenvolvimento de um sujeito crítico frente a situações adversas, nas quais a comunidade escolar está inserida.

Portanto, a organização de uma Escola Família Agrícola possui a estratégia de execução das alternâncias. Essa estratégia é balizada na organização das alternâncias que estabelece aprendizagens, prioriza a vida e as experiências concretas e práticas de conhecimentos populares e locais dos educandos.

Para isso, a prática pedagógica da Alternância de espaço e tempo, tanto na família, quanto na escola passa por algumas finalidades e princípios. Quanto às finalidades, destacam-se: “a formação integral da pessoa, educação, orientação e inserção socioprofissional, contribuição para o desenvolvimento da região onde está inserido o CEFFA” (GIMONET, 2007, p. 28). Já os princípios produzem uma relação entre vida e escola que dá suporte à formação por alternância.

Sobremaneira, a Pedagogia da Alternância favorece a organização dos projetos educativos, que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, como endossa Nascimento (2005, p.295), o Plano de Formação visa:

Articular os saberes da vida do jovem rural com os saberes escolares do programa oficial; associar os conteúdos profissionalizantes (técnicos) e os conteúdos gerais, humanísticos; facilitar a aprendizagem dos alunos/as; acompanhar de forma personalizada cada jovem tanto na EFA, quanto no meio na construção do ser, do saber, da convivência e da vocação profissional; ajudar na construção do projeto de vida.

Em virtude disto, Gimonet (2007) afirma que a Formação em Alternância requer uma organização, atividades e instrumentos pedagógicos específicos para articular os tempos e espaços, a fim de associar as dimensões profissionais e gerais. E assim, a vivência do aluno é articulada às experiências e saberes através da aplicabilidade dos instrumentos pedagógicos, o que permite o surgimento de diversas experiências pedagógicas, conjugando em outras tantas diferentes.

Então, de acordo com Queiroz (2004), a escola que trabalha com a Pedagogia da Alternância busca estabelecer novas relações entre os saberes que integram a realidade da escola e do aluno, por meio da articulação com os tempos e espaços que circunda o meio socioprofissional do sujeito. Essa Pedagogia se configura como um processo formativo de ensino-aprendizagem, por considerar uma diversidade de tempos e espaços diferenciados. Também consiste em uma dinâmica pedagógica que se materializa através do Plano de Formação, integrando os pilares, as diretrizes, o currículo, as mediações pedagógicas, os princípios metodológicos, além de articular teoria e prática nos tempos e espaços que consiste na formação por alternância.

Em síntese, a Alternância abre caminhos e cria formas alternativas de produção de conhecimento que vão além da escola e dos livros didáticos. Neste sentido, a Pedagogia da Alternância deve sempre buscar romper com os métodos tradicionais e possibilitar aos alternantes um horizonte de expectativa em que eles podem ser protagonistas do meio ao qual estão inseridos.

CAPÍTULO II: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo discutiremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, em que se destacam as modalidades da pesquisa, ou seja, os caminhos percorridos neste estudo.

Além disso, elucidamos sobre as alternativas metodológicas utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, bem como no processo de análise dos dados. Desta forma, apresentamos também o cenário da pesquisa e o perfil dos participantes. Por fim, discutimos sobre o processo de análise e organização dos dados, construídos a partir da análise documental, a entrevista semiestruturada, a roda de conversa.

2.1 A pesquisa qualitativa e a sua caracterização

A pesquisa qualitativa é uma abordagem que passa por representações, relações, percepções e opiniões no percurso de construção e interpretação por parte do pesquisador para entender as singularidades e os significados dos fenômenos pesquisados. De acordo com Chizzotti (1998), a pesquisa qualitativa é uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Nesta perspectiva, o trabalho de campo na pesquisa qualitativa permite uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica (MINAYO, 2008). Assim, a pesquisa qualitativa se caracteriza pela busca, como princípio do conhecimento, de uma compreensão das complexas relações constituintes da realidade social. Procura-se atingir, através da pesquisa qualitativa, o conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo em sua singularidade, isso utilizando abordagem metodológica que possibilite a uma maior compreensão do que está sendo pesquisado.

Para Minayo (2008), a investigação científica desenvolvida a partir da abordagem qualitativa permite reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada. Ainda segundo a autora, a pesquisa deve ser objetiva como forma de afastar a incursão excessiva de juízos de valor, possibilitando uma boa produção do conhecimento.

Considerando, pois, os princípios políticos e pedagógicos que fundamentam os estudos na área da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, fizemos a opção de utilizar a

abordagem crítica-dialética, por considerar que o método dialético possibilita uma análise crítica da realidade pesquisada, buscando compreender os fenômenos dentro do contexto histórico, político e cultural permeados por disputas e contradições. Essa, por sua vez, possibilita ao pesquisador iniciar sua pesquisa pelo real, algo concreto que represente a realidade, atingindo os objetivos investigados na pesquisa.

Nessa concepção, Sanchez-Gamboa (2007) afirma que a abordagem crítico-dialética é cultural e ao mesmo tempo social, visto que faz parte de um processo histórico no qual suas bases dependem das modificações dos fatores histórico-sociais. O autor acrescenta ainda que:

[...] as pesquisas crítico-dialéticas [...] questionam fundamentalmente a visão estática da realidade [...]. Sua postura marcadamente crítica expressa a pretensão de desvendar, mais que o “conflito das interpretações”, o conflito dos interesses. Essas pesquisas manifestam um “interesse transformador” das situações ou fenômenos estudados, resguardando sua dimensão sempre histórica e desvendando suas possibilidades de mudanças (SÁNCHEZ-GAMBOA, 2010, p.107).

Sendo assim, a abordagem crítico-dialética pressupõe uma análise dos fenômenos e fatos sociais em estudo que busca compreender as interrelações sociais ocorridas historicamente naquele contexto e suas implicações na vida dos sujeitos sociais.

A análise dialética fundamenta-se no pensamento marxista, e, portanto, configura-se numa possibilidade de desenvolver a pesquisa e a produção do conhecimento, a fim de superar a oposição entre sujeito e objeto. Essa abordagem parte do esforço de reconhecer as relações reais sejam elas sociais ou históricas. Nesse sentido, de acordo com Marx e Engels (2007), a dialética busca compreender as coisas em si a partir de um olhar sobre esta realidade, desvelando as tramas dos fenômenos que integra a práxis social do sujeito.

Ademais, a dialética busca compreender o movimento da realidade permeado pelas contradições que constitui as relações entre os sujeitos e o mundo, visando o desenvolvimento de uma compreensão em sua totalidade. Neste caso, é um processo que frisa superar as visões ingênuas da realidade, através da superação da visão aparente da realidade. Para isso, neste processo de investigação, a realidade é compreendida como uma produção social e histórica do ser humano, fruto das interações dos sujeitos no mundo que resulta também na produção de conhecimento e na construção das possibilidades de transformação social.

Portanto, conclui-se que os elementos teóricos e metodológicos que dão suporte à pesquisa qualitativa são fundamentais para o desdobramento deste estudo, pois nos auxiliaram no desenvolvimento das diferentes etapas da investigação.

2.2 Locus da pesquisa: Escola Família Agrícola Serra da Capivara

O campo de pesquisa deste trabalho é a Escola Família Agrícola da Serra da Capivara (EFASC), localizada no município de São Lourenço do Piauí, no semiárido piauiense. Essa EFA abrange os dezoito municípios do Território Serra da Capivara e desenvolve com os jovens do campo um trabalho importante na formação destes como cidadão, garantindo uma aprendizagem que possa torná-los aptos a desenvolver trabalhos em suas comunidades e ingressar no mercado de trabalho.

Figura 3: Mapa de São Lourenço do Piauí



Fonte: <https://pt.wikipedia.org>.

Por entender a relevância dessa região para este estudo, faz-se aqui uma apreciação sobre o município de São Lourenço-PI. Criado em 1992, em consequência de um desmembramento da cidade de São Raimundo Nonato, fazendo divisa com os municípios de São Raimundo, Dirceu Arco Verde e Coronel José Dias, localiza-se à 548,5 km de Teresina.

É nesse território, que a EFASC nasce da necessidade de se implantar uma alternativa de ensino para atender a realidade dos educandos da região. Durante o processo de implantação da EFA foram feitas algumas discussões na localidade com a finalidade de pensar em políticas públicas que valorizassem o potencial agrícola da região, assim como a garantia de uma

educação que possibilitasse a articulação da teoria e a prática, buscando fomentar alternativas para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o semiárido.

E assim, no dia 28 de abril de 2008, a EFASC começa a funcionar como uma política pública, oferecendo o Curso Técnico em Agropecuária e, em 2017, passou ofertar o Curso Técnico em Zootecnia, ambos Integrado ao Ensino Médio. Esta proposta de ensino vem dando certo, formando filhos e filhas de agricultores familiares, já que a escola trabalha com base na Pedagogia da Alternância na construção de práticas educativas voltadas para o desenvolvimento sustentável no semiárido.

Atualmente a EFASC tem um total de 73 alunos oriundos dos municípios de São Lourenço do Piauí, Coronel José Dias, Dirceu Arcoverde, Bonfim do Piauí, Fartura do Piauí, Anísio de Abreu, Várzea Branca, Dom Inocêncio, São Raimundo Nonato e Campo Alegre de Lourdes, da Bahia. Quanto à estrutura, a escola conta com um quadro de monitores⁵ formados por treze docentes e mais três educadoras compondo o quadro administrativo e pedagógico, formado pela diretora, coordenadora pedagógica e secretária, totalizando 15 educadores. Ocupa uma área de 100.000m², situada na zona urbana do município de São Lourenço. Sendo assim, a referida escola, possui diretoria, coordenação pedagógica, 03 salas de aula, banheiros, área coberta, 04 alojamentos e 01 refeitório, um laboratório utilizado para prática profissional simulada, que serve também como suporte para realização de aulas práticas e estágios.

Destaca-se que a EFA se mantém com contribuição mensal da associação da escola que é feita por família no valor de 20,00 reais, que é utilizada para realização de viagem e para manutenção da escola. Deste 2016, a escola passou a receber recursos do estado, através da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), além de auxílio para alimentação, via o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e uma ajuda para manutenção da escola através do Programa de Autonomia, Cooperação das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino do Piauí (PACTUE) e do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Novo Ensino Médio.

Esses programas citados são ferramentas de auxílio para gestão escolar no que diz respeito à alimentação, reestruturação da escola da parte física e pedagógica e custeio de algumas necessidades, como gás, internet, kit merenda, entre outros.

Já o processo de construção da escola aconteceu através de um recurso proveniente do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, com o objetivo de

⁵ O Monitor de EFA é responsável por mediar a sistematização e articulação de conhecimento do alternante devendo fazer um papel de animador da formação, proporcionando aos jovens, momentos de reflexão e discussão, impulsionem debates sobre a realidade, motivando a troca de experiências entre jovens, família e comunidade. (BEGNAMI, 2003).

contribuir com a formação do maior número de filhos de agricultores da região. Esse recurso chegou por intermédio da prefeitura que coordenou a aplicação dos recursos.

No entanto, é a Associação das Famílias quem dá vida à escola, através da associação de pais. As famílias organizadas na associação formam um pilar importante da Alternância no processo de formação dos educandos. Para EFA, o vínculo com a família é de extrema importância na organização e desenvolvimento da associação e na divisão de tarefas no processo de ensino-aprendizagem do educando. Entretanto, atualmente, por conta da pandemia e pela abrangência de comunidades que fazem parte da escola, houve um pouco de distanciamento das famílias da EFA.

No que concerne ao contexto educacional, na escola são desenvolvidos projetos produtivos, como: hortaliças, criação de ovinos e aves e outras variedades, como o pomar, com o objetivo de desenvolver um trabalho voltado aos agricultores familiares da região, pois é necessário o fortalecimento das famílias para que essas possam dar continuidade aos estudos de seus filhos sem, entretanto, afastá-los da própria realidade, desejando que eles, com qualificação na área agrícola, possam desenvolver a propriedade familiar.

Identifica-se, portanto, que a EFA cumpre um papel de grande relevância dentro da realidade desses sujeitos, permitindo a frequência na escola sem desvincular os jovens de sua realidade e de suas famílias. Isso porque a prática da alternância nos estudos garante a permanência do vínculo familiar, das vivências culturais e auxilia no desenvolvimento de práticas ecologicamente viáveis na relação homem-meio ambiente.

Figura 04: Entrada da Escola



Fonte: Acervo fotográfico da EFASC (2021)

Dessa forma, a EFASC contribui para formação de atitudes, comportamentos e valores relacionados à família camponesa e às contribuições metodológicas da Pedagogia da Alternância desenvolvida pela escola, na construção de práticas educativas voltadas ao desenvolvimento sustentável, além dos instrumentos pedagógicos utilizados no âmbito do território da Serra da Capivara (EFASC, 2020).

Visto sua localização no semiárido piauiense abrangendo o território da Serra da Capivara, região que se encontram as duas reservas ambientais: os Parques Nacionais da Serra da Capivara e as Serras das Confusões. Diante desse cenário, afirma-se que a Escola Família Agrícola Serra da Capivara é um espaço de oportunidades em que o(a) filho(a) dos agricultores podem habilitar-se para trabalhar na terra, buscando um desenvolvimento local sustentável e ecologicamente viável, além de valorizar as riquezas locais.

2.3 O perfil dos/as participantes da pesquisa

A pesquisa contou com a participação de 09 (nove) participantes que inclui: uma coordenadora pedagógica, uma diretora, três educadores/as, dois alunos/as e dois pais. A escolha dos participantes da análise aconteceu obedecendo os seguintes critérios, inicialmente: a diretora e coordenadora pedagógica foram selecionadas por fazerem parte da gestão escolar e por articularem as ações que são desenvolvidas na EFA.

Quadro 02 - Perfil dos educadores que participaram da pesquisa		
Formação	Função na EFA	Tempo de trabalho na EFA
Licenciatura em Pedagogia	Secretária da Escola	12 anos
Bacharelado em Agronomia	Monitor da área técnica	05 anos
Bacharelado em Agronomia	Monitor da área técnica	02 anos
Ciências da Natureza	Monitor da Base Comum	07 anos
Normal Superior	Diretora da EFA	14 anos

Posteriormente, a seleção dos educadores ponderou o tempo de atuação na escola, os três participantes da pesquisa já estão há mais de dois anos; bem como, uma boa relação com a Pedagogia da Alternância e o processo de formação dos educandos e um bom envolvimento com as atividades desenvolvidas pela EFA.

A seleção dos alunos, por sua vez, seguiu o seguinte critério: foi escolhido um aluno do 2º ano e outro do 3º ano, do Curso Técnico em Agropecuária. Já a escolha dos pais, foi levada em consideração o grau de envolvimento com as atividades desenvolvidas pela escola, como participação de assembleia e reuniões da associação. Nesse caso, observamos o livro ata das reuniões e os relatos dos gestores. Outro critério levado em consideração é ter pelo menos dois anos de vivência na EFA como pai/mãe e/ou membro da associação.

Quadro 03 - Perfil das mães e dos alunos participantes da pesquisa		
Identificação na pesquisa	Função na EFA	Quanto tempo participa da EFA
M1	Mãe de aluno do 2º ano e membra da Associação das Famílias	2 anos de participação da EFA
M2	Mãe de aluno do 3º ano e membra da Associação e Conselho Escolar	3 anos de participação da EFA
A1	Aluna do 2º ano do Curso Técnico em Agropecuária	2 anos como aluna; conhece a EFA há mais tempo por ter parentes que já estudaram na escola.
A2	Aluno do 3º ano do Curso Técnico em Agropecuária	3 anos como aluno; conhece a EFA há mais tempo por ter parentes que já estudaram na escola.

Na execução da pesquisa foram desenvolvidas atividades de forma remota e presencial devido às limitações enfrentadas durante a pandemia do COVID-19. De modo que as atividades remotas e presenciais foram agendadas com antecedência, obedecendo ao distanciamento social e seguindo as medidas de segurança necessárias à valorização e o respeito às vidas dos envolvidos.

A esse respeito, ressalta-se que a participação dos integrantes do estudo foi de forma voluntária, estando resguardado aos mesmos o direito ao consentimento livre e esclarecido, o direito à autodeterminação, o direito ao total esclarecimento a respeito da natureza do estudo, além do direito a recusar-se ou desvincular-se da pesquisa a qualquer momento, sem que lhe seja atribuído algum prejuízo.

2.4 Procedimentos de construção e organização dos dados

A construção dos dados de uma pesquisa é um processo de produção e organização de informações para se chegar ao resultado esperado, para isso foram desenvolvidas técnicas de averiguação que possibilitaram alcançar o objetivo e a problemática levantada no início da pesquisa. Outrossim, para a construção dos dados da pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: a análise documental, as entrevistas semiestruturadas e as rodas de conversa.

2.4.1 A análise documental

A análise documental é uma das técnicas de pesquisa que complementou às outras técnicas utilizadas neste processo de investigação. Segundo Lakatos e Marconi (2010), nessa técnica, a fonte primária das informações são documentos, escritos ou não, e podem ser textos originais, públicos ou privados. Neste estudo, contudo, utilizamos o Projeto Político Pedagógico da EFA, o Plano de Formação da escola, artigos, livros, e demais documentos necessários para a produção de informações acerca do objetivo da pesquisa.

Com isso, as técnicas da análise documental serviram para decifrar, codificar, interpretar informações contidas nas publicações, textos, tendo possibilidade de conhecer seu conteúdo, desvelando um novo conhecimento. O uso da análise documental em nossa pesquisa, possibilitou uma riqueza de informações, capaz de ampliar nosso entendimento acerca do nosso objeto de estudo. Este tipo de procedimento se utiliza de métodos e técnicas para compreensão e análise de documentos.

Também realizamos uma revisão de literatura que possibilitou o aprofundamento da Pedagogia da Alternância no contexto do Plano de Formação utilizado na Escola Família Agrícola Serra da Capivara, que é o campo da nossa pesquisa, destacando o papel e a importância dos participantes da pesquisa, visto que são parte integrante deste processo de investigação, tais como coordenadora pedagógica, diretora, professores, mães e alunos.

Portanto, tem-se que a análise documental é uma importante aliada em uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois ajuda o pesquisador a obter as informações necessárias ao alcance dos objetivos.

2.4.2 A entrevista semiestruturada

A entrevista consiste numa comunicação que aproxima o entrevistador do entrevistado, possibilita um conhecimento sobre a vivência dos entrevistados e tem um sentido restrito de coletar informações sobre determinado tema científico (MINAYO, 2008). Essa etapa da pesquisa permite um diálogo e um maior entendimento das relações e do contexto social pesquisado. Afinal, os instrumentos de construção dos dados de pesquisa são as ferramentas que fizeram parte do processo de coleta e seu principal sentido foi direcionar a investigação.

Entende-se que a entrevista é um processo de integração social utilizada nas pesquisas para obter informações, analisar e interpretar fatos. Através da entrevista o pesquisador busca ter uma aproximação do entrevistado facilitando uma comunicação sobre determinado assunto. É nesse momento que o pesquisador deve deixar o entrevistado a vontade, possibilitando um clima de confiança. Sobretudo, é importante destacar que a entrevista é um momento importante da coleta de dados, e por isso requer do pesquisador um conhecimento prévio do participante e do campo da pesquisa.

Neste estudo, devido ao avanço da pandemia do COVID-19, as entrevistas tiveram que ser realizadas de forma virtual para garantir a segurança dos participantes, com data e horário pré-agendados. Para realização dessa etapa da pesquisa, recorremos a plataforma *Google Meet*, entrevistando cada interlocutor individualmente. O fato de realizarmos as entrevistas de forma virtual causou um pouco de estranhamento nos entrevistados, no entanto, aos poucos esses foram se acostumando com o ambiente virtual. As entrevistas foram gravadas na própria plataforma e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora, e serviram de base para o aprofundamento da análise da pesquisa.

2.4.3 Roda de conversa

A roda de conversa é um espaço de produção de dados da pesquisa que se constitui como uma abordagem importante, visto que consiste num círculo de vivência participativa com ênfase no diálogo. Pode ser definida como um instrumento de expressão da aprendizagem coletiva entre os diferentes participantes da pesquisa.

Inspiradas no Círculo de Cultura criado por Paulo Freire (1991), as rodas de conversas, volta-se à construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo. De acordo com Freire, esses Círculos estão fundamentados em uma proposta pedagógica democrática e libertadora que propõe uma aprendizagem integral e rompe com a fragmentação dos problemas vivenciados

em determinado contexto. Isso permite ao pesquisador interagir no processo, ajudando-o a definir seu ponto de partida na investigação.

Assim, a roda de conversa é um espaço para compartilhar pontos de vistas capazes de levar os participantes a expressarem conceitos, opiniões e concepções sobre determinado assunto. Através desse recurso, o pesquisador busca estabelecer uma comunicação com todos os envolvidos na pesquisa, utilizando da prática do diálogo como meio de problematizar e refletir coletivamente sobre a realidade em estudo/discussão.

Não obstante, as rodas de conversa tiveram o propósito de avançar no aprofundamento de questões que ultrapassaram as reflexões feitas durante às entrevistas. Além disso, foi um espaço para esclarecermos de divergências entre os dados obtidos juntos aos colaboradores da pesquisa. Como também possibilitou uma pesquisa de grupo através de um diálogo que perpassa pela abordagem qualitativa, em uma perspectiva crítica-dialética que parte do concreto para descrever aspectos e dimensões importantes do fenômeno pesquisado.

Assim, para este estudo, foram realizadas duas rodas de conversas com os participantes da pesquisa de forma presencial com datas e horários pré-agendados. Tendo a primeira roda acontecido no dia 09 de abril, e a segunda no dia 02 de maio de 2022.

Aqui vale reforçar que foi durante a primeira roda de conversa o nosso primeiro contato com os participantes da pesquisa. O grupo foi bem receptivo e se sentiram à vontade. Após a dinâmica de apresentação, no decorrer da conversa, foram-se estabelecendo alguns diálogos importantes acerca da escola, da atuação dos monitores e outras reflexões sobre a respeito do que os levaram a participar da escola nas suas diversas categorias. Nesse processo dialógico, cada participante foi trazendo suas impressões e reflexões sobre os momentos vividos de forma individual e, em outros, em atividade em grupo.

Por conseguinte, a segunda roda de conversa seguiu o mesmo formato, na sede da EFASC, e iniciou às nove horas da manhã. Foi um momento importante, pois nos possibilitou um conhecimento maior da realidade da EFA, já que tivemos a oportunidade de entender algumas questões que não apareciam de forma clara nas entrevistas, como exemplo, o distanciamento das famílias por conta da pandemia, assim como, foi destacado outro desafio com relação à reformulação do Plano de Formação, que precisa de uma nova atualização, resultante dos problemas ocasionados pelos dois anos de distanciamento social.

Já durante a última roda tivemos a oportunidade de compreender outro problema relacionado à dificuldade de articular as famílias neste retorno das aulas presencias, também devido ao tamanho do território. Em síntese, as rodas nos possibilitaram conhecer um pouco mais da dinâmica de trabalho da EFA, bem como, conhecer alguns de seus atores e refletir à

vivência que acontece na escola e na família. Assim como as entrevistas, as rodas de conversa também foram gravadas, transcritas tendo a função de sanar dúvidas e questionamentos não contemplados nas entrevistas.

2.4.4 O processo de organização e análise de dados da pesquisa

O processo de análise dos dados consiste na utilização de técnicas para extrair informações importantes sobre determinado tema, por seu turno, a análise de conteúdo é uma das técnicas de tratamento dos dados da pesquisa bastante utilizada no meio educacional. Essa análise de conteúdo busca, por meio da expressão de indivíduos, organizar e categorizar núcleos de texto possibilitando a realização de inferências. Trata-se, no entanto, de um conjunto de técnicas utilizado desde as primeiras tentativas da humanidade de interpretar as comunicações (BARDIN, 1977).

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Assim, o processo de análise dos dados da pesquisa, baseado na análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), prevê três fases fundamentais: 1) pré-análise, organização dos dados obtidos, classificação de acordo com a necessidade de investigação do objeto de estudo. Segundo a pesquisadora, a pré-análise é um momento operacional de sistematização das ideias iniciais da pesquisa. Esta pré-análise é quem vai fundamentar a interpretação final da pesquisa; 2) Exploração do material no campo da produção científica, esse momento de análise de conteúdo como técnica de análise de dados é um dos métodos qualitativos que dá legitimidade à pesquisa, e possibilita um panorama histórico; 3) Tratamento dos resultados obtidos com interpretação e análise crítica compartilhada com os colaboradores envolvidos no processo de pesquisa. De acordo com Bardin, esse é o momento das tomadas de decisões propriamente dita, da administração sistemática das operações realizadas.

À luz dessas contribuições, durante o processo de análise dos dados, fizemos o resgate dos objetivos da pesquisa e organizamos os eixos de análise dos dados com base nas questões propostas nas entrevistas e nos diálogos estabelecidos nas rodas de conversas. Ademais, a partir de um estudo minucioso das informações obtidas por meio dos documentos, das entrevistas e

das rodas de conversa fizemos a seleção e a organização dos dados, articulando-as aos eixos temáticos que orientaram o processo de análise e interpretação desta pesquisa.

Destaca-se, portanto, que para a análise deste trabalho buscamos o rigor científico necessário ao desenvolvimento de uma compreensão crítica por meio dos diálogos estabelecidos com as experiências descritas pelos participantes da pesquisa. Tendo sido uma etapa que necessitou de uma maior participação e engajamento por parte da pesquisadora.

CAPÍTULO III: O PROCESSO DE ELABORAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE FORMAÇÃO NA EFA SERRA DA CAPIVARA

Neste capítulo apresentaremos a discussão sobre a importância do Plano de Formação no desenvolvimento dos projetos educativos no contexto da Pedagogia da Alternância, buscando evidenciar a contribuição do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços educativos. Para isso, analisamos as estratégias utilizadas pela EFA Serra da Capivara para construção do Plano de Formação e na organização do trabalho pedagógico, com vista a contemplar a articulação entre os vários saberes construídos nos diferentes tempos e espaços formativos do jovem.

Assim, na segunda parte do capítulo, apresentamos as reflexões sobre os desafios enfrentados pela EFA Serra da Capivara no processo de elaboração e desenvolvimento do Plano de Formação, principalmente com relação ao envolvimento coletivo dos educadores, educandos e das famílias. Por fim, compartilhamos os diálogos construídos sobre as possibilidades de construção interdisciplinar do conhecimento.

3.1 A importância do Plano de Formação no desenvolvimento dos projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância

O Plano de Formação exerce uma função importante no processo de formação da EFA, pois articula as práticas vivenciadas pelos diferentes atores sociais, possibilitando a interação entre os alternantes, monitores, famílias, comunidades e parceiros, que por sua vez fortalece a participação desses em projetos e ações desenvolvidas pela escola.

Nessa perspectiva, este Plano desempenha um papel relevante no processo de formação por Alternância, visto que busca articular os saberes da vida do jovem com os saberes escolares associando os conteúdos com as experiências. A esse respeito, Silva (2011, p. 36) elucida que o Plano de Formação tem como objetivo “[...] formalizar, organizar, visualizar os conteúdos e as finalidades de uma formação eficaz”. É importante, contudo, destacar que a finalidade do Plano de Formação é contribuir com a formação integral do sujeito, favorecendo os momentos formativos e as experiências que acontecem ao longo da sua trajetória, a fim de possibilitar uma dimensão mais ampla da realidade.

Dessa maneira, o percurso formativo da alternância, articulado a partir do Plano de Formação, perpassa pela ação-reflexão-ação, através da conjugação de saberes práticos e

saberes específicos, assim, aliando teoria e prática a partir da construção interdisciplinar do conhecimento. Nesse sentido, segundo Gimonet (2007), a formação da alternância une o mundo da vida e o da escola, englobando as disciplinas do núcleo comum aos saberes do educando.

Ademais, o pesquisador francês também enfatiza que no Plano de Formação (PF) estão presentes as disciplinas que contemplam a escolha profissional do sujeito e que dialogue com sua realidade. Neste caso, o PF busca articular uma formação que se contextualize com a realidade do camponês, possibilitando-o compreender o sentido desta aprendizagem (GIMONET, 2007).

Com isso, a missão educativa da EFA deve integrar o processo formativo do educando às experiências interligadas aos saberes práticos e específicos, sendo esses sistematizados por meio do Plano de Formação, através das atividades, conteúdos, vivências e da coletividade. Neste sentido, o PF organiza e articula os diferentes componentes da formação às experiências, aliando o conhecimento geral ao conhecimento científico, valendo-se das mediações pedagógicas como um meio para nortear as ações e reflexões a serem realizadas em torno desta formação.

Portanto, na visão dos educadores da EFA Serra da Capivara, o Plano de Formação é importante, porque é através dele que se organiza as ações que serão desenvolvidas, contextualizando com a realidade do campo e direcionando o trabalho, visando proporcionar momentos de interação e troca de experiências com os educandos e suas famílias, conforme demonstram os depoimentos:

O Plano de Formação é a chave. É o essencial. Acho que liga tudo [...], é a essência do trabalho em si. Porque quando você tem o tema, você já consegue - digamos assim: puxar, puxar, ligar para outras coisas. (P1)

Então, o Plano de Formação, eu acredito que ele é muito importante porque é através dele que a escola vai organizar suas ações pra aquele ano letivo. Ela vai organizar suas ações baseadas nesse Plano de Formação. Ele depende muito de um olhar crítico, de uma sensibilidade e de uma empatia, de uma contribuição de todos os monitores para construir esse plano de formação e segui-lo. (P2)

Então, eu não tenho muito conhecimento do Plano de Formação. O que eu posso dizer em relação à forma como a gente vem trabalhando dentro da EFA que é a questão da Alternância, porque dessa alternância. É trabalhar em sintonia sempre com o campo. (P4)

Ele é o carro chefe da escola, esse Plano Formação. É o que vai direcionar o trabalho. Como temos dificuldade de “tá” se reunindo por várias vezes, por estarem distantes as famílias dos alunos, esse é um momento único onde a família vai discutir de fato o plano de formação, e aí nos dá segurança porque não foi uma discussão somente da escola, mas da escola e das famílias. Ele

vai direcionar os nossos trabalhos, então, é de grande importância para a escola. (P5)

A partir dos depoimentos dos professores, percebemos que o Plano de Formação possui uma organização própria que o torna a chave mestra da formação por alternância, nesse sentido, ele direciona as ações da EFA. Por outro lado, é notório que existe também certa fragilidade na relação da escola com a família e dos monitores em relação à construção e o desenvolvimento do Plano de Formação.

Não obstante, observamos que os relatos dos professores P1, P2 e P5 demonstram certa convergência, quando apontam a importância do Plano de Formação para o desenvolvimento do trabalho na EFA, associado ao papel que a escola deve exercer na articulação das atividades pedagógicas desenvolvidas, de modo a aliar os saberes e as experiências da escola, família e comunidade.

Além disso, P2 destaca que a organização do trabalho da EFA está associada ao PF, enfatizando a importância deste para o desenvolvimento das ações durante todo ano letivo. Então, destaca a necessidade de a equipe de monitores ter um olhar crítico acerca do Plano de Formação, pois a partir desta estratégia podem alcançar o envolvimento de todos na sua construção e desenvolvimento. Logo, de acordo com as colocações de P2, o Plano de Formação possibilita um trabalho coletivo a partir de um olhar diferenciado acerca da formação e da realidade concreta do educando.

Isso posto, o trabalho coletivo mencionado por P2 é a chave mestra para a consolidação de todo trabalho que deve ser realizado dentro da EFA. Não se faz Pedagogia da Alternância isolada, nem tão pouco se constrói e executa o Plano de Formação sozinho. Haja vista que a organização e o desenvolvimento das ações na Pedagogia da Alternância perpassam pelo diálogo, trabalho em conjunto, parceiras e momentos de troca de experiências. Por isso é bastante significativo ter um olhar que não fique preso apenas aos conteúdos, e sim, envolva todos os aspectos e dimensões desta formação.

Diante do exposto, P5 aponta aspectos importantes em relação a participação da família no processo de elaboração do Plano de Formação, enfatizando que a escola tem dificuldade de reunir as famílias por conta da distância, mas, quando chega o momento de construir o plano, eles conseguem trazer estas famílias para a EFA e realizam um momento único, no qual as famílias participam opinando e contribuindo com relatos de suas experiências e das potencialidades locais que irão ajudar no processo de reflexão-ação do PF.

Observa-se, portanto, que a participação da família é fundamental na formação da alternância, mas em muitos momentos não é possível este diálogo mais próximo devido à

distância e as dificuldades de acesso. Isso porque o território que a EFA Serra da Capivara atua corresponde a 18 municípios, aspecto que impossibilita esta participação ao longo do ano. No entanto, não existe Escola Família se não tem a participação das famílias. Sendo assim, é importante trabalhar essa questão com os pais durante as visitas nas comunidades, estimulando a participação nas reuniões, assembleias, festividades, além de auxiliarem em toda etapa de formação dos jovens e adolescentes.

Entende-se, dessa maneira, que a família desempenha um papel importante na construção do PF e também na construção do projeto da EFA. Nesse contexto, a Associação de Pais faz parte dos pilares da Pedagogia da Alternância exercendo uma função sócio-política-pedagógica, tendo o Plano de Formação como uma mola motora do processo de formação da PA.

Embora, mesmo com os desafios que a escola enfrenta em realizar reuniões e momento de vivência com as famílias para conseguir efetivar o trabalho proposto pela Pedagogia da Alternância, faz-se necessário a equipe sentar e avaliar o que está sendo feito e buscar mecanismos que possibilitem um novo olhar, novas estratégias que fortaleçam todas as dimensões formativa da EFA.

Verificamos, entretanto, no depoimento de P4, que há certo desconhecimento acerca do Plano de Formação, aspecto que deve ser visto como um desafio a ser superado, tendo em vista a importância do plano para o processo de formação que acontece na EFA, bem como, para a centralidade deste plano na organização do projeto de formação das Escolas Famílias. Essa falta de conhecimento acerca do Plano de Formação, nos leva a refletir algumas questões: Será que o Plano de Formação da EFA realmente está sendo utilizado pelos professores? Com que frequência acontece as formações na Escola? Os professores que atuam nas EFAs estão passando por processos formativos para exercerem suas atividades pedagógicas?

Essas são reflexões necessárias, pois o Plano de Formação possibilita aos professores ter uma vivência com o meio que o jovem está inserido, permitindo que esses sujeitos participem de forma efetiva com essa proposta pedagógica que estabelece uma sintonia com a realidade concreta do campesinato.

Considerando, então, que as Escolas Família possuem uma metodologia de ensino diferenciada, é imprescindível que os educadores das EFAs tenham a oportunidade de participar de cursos específicos de formação que os preparem para o ingresso na EFA. Diante deste desafio, a União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil – UNEFAB realizou durante muito tempo, em várias regionais do país, incluindo o Piauí, os cursos de formação inicial e continuada a fim de garantir o bom funcionamento dessas instituições, com a capacitação de

novas lideranças para darem continuidade a estas formações dentro das EFAs. Além disso, a UNEFAB criou a Equipe Pedagógica Nacional (EPN) pensada para apoiar nas formações, discussões e decisões relacionadas à formação das EFAs.

Nesta perspectiva, a Associação Regional das Escolas Famílias Agrícolas do Piauí (AEFAPI) vem realizando parcerias com a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), no sentido de promover cursos e eventos de formação para os educadores das EFAs. Em 2019-2020, a AEFAPI realizou o Curso de Formação em Pedagogia da Alternância, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo (NUPECAMPO/UFPI), envolvendo mais de 100 educadores de EFAs e que contou também com a participação de EFAs de outras regionais. Essa formação contou também com a parceria e o apoio da Equipe Pedagógica Nacional, vinculada à UNEFAB.

Além disso, em 2021, A AEFAPI estabeleceu uma parceria com a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) para a implantação de um Curso de Especialização em Pedagogia da Alternância destinado a 50 educadores das EFAs do Piauí.

A partir do trabalho desenvolvido pela EPN, a AEFAPI também criou a equipe pedagógica regional que passou a realizar momentos de estudo, ações formativas como seminários, semanas pedagógicas, intercâmbio com outras regionais em formações e rodas de conversa. Isso demonstra que há no estado uma preocupação por parte das EFAs em proporcionar aos educadores uma formação específica na área da Pedagogia da Alternância.

Nos diálogos estabelecidos durante as Rodas de Conversas, sobre o Plano de Formação, os professores destacaram que o PF interliga a prática aos saberes do educando, através do reconhecimento e problematização da realidade, que por sua vez promove uma educação contextualizada capaz de fazer uma interação entre o tempo e espaço que o educando está presente, conforme se certifica na síntese das discussões feitas pelos grupos:

O Plano de Formação é o eixo norteador do trabalho diário na EFA que interliga a prática de ensino aos saberes dos alunos. (Síntese grupo 01)

É um instrumento de reconhecimento da realidade do aluno e uma ponte para a troca de conhecimentos e experiências entre escola, família e comunidade. É através desse eixo norteador que a gente consegue promover uma educação contextualizada, uma educação que olhe para o contexto dos alunos, das famílias, da comunidade e através dos instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância, como o Plano de Estudo e a colocação em comum, a gente consegue fazer essa interação entre estes dois momentos distintos da nossa pedagogia. (Síntese grupo 02)

À luz das Rodas de Conversas percebemos que o trabalho em grupo possibilitou uma construção coletiva, reafirmando a importância que a equipe deve dar para a ação conjunta, a construção de saberes, a vivência e para o reconhecimento do meio que o camponês está inserido. No entanto, é preciso ter uma dimensão do contexto do jovem, assim como conhecer seu mundo, sua cultura a partir de aspectos sociais, políticos e econômicos que se interligam ao conhecimento dos monitores, alunos, famílias e comunidades para juntos refletirem temas importantes que irão direcionar e orientar o processo de ensino-aprendizagem da EFA.

Porquanto, mediante os relatos, percebemos que o primeiro grupo, formado por P1 e P5, enfatiza que o Plano de Formação é um eixo que deve contextualizar os conteúdos com a realidade e a experiência do camponês, entrelaçando os saberes da escola com a vida do aluno. Nesse sentido, tudo que for planejado e desenvolvido pela EFA deve perpassar o Plano de Formação.

Já no relato do grupo 02, formado por P2, P3 e P4, o Plano de Formação é visto como uma mediação que possibilita o reconhecimento da realidade do aluno, reafirmando que a Pedagogia da Alternância integra as aprendizagens construídas no cotidiano da vida e nos afazeres da escola. Com base no exposto, destaca-se que o PF une as realidades em que acontece a aprendizagem dos jovens e adolescentes conduzindo toda formação.

Neste sentido, o Plano serve de elo de ligação entre os saberes práticos e o conhecimento científico, visto que possibilita a materialização de uma educação contextualizada que dialoga com o meio, dando um novo significado a formação do educando. Assim, ainda de acordo com o grupo 2, o plano de estudo e a colação em comum são mediações pedagógicas da alternância que ajudam neste processo de interação entre estes dois momentos distintos.

Ao ver a riqueza que essas colocações do grupo 02 apresentam no depoimento mencionado anteriormente, surge mais uma vez a preocupação em reafirmar a necessidade dos educadores de EFA passar por um processo de formação, e no cotidiano da escola haver momentos de troca e aprofundamento sobre os temas que são discutidos e apresentados. Dado que não se faz alternância sozinha e nem tão pouco somos capazes de vivenciar suas mediações se não dialogarmos uns com os outros e com a realidade dos educandos, se não opinarmos, participarmos do processo e, acima de tudo, ter humildade para aprender e partilhar ensinamento.

Sob esse viés, Gimonet (2007) acrescenta que todo percurso formativo da EFA é estruturado pelo Plano de Formação como uma espécie de eixo diretor que integra vida e escola. Uma vez que o PF possibilita a integração do espaço formal e não formal da formação e abrange as experiências do jovem e seu meio, afinal, a alternância deve conciliar os saberes científicos

com os saberes práticos integrando diferentes sujeitos, e conjugando vida e escola em um mesmo processo de aprendizagem.

Desse modo, os aspectos apontados pelos monitores, em seus relatos sobre a importância do Plano de Formação na construção de um projeto educativo da alternância, permitem entender um pouco mais a respeito desta mediação, que se concretiza mediante a participação das famílias, escola, jovens e comunidades. Embora os professores destaquem a relevância do PF dentro do projeto educativo da EFA, os relatos dos estudantes demonstram certo desconhecimento acerca desta mediação pedagógica, como se observa nos depoimentos:

Já ouvi falar por alto a respeito do Plano de Formação, mas nunca cheguei a participar de nenhum momento para discutir ou elaborar o mesmo, por causa da pandemia. (A1)

O Plano de Formação foi apresentado para nós assim que chegamos na EFA, é um documento que organiza toda vivência da alternância. É bem interessante. Na época, não chegamos a participar de nenhuma discussão, apenas nos foi apresentado. (A2)

Percebe-se nos relatos os estudantes, que esses têm um conhecimento superficial a respeito do PF, deixando transparecer que a pandemia dificultou muito a participação deles no processo. Algo preocupante, já que o Plano de Formação norteia o processo de formação da Alternância.

Ademais, verificamos que a A1 não tem conhecimento do Plano de Formação, isso pode estar relacionado com os dois anos de isolamento social devido à pandemia. Nesse contexto, os estudantes praticamente não tiveram contato com a escola de forma presencial, aspecto que pode ter dificultado o contato maior desses estudantes com o Plano de Formação e outros instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância.

Em contrapartida, a A2 demonstra não ter um conhecimento tão aprofundado sobre o Plano de Formação, porém, menciona que, ao ingressar na EFA, apresentaram o PF para eles, mas enfatiza que não chegou a participar de nenhuma discussão, apenas foi apresentado o plano já construído.

Todavia, a partir dos relatos dos estudantes, percebemos que nos últimos dois anos não houve uma participação efetiva dos estudantes na elaboração do Plano de Formação da EFA, sendo que a realidade do jovem é o ponto de partida de toda formação. Por isso, é importante ressaltar que quem constrói o PF são diferentes sujeitos que juntos integram conhecimento, práticas e experiências (ESTEVAM, 2012).

Quanto aos diálogos estabelecidos com as mães, também se evidenciou o desconhecimento delas com relação ao Plano de Formação e sobre a sua importância para o desenvolvimento do trabalho educativo desenvolvido na EFA. Esse fato, contudo, é bastante complexo, uma vez que o projeto de educação desenvolvido nas Escolas Família é destinado aos camponeses e se concretiza com a participação das famílias. Desse modo, a escola deve encontrar uma forma de reestruturar a participação da família a partir do fortalecimento da associação de pais, do desenvolvimento local e da aproximação com as lideranças comunitárias, com o intuito de possibilitar uma maior integração para desenvolver a aprendizagem em diferentes locais.

3.1.1 O papel do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços educativos na EFA

O Plano de Formação faz parte do projeto educativo da alternância e proporciona a formação integral do sujeito, despertando no jovem o interesse para seu projeto pessoal de vida, por sua vez, concretizado através da articulação de saberes e conteúdo, o que assegura a vivência da Alternância. Sobre isso, Gimonet (2007) menciona que a formação geral desta pedagogia é ordenada pelo Plano de Formação, que representa um conjunto de dispositivos pedagógicos e ordena a prática da alternância.

Nesse contexto, a formação oferecida pela Pedagogia da Alternância dialoga com a realidade dos camponeses e seus familiares, buscando proporcionar um processo de formação que aconteça em todos os espaços de vivência e troca de conhecimento. Sendo assim, o Plano de Formação enfatiza um processo educativo que se desenvolve por meio da dinâmica da vida, valorizando não apenas os conteúdos, mas sobretudo as relações sociais, as vivências, os saberes e os fazeres dos educandos.

Seguindo a perspectiva de Gimonet (2007), o Plano de Formação integra os saberes dos diferentes sujeitos e procura articular os conteúdos do programa oficial com as mediações pedagógicas, contribuindo com o despertar do interesse do aluno a partir de uma abordagem que promove uma alternância participativa e estrutura a formação.

O autor ainda acrescenta que a função do PF é agregar a formação do jovem aos conhecimentos práticos e aos conhecimentos específicos, relacionando o que é aprendido na escola com os saberes da vida, através de reflexões realizadas nos diferentes tempos e espaços, e assim associando teoria e prática por intermédio das dimensões formativas da alternância. Nessa perspectiva, o Plano de Formação se constitui por meio de uma participação e

organização coletiva que busca promover um diálogo de saberes capaz de promover o protagonismo dos camponeses, pretendendo a transformação da realidade do campo.

Desse modo, a partir dos depoimentos dos professores, observou-se que, na EFA Serra da Capivara, o Plano de Formação interliga os diferentes tempos e espaços formativos e integra os saberes através de uma aprendizagem mais significativa, consoante as colocações a seguir:

Pra mim, o Plano ele é essencial. Sem o Plano de Formação não haveria essa articulação. Porque é através do plano de formação que a escola organiza as suas ações. Ela planeja tudo que vai fazer, todos os temas geradores que a gente precisa, ela articula como é que serão essas ações, essas intervenções. O Plano de Formação, ele é muito importante para que a gente tenha um caminho a seguir. Pra que a gente saiba as nossas ações, pra que a gente faça com que os instrumentos conversem entre si. Então, acredito que o Plano de Formação, ele é muito importante para o êxito, tanto no tempo família, como no tempo escola. Acredito também que é obrigação de todo monitor de EFA “tá” por dentro do Plano de Formação. Não tem como você ser monitor de EFA e você não conhecer o Plano de Formação ou não ter participado da construção desse plano. Quando todos conhecem, participam do Plano de Formação, a gente consegue alinhar esses pensamentos, a gente consegue alinhar as nossas ações, as nossas atividades. Então, acredito que o Plano de Formação ele é importante, pra que a gente possa trabalhar todo mundo ali, na mesma sintonia. (P2)

Eu acho que estabelece as relações entre comunidade, família e escola. Faz essa ligação de troca de experiências, leva conhecimentos, traz conhecimento. E eu acho que daí é onde acontece a transformação toda do sujeito, onde você consegue transformar, mudar. Transformar a realidade deles. Acho que abre a mente. A partir da efetivação do PF, o jovem começa a se fazer questionamentos, a levar questionamentos, a resolver questionamentos, ele consegue. O jovem consegue abrir a mente, consegue o aprendizado. (P1)

Ele é um alicerce para construir as escolas, os cidadãos das escolas, os alunos e posteriormente ter profissionais competentes. (P3)

Com certeza ele é muito importante. É a base para esse currículo, para essa formação do aluno. É o que a gente realmente espera dentro dessa formação dos nossos alunos, nosso público. (P4)

Do mesmo jeito que dificulta, ele também facilita, ele nos dar norte, ele norteia aquele professor que está chegando na escola e que não tem a habilidade de trabalhar com a Pedagogia da Alternância. Então ele nos norteia e facilita nosso trabalho. Na verdade, o papel do Plano, ele vem na verdade nos orientar. (P5)

Verificamos, com base no relato dos educadores, que o PF estabelece uma relação entre escola, família e comunidade, pois interliga saberes e trocas de experiências a partir de uma organização que orienta as ações, transformando a realidade, direcionando o trabalho e dando

sentido a formação. É, portanto, um instrumento que favorece um ensino interdisciplinar e que dialoga com o meio do educando contextualizando a aprendizagem ao seu modo de vida.

De acordo com esses depoimentos, percebemos que existem também desafios a serem superados em relação à vivência do Plano de Formação, com conhecimento, envolvimento e participação de todos os atores que compõe a escola. Nesse sentido, o Plano de Formação também tem o papel de orientar e conduzir a missão da equipe.

Sob essa abordagem, as reflexões apresentadas por P1 e P2 destacam a função interdisciplinar do Plano de Formação, além de sua importância na conjugação de saberes que alia teoria e prática, conhecimentos empíricos e conhecimento específicos que levam o educando a questionar, despertando-o para o mundo, para sua realidade, e desenvolvendo seu senso crítico a partir da reflexão-ação, da ação-reflexão e da ação-reflexão-ação. Sendo assim, o Plano de Formação é uma via de mão dupla que fortalece os vínculos, experiências, saberes e fazeres entre escola, família e comunidade.

No entanto, quando falamos em Plano de Formação, não podemos deixar de apontar os desafios presentes na sua implementação, tendo em vista as condições de trabalho dos educadores, tais como a distância para o deslocamento de algumas famílias e o envolvimento dos educandos e outras lideranças comunitárias.

Diante dessas adversidades, nota-se, na prática, que a EFA está conseguindo vivenciar o que está previsto no Plano de Formação, garantindo o bom andamento das ações da escola, revisitando-o com frequência, vivenciando as mediações pedagógicas, trabalhando de forma coletiva a proposta de ensino da alternância, buscando sempre valorizar as experiências e fazendo-as dialogar com os conteúdos.

No que tange à compreensão de P1, o Plano de Formação, à medida que articula os diferentes saberes e experiências, contribui para a transformação do sujeito e do seu meio, despertando o educando para vida e para transformações sociais, possibilitando, assim, que os jovens comecem a ler o mundo. Sob esse aspecto, percebemos que P1 atribui muitas funções ao Plano de Formação, entre elas, este papel social de reconhecimento da vida do camponês. Além disso, destacamos que o PF busca interligar e fortalecer a vivência do camponês e sua formação, utilizando os recursos pedagógicos da alternância para fazer uma ligação entre escola, família e comunidade.

Nessa perspectiva, o P2, por sua vez, destaca elementos relacionados à organização e ao planejamento de atividades vivenciadas a partir do Plano de Formação durante o ano letivo, mencionando a importância da participação do monitor no desenvolvimento desta proposta educativa. Enfatiza, ainda, o papel do Plano de Formação na articulação das ações, dos Temas

Geradores e das mediações pedagógicas que perpassam pelo ato de conhecer, construir e vivenciar o PF, uma vez que não se pode trabalhar sem um norte, isso é, de forma aleatória. Por fim, alerta que em algum momento a equipe pode se perder caso isso venha a acontecer na EFA.

No entanto, é nítido que o monitor acredita na filosofia, nos princípios e nas finalidades da Pedagogia da Alternância. Em suas colocações, o monitor defende que não se trabalha em EFA isolado e não se vivencia o que não se conhece. Portanto, é necessário imbuir, sobretudo nos educadores, o interesse em beber da fonte da alternância para motivar e ser motivado a cada dia a continuar na caminhada.

Além disso, os P3 e P4 destacam que o Plano é a base para tudo que é feito na EFA, é um alicerce que orienta toda vida da escola, englobando o currículo que articula os saberes práticos e específicos junto às experiências, além de possibilitar a formação do ser humano de forma plena. Com isso, percebemos que ambos participam dos processos educativos dando ênfase ao currículo contextualizado e voltado à realidade do campo, que é assegurado por meio do Plano de Formação, compreendendo-o como uma espécie de fio condutor que organiza todo o processo formativo do educando. Por fim, destaca-se, ainda, que o Plano de Formação conduz todo trabalho da escola.

A partir dos diálogos estabelecidos com os colaboradores da pesquisa, compreendemos que o Plano de Formação estabelece uma relação entre os conhecimentos oriundos da realidade do jovem com os conteúdos escolares construídos a partir do livro didático. Entretanto, nesse processo de articulação de diferentes saberes, contextos e experiências, é preciso um maior engajamento da equipe pedagógica da escola, assim como, o envolvimento dos camponeses e seus familiares. A esse respeito, uma boa estratégia para facilitar esse processo seria fortalecer as visitas às famílias, realizar assembleias com os pais nas comunidades e ampliar o diálogo com as famílias e as comunidades a partir das visitas. Considerando que o trabalho com a Pedagogia da Alternância precisa ter conhecimento e vivência nas e com as comunidades, se for necessário, a equipe pedagógica pode dividir as comunidades por setor, tendo em vista que o território do entorno da EFA corresponde a 18 municípios.

Diante desse contexto, precisamos dar mais atenção a esta mediação tão importante que auxilia na condução dos componentes que compõem a Alternância, aliando as disciplinas do currículo escolar em diálogo constante com os saberes do aluno. De tal maneira que, para garantir a concretização dessa vivência formativa na escola e na família, faz-se necessário o conhecimento e a participação de todos para que possa existir uma pedagogia viva, ativa, integrativa e participativa.

3.1.2 As estratégias utilizadas pela EFA para a elaboração do Plano de Formação

A elaboração de um Plano de Formação ocorre mediante uma pesquisa participativa na qual professores, alunos, famílias e lideranças da comunidade se reúnem para juntos traçarem as estratégias e planejarem as ações que serão desenvolvidas pela EFA. Este é um momento único, em que os atores sociais envolvidos no processo de reflexão das ações buscam extrair os elementos importantes da realidade para fundamentar o planejamento da escola.

Neste caso, os dados e as informações sistematizadas a partir da pesquisa da realidade servirão de base para a consolidação do Plano de Formação. Nesta elaboração coletiva, vão surgindo os pontos importantes que devem ser abordados pela escola nos seus projetos educativos, visando contemplar a realidade do jovem e despertar seu interesse.

À vista disso, de acordo com Gimonet (2007), o processo de elaboração do Plano de Formação segue alguns passos: primeiramente, deve-se olhar a realidade de vida dos jovens com o objetivo de compreender seu mundo, interligando seus saberes e experiências aos conhecimentos que já existem na EFA; posteriormente, são escolhidos os temas maiores, que são os temas que mais aparecem, que darão mais sentido para o desenvolvimento das atividades, também que integre e engaje os envolvidos no processo de troca de conhecimento, dando suporte a formação.

Isso posto, após elencados os principais temas que devem ser trabalhados na EFA, mediado pelo Plano de Formação, são definidos os temas geradores ou eixos temáticos que irão nortear a formação e promover um diálogo com a realidade do educando. Afinal, os planos de estudos são organizados tendo como enfoque os temas geradores. O PE é uma mediação pedagógica da alternância que dá vida a proposta educativa do Plano de Formação. Assim, os temas geradores são o que orienta o plano de estudo tendo como objetivo fazer reflexões a partir de temas ligados ao meio socioprofissional do educando (ESTEVAM, 2012).

Os Temas Geradores são importantes na efetivação desses projetos educativos voltados à realidade dos jovens camponeses, pois aproximam os atores sociais do seu mundo vinculando esses temas de pesquisa ao seu meio, de modo a promover seu desenvolvimento a partir de uma nova dimensão da realidade (FREIRE, 1987).

Com base nesses Temas Geradores são extraídos os temas dos Planos de Estudo, desenvolvidos em articulação com os planos de trabalho das disciplinas e através da articulação entre o tempo escolar e o tempo da comunidade. Nesse processo, os educadores precisam sentar juntos para construir os planos de trabalho dos componentes curriculares, buscando estabelecer um diálogo interdisciplinar.

Sendo assim, os Temas Geradores exercem um papel político e pedagógico importante dentro do Plano de Formação, pois possibilita o entrelaçamento do conhecimento em que cada disciplina, em consonância com as outras, descreva no plano o que pode ser trabalhado de acordo com seus conteúdos e que possa dialogar com os temas trabalhados pela escola. Tendo em vista facilitar este processo de interligação do conhecimento que deve acontecer na escola e transpassar a família, recorreremos às mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância dada sua função de possibilitar este processo de interdisciplinaridade que permeia a formação. Aqui, pode-se destacar algumas das mediações que auxiliam fazendo a articulação de saberes, como: a Colocação em Comum, Serão, Tutoria, Visitas às Famílias e PPJ.

Por sua vez, a elaboração do Plano de Formação possibilita a integração de muitos atores sociais que constituem a EFA, promovendo, a partir do olhar destes sujeitos, a conjugação de saberes que orientarão na escolha dos conteúdos que os jovens terão durante sua formação, integrando os conhecimentos, saberes sociais e culturais, construídos no campo, com os conteúdos curriculares oriundos da proposta de ensino das EFAs.

Sobre isso, Gimonet (2007, p. 69) elucida que o Plano de Formação se constitui na “orquestração de conjuntos da obra formadora para gerir múltiplas orlas, rupturas e relações no tempo e no espaço nos quais se encontra o alternante, no coração da complexidade da alternância”. Nesta perspectiva de contextualização da prática educativa, o Plano integra diferentes sujeitos, contextos, culturas associadas às práticas da Alternância, ao meio socioeconômico e profissional, considerando a vivência e despertando o jovem camponês para desvelar o mundo.

Assim, considerando que o Plano de Formação orienta a vivência da formação e as estratégias utilizadas pela EFA durante todo percurso formativo do educando, sua construção deve envolver a participação dos diferentes sujeitos da comunidade. Nesse caso, a escola deve convidar os educandos, as famílias e as lideranças comunitárias a fim de juntos dialogarem acerca da formação proposta pela Alternância, lançando o olhar sobre a realidade vivenciada nas diversas comunidades, assim como, partilhando algumas expectativas, anseios, potencialidades e desafios existentes no meio, que servirão de norte para formulação das temáticas a serem abordadas pela EFA ao logo do ano letivo.

À vista dessas elucidações, observamos, a partir dos depoimentos dos professores da EFA Serra da Capivara, que o processo de construção do Plano de Formação requer da escola um envolvimento maior das famílias, além disso deve apresentar os principais pontos a serem abordados no momento de planejamento, como podemos acompanhar nas seguintes colocações:

A gente passa um pente fino. Pega o que a gente vivenciou no ano anterior, que não deu certo e o que deu certo. Aí, a gente vai discutir pra fazer a melhoria daquilo. Aí, a gente apresenta “pros” pais na reunião do início do ano, se eles tão de acordo, se aquilo que realmente eles vivenciam nas comunidades, se realmente vai interessar ao aluno, se vai instigar o aluno, se vai motivar o aluno para aquilo. Aí, depois que passa por eles, chega nos meninos, né. Quando a gente traz os meninos, chega nos meninos. Aí, é que a gente fecha, bate o martelo. Quando passa, primeiro é reunião de professores e gestão, pais, alunos. Aí, quando passa por todas essas três etapas de construção, aí a gente bate o martelo e utiliza ele durante o ano. (P1)

Na verdade, a gente já tem um esqueleto, mas a gente considera as reuniões de associação dos pais. A gente já começa a focar esses temas e a gente já começa a perguntar algumas coisas sabe, pedir algumas sugestões porque eles trazem bastante sugestões. Por exemplo, de temas a serem trabalhados. Eles falam: Ah, seria interessante vocês inserirem isso; ah, lá na nossa comunidade [...] então a gente pensa, a gente anota, e na reunião a gente começa a articular tudo isso. Então, não é o processo centralizado não. A gente gosta de sempre escutá-los, e a gente já traz alguma coisa também dessas informações. (P2)

Se dá através de uma discussão. É sistematização dos instrumentos que a gente trabalha lá [...] as práticas, e aprimorar mesmo, a escola. Aprimorar o Plano de Formação que já tem na escola. (P3)

Então, eu participei de uma reunião que trabalhava a questão do Plano e seria a construção dos temários dos Planos de Estudos. Dentro desse Plano Formação, o momento em que eu tive alguma participação, foi um momento de sentar com os demais professores para concluir e fechar a questão dos temas que a gente vem trabalhando no Plano de Estudo no decorrer dos três anos de formação do aluno. Então minha participação dentro do Plano de Formação foi essa. Foi de acompanhar as propostas de tema. (P4)

Nós temos bastantes egressos já na nossa EFA que muito vem contribuindo nas comunidades e são bem presentes na escola. Então [...] são três dias que a gente tira para debater esse Plano e eles também são convidados, os egressos. Nem sempre há outros convidados, mas a gente costuma trazer o sindicato para debater junto com a gente no início do ano, no final do ano fica a cargo dos alunos, pais e professores. (P5)

Com base nos depoimentos dos professores, compreendemos que o processo de construção do Plano de Formação da Escola Família Agrícola Serra da Capivara ocorre a partir de um momento de reflexão acerca do que foi desenvolvido pela escola nos anos anteriores, observando os aspectos positivos e o que precisa ser melhorado. Logo são convidados para contribuir os alunos, famílias, monitores, comunidades, parceiros e egressos para juntos debaterem os temas que deverão nortear o Plano, e posteriormente as ações desenvolvidas no meio no qual o jovem está inserido.

Percebe-se, no entanto, nos relatos de P1 e P2 que a escola antes de levar o Plano para ser apresentado aos atores da comunidade escolar, faz uma espécie de esboço do PF, destacando

apenas os pontos principais que possam facilitar o diálogo e o processo de reflexão do projeto educativo da EFA, avaliando o que foi positivo e o que precisa melhorar. A partir dessa reflexão, a equipe pedagógica junto com as famílias, alunos, comunidades e parceiros vão construir algo que dialogue com a realidade concreta do jovem camponês.

Nesse aspecto, esse processo realizado pela escola antes de levar o Plano para ser apresentado no momento de reflexão e planejamento de novas ações, é de suma importância para o desenvolvimento do projeto educativo da alternância, pois facilita o entendimento dos envolvidos nesta fase de elaboração do PF, o que torna possível trabalhar os pontos que precisam ser melhorados de forma conjunta através de um diálogo acerca da realidade dos jovens, pois essa vivência pode trazer elementos importantes a serem aprofundados pela escola, assim, cabe a equipe pedagógica organizar os temas que serão trabalhados durante o ano.

Outro fator importante destacado nos depoimentos de P1 e P2 está relacionado aos três momentos promovidos pela escola durante a elaboração do Plano de Formação: no primeiro momento, participa somente os educadores; no segundo momento, os educadores sentam com pais e parceiros; e no terceiro, reúnem-se com os estudantes totalizando três encontros separados com por categorias.

Se estamos tratando da elaboração do Plano de Formação, que tem a função específica de organizar o projeto educativo da escola, por que não convocar todos em uma única reunião para discutir e apresentar sugestões de forma coletiva, tendo vista que essa etapa de construção é de suma importância para o desenvolvimento do projeto educativo da EFA. Ademais, se a elaboração do Plano tem como base uma pesquisa participativa, envolvendo todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar, como se deu a escuta das famílias e dos jovens alternantes pela escola em momentos separados? Como que a escola conseguiu fazer esse processo separado se tratando de uma socialização coletiva?

Nesse sentido, é essencial que a escola exerça mais o papel de mediadora deste processo, agregando e sistematizando os saberes da coletividade, frente às colocações apresentadas pelas famílias e as comunidades acerca da realidade concreta que circundam o meio que o jovem está inserido. Em virtude disso, talvez fosse importante que os diálogos entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de elaboração do Plano de Formação ocorressem de forma coletiva, oportunizando a eles a troca de experiências acerca das ações e dos projetos educativos e das temáticas que devem nortear o trabalho da escola.

Não obstante, o Plano de Formação enfatiza um processo de formação por meio da dinâmica da vida, valorizando não apenas os conteúdos escolares, mas, sobretudo, as relações sociais, vivências, saberes e fazeres do aluno. Dessa forma, o PF integra diferentes sujeitos com

diversas experiências que contribuem com a reflexão e conhecimentos teóricos e práticos que integram a dimensão formativa da alternância (GIMONET, 2007).

Com isso, os professores P1, P2 e P5 destacam que a participação da família, alunos, professores e parceiros é de suma importância neste processo de elaboração do PF, pois as experiências e os relatos da realidade concreta do aluno podem enriquecer bastante o momento de planejamento realizado pela EFA. Assim, os professores dão destaque maior à participação da família nas reuniões, assembleias e momentos de decisões que acontecem na escola. Por sua vez, a participação da família e do aluno nos momentos de reflexão e planejamento da EFA possibilita uma maior integração entre os atores sociais que compõem a escola no diálogo entre escola e família que articula os saberes, experiências e conteúdo, reafirmando o papel e a vivência do Plano de Formação.

Quando a família participa de forma efetiva da formação do jovem há um engajamento maior na realização do Plano de Estudo, no acompanhamento e no desenvolvimento de atividades. Portanto, a participação da família nos processos educativos dos educandos é de suma importância na concretização de uma ação transformadora, que ultrapassa a conjuntura familiar e chega até a escola e a comunidade. Se não houver essa participação efetiva da família é preciso criar condições que fortaleçam este diálogo entre a família e a escola, posto que é a base para qualquer formação na EFA. Ou seja, a família é a base, que dá sentido aos processos educativos da Escola Família e torna a aprendizagem mais significativa.

Por outro lado, o P3 destacou que a sistematização do conhecimento realizada por meio dos instrumentos pedagógicos através do aprimoramento da prática e do Plano de Formação já existente na escola. Dessa forma, percebemos que as ações desenvolvidas pela EFA possuem uma organização própria, apoiada nas mediações pedagógicas específicas e seguem o que está previsto no Plano de Formação.

Também notamos que há uma semelhança entre os depoimentos de P3 e P4, uma vez que ambos destacam apenas o que foi vivido dentro da escola, sem a participação dos diferentes sujeitos que fazem parte desse processo de articulação de saberes e troca de experiências na construção coletiva do Plano de Formação. Contudo, segundo afirma, a participação de P4 no processo de elaboração do Plano de Formação foi apenas em uma reunião com os outros professores da EFA para a construção dos temários do Plano de Formação, acompanhando apenas os temas propostos para os Planos de Estudos.

Sabemos, entretanto, que o processo de elaboração do Plano de Formação é um momento coletivo no qual os professores escutam os anseios, desafios e potenciais da comunidade, com organização de estratégias pedagógicas específicas para este diálogo com as

famílias, alunos e colaboradores. A partir desse diálogo com as famílias e as comunidades surgem as temáticas que serão abordadas durante os projetos educativos desenvolvidos pelas escolas durante o ano letivo.

Após esse levantamento de temas feito através de uma tempestade de ideias relacionadas à realidade concreta do camponês, é comum que os professores se juntem com o intuito de identificar os relatos mais marcantes para a partir daí elencarem as temáticas que mais se identificam com a realidade do jovem e também desperte seu interesse.

Por esse viés, um destaque interessante na fala de P5 foi a participação dos egressos no processo de elaboração do Plano de Formação, pois eles já têm uma visão de mundo diferenciada e os conhecimentos adquiridos ao longo da formação que possibilitaram o reconhecimento da sua realidade. Essa participação dos egressos⁶ pode alargar os horizontes de estudo da EFA, pois vai ao encontro com o interesse dos educandos, uma vez que as experiências e o olhar trazidos por eles fazem toda diferença, principalmente relacionadas ao desenvolvimento local, ao PPJ, que tem como referência a realidade concreta e o potencial da comunidade.

O fato de a escola ter este diálogo com os egressos possibilita acompanhar a caminhada, ter uma dimensão do que esses estão fazendo, fortalecendo os vínculos com as famílias e a comunidade, aspecto que ajuda na consolidação do trabalho da EFA. No entanto, é primordial que a escola procure também incluir as organizações sociais nas discussões que envolvem o processo de formação dos educandos.

Ressaltamos, portanto, que durante as rodas de conversa foi destacado pelos professores que cabe a escola conscientizar as famílias em relação ao seu papel na formação dos filhos, assim como, trabalhar a participação das famílias nos momentos coletivos realizados pela EFA, como: as reuniões, assembleias, festividades e projetos, e a partir dessa ação concreta garantir maior engajamento nas discussões. Destarte, o momento da construção do Plano de Formação é propício para a EFA buscar essa aproximação maior com a família a fim de entender a realidade para, a partir dessa reflexão do mundo do aluno, construir um projeto de educação voltada à problematização do meio socioprofissional apontando possibilidades de transformação.

Os educadores destacam ainda que a escola precisa pensar estratégias para envolver as famílias no processo de formação da alternância. Essa, por sua vez, necessita trabalhar com os

⁶ Egressos é nomenclatura atribuída aos ex-alunos das EFAs, ou seja, são jovens formados que contribuem com o desenvolvimento local a partir da sua formação integral e humana.

professores novatos a questão do Plano de Formação e o conhecimento da Pedagogia da Alternância e seu processo de formação.

Essa preocupação dialoga com a visão de Gimonet (2007), ao destacar que as estratégias utilizadas para elaboração do Plano de Formação precisam assegurar a participação dos diferentes atores desse processo, como possibilidade de reafirmar a prática da alternância e as finalidades do projeto educativo, que visa articular os tempos e os saberes estabelecendo uma relação com o meio sociofamiliar do camponês.

Todavia, apesar dos professores reafirmarem a importância da participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo das EFAs na construção do Plano de Formação, os depoimentos dos estudantes apontam que ainda é frágil o envolvimento dos jovens na construção deste importante instrumento político e pedagógico dentro das Escolas Famílias, conforme os depoimentos:

Eu nunca participei da construção do Plano, mas a escola costuma reunir os principais sujeitos deste processo, que são os alunos e as famílias, para trabalhar de forma conjunta, ver os anseios, dificuldades presentes na comunidade para trazer mais conhecimento e ensinar a gente a conviver com a realidade. (A1)

A escola busca envolver nós alunos e nossas famílias na construção do Plano, ou seja, a escola entra na vida da gente. A partir das nossas conversas, a escola começa a desenvolver um trabalho que entra também na comunidade. Assim, a escola movimenta e envolve a comunidade na formação que é oferecida pra nós lá. (A2)

Diante às colocações de A1 e A2 não fica claro de que forma se dá a participação dos alunos na construção do Plano de Formação. Os jovens até destacam que a escola dialoga com suas especificidades, uma vez que esta busca envolver os atores, trabalhando de forma conjunta com esses. Nesse sentido, a EFA atua buscando uma dimensão mais ampla da comunidade e também possibilitar uma educação contextualizada e libertadora.

A esse respeito, A1 afirma nunca ter participado da elaboração do Plano de Formação, mas destaca que a escola dialoga com as famílias e alunos, buscando trabalhar de forma conjunta. Ainda enfatiza o papel que a escola exerce juntos às famílias, com os alunos e com as comunidades, ensinando a conviver com a sua realidade. Embora fique uma reflexão em relação aos desafios que surgem neste processo de elaboração do PF, por outro lado, o trabalho estabelecido pela EFA, em diálogo permanente com a comunidade, é importante. Afinal, o Plano de Formação se integra à formação da alternância no dia a dia, mediado pelas relações que são construídas e pelos saberes que devem ser construídos pelos jovens camponeses.

Em seu relato, A2 traz uma questão importante quando destaca que a escola, por meio do Plano de Formação, envolve a comunidade na formação que é oferecida aos educandos. Essa estratégia reafirma o papel político da Escolas Famílias Agrícola e da metodologia da alternância que é possibilitar a interligação dos processos educativos desenvolvidos pela escola com os aspectos sociais, políticos e econômicos da vida integrando o contexto socioprofissional na formação. A partir desta integração entre a vivência da escola e da comunidade, é que se movimenta todo o percurso formativo do jovem na EFA, conciliando os saberes práticos e saberes específicos à vivência junto aos conteúdos programáticos, assim, conjugando uma infinidade de conhecimentos oriundos de um diálogo mais próximo com a comunidade.

Portanto, de acordo com a visão dos alunos, a escola exerce um papel importante na vida deles, pois integra, por meio do Plano de Formação, as finalidades da proposta educativa da alternância aos saberes vivenciados nas comunidades, possibilitando a articulação de saberes e o desenvolvimento de novas aprendizagens que despertem o interesse dos estudantes pelo fato de dialogar com sua realidade, e, conseqüentemente, fortalecer o meio em que estão inseridos.

Já no que concerne ao diálogo estabelecido com as mães acerca da construção do Plano de Formação, observamos que elas não tinham muita clareza acerca dessa discussão. Isso porque talvez a nomenclatura “Plano de Formação” cause um pouco de estranhamento por parte delas, uma vez que não conseguiram trazer elementos significativos que demonstrassem algum tipo de participação e/ou envolvimento delas na discussão e/ou elaboração do Plano de Formação na EFA Serra da Capivara.

Evidentemente, que o fato de as mães entrevistadas demonstrarem certo desconhecimento acerca do Plano de Formação e sobre o seu processo de elaboração traz algumas dúvidas sobre o tipo de envolvimento que a EFA promove com as famílias neste percurso de planejamento e desenvolvimento de suas atividades formativas. Talvez esse desconhecimento por parte das famílias acerca do Plano de Formação ocorra também devido ao distanciamento social, imposto pela Pandemia do Covid-19, que as impossibilitou de frequentarem a escola e de participarem das decisões, projetos, reuniões e assembleias. Sobre essa percepção, vale destacar que foram dois anos de distanciamento que trouxeram impactos políticos, pedagógicos e afetivos significativos na vida das EFAs e das próprias comunidades. Isso posto, entende-se que a ausência do convívio com esses espaços e a troca de experiência geram este distanciamento das relações, bem como do ensino que é desenvolvido pela escola.

3.1.3 Organização do trabalho pedagógico da EFA com relação aos tempos e espaços formativos do jovem

A articulação dos tempos e espaços de formação estabelece uma estreita relação entre os vários atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da EFA. Dessa forma, a organização do trabalho desenvolvido pela escola junto aos seus alunos, sua família e a comunidade buscam associar teoria à prática possibilitando uma troca de experiências entre os envolvidos.

Nessa perspectiva, a organização do trabalho pedagógico da EFA tem como ponto central a realidade do educando. Através das mediações pedagógicas da Alternância, a equipe pedagógica busca estabelecer um diálogo entre escola, família e comunidade, utilizando-se de estratégias pedagógicas que favoreçam a articulação destes espaços e tempos, com vista a construção coletiva através de um constante movimento de ida e vinda entre teoria e prática e as relações cotidianas do jovem.

Para Nascimento (2004), a aprendizagem da Alternância acontece em espaços e territórios diferenciados representados, primeiramente, pela família e a comunidade (realidade) e pela escola (reflexão). Neste percurso, o trabalho pedagógico das EFAs - constitui-se numa práxis educativa que une prática e teoria, culminando em uma diversidade de saberes e experiências.

Outrossim, o trabalho pedagógico da Alternância busca a valorização de conhecimentos e saberes familiares e escolares por compreender o tempo e espaço formativo da família e da escola, efetivando a convivência, os princípios, os processos educativos, valores e conhecimentos dos camponeses.

Nesse sentido, Gimonet (2007) afirma que a formação em Alternância possui uma organização, atividades e mediações pedagógicas próprias que articulam os tempos e espaços associando as dimensões profissionais e gerais da formação. O espaço-tempo da vida familiar dialoga com o espaço-tempo escolar através da acumulação de conhecimentos decorrentes desta relação estabelecida entre escola, família e comunidade.

Na Escola Família Serra da Capivara, por exemplo, a organização do trabalho pedagógico ocorre a partir do planejamento pedagógico que inclui as mediações pedagógicas e os conteúdos do Núcleo Comum e Base Técnica articulando a formação integral do educando, nos tempos e espaços formativos com a vivência, como podemos acompanhar nos depoimentos dos professores:

A gente faz o planejamento. A gente divide os instrumentos pedagógicos, os conteúdos programáticos da Base Comum e das disciplinas técnicas. E a gente se organiza pra “tá” trabalhando eles sempre de acordo com tema gerador, o Plano de Estudo. A gente foca muito nos planos de estudos, visa muito está trabalhando os conteúdos dos livros mesmo, conteúdos didáticos, e contextualizando com os Planos de Estudos. (P1)

Então, as EFAs, elas são organizadas no espaço da escola e no espaço da comunidade. Cada espaço ele tem instrumentos específicos. Então, se não houvesse articulação entre esses espaços, a gente não teria uma formação integral do jovem. Um bom exemplo disso é o Plano de Estudo. O Plano de Estudo é um instrumento muito essencial, porque através dele o aluno, ele consegue se conhecer dentro de um contexto, dentro de uma realidade, desde ali a sua origem no primeiro ano, que ele começa a ver aspectos sociais da sua comunidade, da sua região; começa a interagir com esses aspectos. Depois ele vai estudar as potencialidades do local, então é todo um autoconhecimento que um Plano de Estudo proporciona. Então, através do Plano de Estudo a escola, ela consegue dialogar com o aluno. Consegue fazer com que ele se reconheça dentro daquele contexto. Que ele comece a enxergar também a comunidade que ele está inserido de uma forma diferente. (P2)

Dentro desta questão, acredito que nosso trabalho está mais vinculado ao que a gente chama de Projeto Profissional do Jovem, a formação dele como profissional e futuro profissional, e que a gente começa a dar esses espaços, esses ganchos para que eles venham construindo sabendo qual a visão que eles podem ter futuramente, o que eles desejam alcançar. E aí dentro desse ponto, eu acredito que um instrumento que é bem interessante e a gente trabalha bastante, é o projeto dos jovens. Projeto Profissional do Jovem, que é, digamos assim, seria um início da sua entrada para o mercado do trabalho, um preparo a mais que eles têm em relação à formação técnica que é dada na Escola Agrícola. (P4)

A gente segue praticamente todos os instrumentos pedagógicos o que já traz a formação dos jovens, mas a gente busca inserir esses jovens em outras formações fora da escola, mas, voltadas para o curso deles. Os nossos jovens, eles fazem muitas formações aqui no território da Serra da Capivara e em outros estados, participam de bastante feira, apresentações de trabalhos, pesquisas, já também são inseridos na elaboração de projetos. Então, assim, eu acredito que a EFA proporciona esse momento com esses jovens fazendo acontecer depois. (P5)

Observa-se, de acordo com os depoimentos professores, que a organização do trabalho pedagógico da EFA perpassa pela articulação entre a escola e a comunidade, com o auxílio das mediações pedagógicas, principalmente os Planos de Estudos, que possibilitam o diálogo entre as experiências educativas desses dois espaços integrando os aspectos da vivência, das potencialidades locais à aprendizagem do educando. Sendo assim, através de todo esse percurso formativo que circunda a vida do jovem, a escola consegue dialogar com sua realidade e conjugar os saberes presentes nos tempos e espaços que o camponês está inserido.

Na visão de P1, o trabalho da EFA é organizado seguindo os Temas Geradores que orientam os Planos de Estudo e o processo de contextualização das práticas educativas. Com isso, a partir dos Temas Geradores e do Plano de Estudo são desencadeadas outras atividades com auxílio das mediações pedagógicas visando aliar os conteúdos com base na vivência do sujeito. Sendo assim, constatamos que esta formação da Pedagogia da Alternância segue uma metodologia própria que a vincula ao mundo da escola e ao mundo da vida.

Por sua vez, o P2 traz uma visão da organização escolar baseada na sessão escolar e na sessão familiar, enquanto espaços formativos que ampliam as possibilidades de construção do conhecimento da realidade, a partir do trabalho com as mediações pedagógicas específicas, que interligam e articulam as aprendizagens do camponês, levando em consideração seu meio social, político, econômico e cultural. Através dessa dimensão formativa apresentada por P2, permite-se aliar saberes e conjugar conhecimentos que consistem dentro de uma realidade com a qual interage com o Plano de Estudo, isso a partir de um processo de autoconhecimento das potencialidades locais, dos aspectos socioeconômico e cultural despertando o sujeito à valorização da comunidade mediante uma nova visão de mundo.

Já na opinião do P4, o processo formativo do educando está vinculado ao Projeto Profissional Jovem - PPJ, enquanto uma mediação pedagógica que possibilita uma formação técnica e profissional vinculada à vida potencializando o desenvolvimento local, a formação integral do sujeito e os elementos básicos para sua iniciação na caminhada. O PPJ, nesse sentido, possibilita ao jovem camponês a conclusão do Curso Técnico, como também abre novas possibilidades para a compreensão das alternativas de desenvolvimento local.

Nesse caso, o Projeto Profissional Jovem auxilia o jovem na definição de sua carreira profissional e sua atuação política na comunidade, mostrando para as potencialidades regionais e as alternativas empreender na própria comunidade, e assim fazer com que ele se torne o protagonista da sua própria história.

Para o P5, a escola trabalha praticamente com todas as mediações pedagógicas da Alternância enfatizando que, além desta vivência e da formação que acontece na EFA e na comunidade, os educandos também são inseridos em outros espaços formativos dentro do território com a participação em cursos, palestras, feiras, entres outros. Diante do exposto, percebemos que a EFA busca inserir seus estudantes em outros espaços sociais que possam contribuir com a sua formação e com o seu desenvolvimento profissional e humano.

A colaborada P5, por seu turno, acrescenta ainda que os jovens da EFA também fazem formação em outros estados e participam de atividade como elaboração de projetos nas comunidades. Mediante essas colocações, percebe-se que a escola realiza diversas atividades

interessantes com os jovens, uma vez que existe esta preocupação de proporcionar-lhes algo que possa complementar ou dar um suporte a formação que o camponês realiza na EFA, e que vai de encontro com a sua realidade e experiência.

Em contrapartida, o que não ficou muito claro nas colocações do P5 é como eles planejam e executam essas atividades complementares, de modo a não sobrecarregar a jornada de formação do jovem, a sessão escolar e familiar, uma vez que o processo de aprendizagem do educando acontece no tempo e espaço que ele está inserido.

Em suma, nota-se que os monitores revelam em seus depoimentos diferentes perspectivas da organização do trabalho da EFA em relação ao tempo e espaço da formação; alguns associando as mediações pedagógicas, aos conteúdos e às vivências dos educandos nesses processos. Além disso, destacaram a importância da organização de cada sessão tanto escolar como familiar enfatizando a especificidade de cada um no processo de formação integral dos jovens. Também em seus relatos descreveram a importância do Projeto Profissional Jovem na formação e, por fim, destacaram as possibilidades de inserção destes educandos em outros espaços formativos que venham a fortalecer sua aprendizagem e a proposta formativa desenvolvida na EFA.

Continuando essa abordagem, segundo Ribeiro (2008), na proposta de formação da Alternância, o jovem camponês assume a centralidade desse processo de aprendizagem, ou seja, é o eixo central. Sendo que esta deve possibilitar ao sujeito uma maior atuação cidadã através da participação social e do desenvolvimento crítico dos educandos contribuindo para o fortalecimento do meio.

Apreende-se que a formação técnica desenvolvida nas EFAs, mediante a colaboração dos professores, integra um conjunto de saberes articulados entre si e com o meio do educando, possibilitando a formação integral desse sujeito a partir das vivências do plano de estudo, das abordagens dos conteúdos que se aliam às mediações e interligam os conhecimentos gerando novas aprendizagens. Sendo assim, na concepção dos alunos, a EFA tem uma boa organização tanto na parte teórica quanto na parte prática, conforme se constata nos depoimentos abaixo:

A escola tem uma boa organização, tanto na parte teórica como na prática. Os professores também são excelentes. Nos ajudam tirando nossas dúvidas sobre o projeto, que é o PPJ, nos auxiliam bastante. (A1)

É bem organizado com relação a isso. Porque a gente estuda lá na escola, eles dando suporte, e quando a gente “tá” em casa também, os professores, apesar da distância e tal. Os professores dão um suporte também pra gente, pra fazer os PE e as outras atividades que eles mandam pra casa também. (A2)

De acordo com os depoimentos dos alunos, a EFA Serra da Capivara tem uma boa organização pedagógica voltada à articulação da teoria com a prática, dando suporte e os auxiliando com o PE e PPJ e as outras atividades propostas na formação por Alternância.

À luz dessas declarações, percebemos, na visão de A1, que a escola está bem organizada em relação aos tempos e espaços da formação, uma vez que na opinião deste, a EFA está conseguindo realizar um trabalho capaz de unir a teoria à prática e, com isso, também fortalece o PPJ. Nesta direção, o A1 faz questão de destacar a excelência dos professores. Nesse processo, é importante a conjugação de saberes que existe na EFA quando se busca unir o teórico com o prático. Logo, o trabalho de acompanhamento e auxílio dos educandos realizado pela EFA, nos momentos de dificuldades, faz toda diferença. Por isso a EFA envolve escola e família na formação do sujeito, pois este processo de construção de conhecimento não acontece desvinculado desses espaços.

O A2 destaca também a organização da escola e enfatiza que os professores são importantes no processo de formação da EFA, e que esses dão suporte tanto na sessão escolar como familiar, auxiliando-os com o PE e as outras atividades desenvolvidas na comunidade. Mediante o exposto, observamos que existe uma ligação entre o tempo e espaço que acontece a formação do jovem, possibilitando um diálogo entre os conhecimentos e uma aproximação maior com a realidade através da realização do Plano de Estudo que apresenta relatos acerca da vida da comunidade.

Consoante aos depoimentos dos alunos, a organização do trabalho da EFA perpassa pelo tempo e espaço formativo que permeia o processo de aprendizagem o qual passam os estudantes, suas famílias e as comunidades, principalmente no desenvolvimento do Plano de Estudo e na execução do PPJ. Sobretudo, os estudantes destacam que este trabalho é desenvolvido sempre com suporte dos educadores nas etapas da formação.

Quanto às mães entrevistadas durante a pesquisa, verificamos que evidenciam também que o trabalho da EFA trouxe contribuições importantes para a melhoria da vida dos seus filhos, principalmente na questão da geração de renda para as famílias e as comunidades, como se observa nos depoimentos.

A educação dos nossos jovens hoje em dia, os que vem pra aqui é outra. Eles mesmos aprenderam a se comunicar muito melhor uns com os outros, e com os novos conhecimentos passa a melhorar a cada dia. A escola ajuda bastante com o ensino daqui. É tudo melhoria, só teve a melhorar. (M1)

A escola tem muitas coisas. Ensinou nossos filhos a gerar renda, ensinou as pessoas a cultivar as plantas quem não sabia plantar, cuidar. E também eles ensinam na escola e em casa também. (M2)

Evidenciam-se nos depoimentos das mães, que ambas mencionam que a escola ensinou muita coisa boa para os filhos, também enfatizam a questão da mudança de comportamento depois do ingresso na EFA destacando o papel dessa na articulação de conhecimentos a qual auxilia os educandos nas execuções de atividades práticas na escola e na comunidade.

Nas colocações da M1, aponta-se a questão da transformação que o jovem passa ao ingressar na EFA, mencionando que a partir das aprendizagens o jovem melhora a cada dia e que, nesse sentido, a escola ajuda bastante. Mediante esses depoimentos, observamos que existe um diferencial no ensino oferecido pelas EFAs, e que essas possibilitam ao jovem camponês uma formação que se contextualiza com sua realidade em uma perspectiva de fortalecimento das relações entre escola-família-comunidade.

A M2 reforça que a escola tem muita coisa boa e ensina o jovem a empreender na própria comunidade auxiliando na execução de tarefas e atividades práticas tanto na escola como na família. A EFA, neste sentido, além de ensinar ao jovem ser protagonista, também estimula o desenvolvimento local e o fortalecimento do meio através de práticas sustentáveis e viáveis. Assim, segundo Caliarí (2013), a formação do alternante é um dos meios pelo qual escola e família se relacionam tendo como foco principal contribuir com a aprendizagem dos educandos.

Portanto, fica evidente que é importante essa relação apontada pelas mães em que a EFA, no desenvolvimento do seu trabalho, faz a articulação dos diferentes tempos e espaços de formação da Alternância, uma vez que fortalece a relação família e escola, teoria e prática, potencializando a aprendizagem dos educandos e contribuindo para o desenvolvimento da realidade concreta do jovem camponês.

3.2 O desenvolvimento do Plano de Formação da EFA Serra da Capivara: as possibilidades e os desafios na construção interdisciplinar do conhecimento

Conforme já refletido no decorrer do texto, o Plano de Formação tem o propósito de vincular os saberes específicos da comunidade com os saberes do currículo escolar através da elaboração e articulação dos Temas Geradores que integram a realidade concreta do jovem, integrando vida e conhecimento através da contextualização de saberes do senso comum com os saberes científicos a fim de estabelecer um vínculo entre escola-família-comunidade.

Trabalhar, pois, a partir de Temas Geradores que perpassam pela vida do aluno retratando sua realidade apresenta-se como possibilidade à construção interdisciplinar do conhecimento, posto que mediante as articulações de saberes construídos ao longo desse processo de formação, acontece a interação entre o mundo da escola e o mundo da vida entrelaçando as vivências, os conteúdos, a teoria e prática que constitui a práxis educativa da Alternância.

Nessa perspectiva, segundo Freire (1987), a interdisciplinaridade é constituída a partir da articulação entre os conhecimentos das diferentes disciplinas por meio de um processo metodológico que estabelece a relação desses conhecimentos com o contexto, com a realidade e com sua cultura. Entretanto, uma educação pensada nestes moldes, coloca o sujeito como centro da educação considerando suas múltiplas condições de existência.

Para Gadotti e Romão (2004), no entanto, a interdisciplinaridade garante a construção de um conhecimento global, capaz de romper as fronteiras impostas pelas disciplinas do currículo escolar. Por isso, a necessidade de se ter um olhar mais globalizante sobre a realidade e as relações que estas constituem.

Diante deste cenário, a articulação de saberes nas Escolas Famílias Agrícolas surge do conhecimento da realidade do jovem em diálogo com as experiências e as aprendizagens vivenciadas nas EFAs associadas à formação integral do sujeito. Nesse processo, os educadores buscam desenvolver uma organização didática e pedagógica que dialoga com o meio familiar através da conexão da teoria com a prática, da vivência escolar e da vivência comunitária, buscando a produção de um conhecimento que amplie a compreensão do mundo do camponês.

Nesse aspecto, os processos educativos da EFA têm como eixo condutor o Plano de Formação que conjuga as mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância, integrando o currículo às experiências e vivências dos alternantes por meios de Temas Geradores que fazem parte do PF. Sendo esse sistematizado por meio do Plano de Estudo com os temas de estudo de cada sessão, temas estes que estão relacionados à realidade vivida dos jovens.

Como aponta Silva (2011), o PF se assemelha a um plano de ação, pois ambos apresentam finalidades que orientam o processo educativo de um CEFFA reafirmando sua missão e seu compromisso com o desenvolvimento do meio. Portanto, a proposta do Plano de Formação tem como foco principal a organização da proposta de formação da Alternância e a condução das suas etapas formativas que se vincula aos múltiplos saberes dos camponeses através dos Temas Geradores, esses dão origem ao Plano de Estudo favorecendo a mediação e o diálogo entre os diferentes contextos e saberes numa perspectiva interdisciplinar.

Por seu turno, para Caliari (2013), o Plano de Estudo possibilita ao alternante interagir com as temáticas que dialoguem com seu mundo dando um novo significado para sua formação, pois apresenta questionamentos relacionados ao seu dia a dia. Dessa forma, os estudos baseados nos Temas Geradores dos PE despertam o interesse do jovem do campo em conhecer e participar das diferentes práticas sociais que permeiam seu contexto social.

Ademais, os Temas Geradores dão vida ao Plano de Estudos, isso é, uma mediação que busca aprofundar e trabalhar com temas vinculados a sua realidade socioprofissional (ESTEVAM, 2012). A organização geral do Plano de Formação entrelaça os conteúdos, saberes da comunidade e os saberes científico, unindo teoria e prática, conjugando conhecimento e seguindo os Temas Geradores como eixos norteadores deste processo.

A esse respeito, o Plano de Formação descrito por Gimonet (2007) apresenta em sua estrutura os conhecimentos da realidade do educando, que são os conteúdos da vivência da Pedagogia da Alternância, e esses correspondem aos Temas Geradores e aos temas de Plano de Estudo de cada sessão. Essas mediações pedagógicas auxiliam na formação dos alternantes, como também promovem uma maior integração entre o mundo da escola e o mundo da vida.

Dentro do PF também estão presentes as Disciplinas Profissionais, com os conteúdos da parte diversificada da formação integral vinculados ao conteúdo da formação geral, aos Temas Geradores e às pesquisas do PE. Por fim, o Plano traz em sua estrutura as disciplinas do Núcleo Comum, conteúdos da Base Nacional Comum Curricular integrados aos temas do Plano de Estudo em consonância com as demais disciplinas e envolvendo os principais aspectos da formação do CEFFA, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 04 – Modelo simplificado do Plano de Formação

		CONHECIMENTO DA REALIDADE Conteúdos vivências Pedagogia da Alternância				DISCIPLINAS PROFISSIONAIS Conteúdos da parte diversificada integrados com os conteúdos da vivência e da Formação Integral				DISCIPLINAS DO NÚCLEO COMUM Conteúdos da Base Nacional Curricular integrados com os temas de pesquisa do Plano de Estudo																	
Período	Alternância	Eixo Gerador	Tema de pesquisa no meio socioprofissional	PLANO DE ESTUDO	Colocação Comum	Visita de estudo	Colaborações externas	Estágio	Atividade de retorno	Agricultura	Zootecnia	Economia Rural	Construções e	Legislação e Gestão	Agrindústria	Português	Matemática	História	Geografia	Biologia	Química	Física	Artes	Língua Estrangeira			
5º	1	O meio socioprofissional e o projeto	Realidade socioprofissional da família																								
	2		Apresentação da ideia do projeto																								
	3		Colocação em comum do estágio																								
	4		Análise comercial - Produto, serviço, mercado e viabilidade																								
	5		Estudo teórico – Equipamentos, instalação, legislação e produção - Impacto econômico, social e ambiental																								
	6		Estudo econômico financeiro - Orçamento, crédito, investimento e rentabilidade																								
	7		Planejamento - Cronograma das atividades																								
	8		Indicadores de resultado e viabilidade - Conclusões																								
	9		Elaboração do Projeto																								
	10		Digitação do projeto																								
	11		Preparação para apresentação																								
	12		Apresentação final																								
	13		Formatura																								

Fonte: GIMONET (2007, p. 75)

Como podemos observar, o Plano de Formação é concebido na perspectiva integrativa, pois une os conhecimentos da realidade aos conteúdos profissionais conjugando com os saberes da Base Comum. Desse modo, o PF orchestra as relações nos tempos e espaços e integra diferentes sujeitos, buscando conciliar os conteúdos com o projeto de ensino da EFA o qual se estabelece por meio dos Temas Geradores um diálogo com a vida.

Nesse sentido, para Gimonet (2007) o Plano de Formação articula os temas de pesquisa do Plano de Estudo com o meio socioprofissional do educando integrando as mediações, os conteúdos e as vivências, assim, possibilitando uma aprendizagem mais significativa para os camponeses com a intenção de fortalecer seu meio e valorizar suas experiências.

No entanto, no Plano de Formação da EFA Serra da Capivara há uma descrição das sessões relacionando-a aos temas do Plano de Estudo. Um outro ponto que identificamos no Plano da EFA foi que a supervisão e orientação pedagógica de cada turma fica sob a

responsabilidade de um único professor. Diante o exposto, o modelo de Plano de Formação da EFA, demonstrado no Quadro 05, apresenta alguns aspectos que diferem do que é proposto no Plano de Formação descrito por Gimonet.

Quadro 05 – Plano de Formação da EFA Serra da Capivara

PLANO DE FORMAÇÃO - 2021	
ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
SESSÃO	1º ANO
	FAMÍLIA E COMUNIDADE
1ª	Início das atividades (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
2ª	Origem da Família e Comunidade (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
3ª	Conhecimentos empíricos e credences observadas na comunidade (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
4ª	Agricultura familiar e suas configurações (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
5ª	Caracterização do bioma Caatinga e do Clima Semiárido (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
6ª	Convivência com o semiárido (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
7ª	Potencial Agropecuário da região (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
8ª	Importância socioeconômica das atividades agropecuárias (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
9ª	Desenvolvimento Rural e Sustentável (Agroecologia) (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).
10ª	Políticas Públicas na Comunidade (saúde, educação, infraestrutura e assessoria) (Trabalhar a oralidade com escrita e leitura e também a aquisição de conceitos – Contextualizando com a realidade local).

Fonte: EFASC (2021)

No quadro 5, constatamos que o Plano de Formação da EFA da Serra da Capivara possui uma estrutura bem resumida, pois dá ênfase apenas aos temas do Plano de Estudo e ao objetivo relacionado à pesquisa, sendo que todas as pesquisas possuem os mesmos objetivos a serem alcançados. Ao analisar o plano trabalhado, não conseguimos compreender como são integradas

as duas lógicas: a da vida e a da escola, que buscam integrar saberes da vivência do educando aos conteúdos programáticos construindo uma práxis educativa que une teoria e prática.

Além disso, verificamos que o Plano de Formação não foi organizado a partir do Tema Gerador, como recomendado pela Pedagogia da Alternância, assim como não aparece as mediações pedagógicas, os conteúdos, disciplinas, os objetivos da pesquisa e os enfoques que dão direcionamento ao que está sendo pesquisado, uma vez que foi dada ênfase somente aos temas dos Planos de Estudos.

Com isso, avaliamos que o Plano de Formação da EFASC apresenta uma estrutura um pouco fragmentada, pois o PF configura-se como o currículo da EFA e nele deve constar todos os elementos e aspectos que compõem esta formação. Haja vista que o ensino da Alternância se materializa mediante a conjugação de saberes articulados em um processo de formação que dialoga com a realidade do jovem, porém, essa articulação não é muito clara no PF da EFA, pois não demonstra em sua estruturação como se articula a prática com a teoria unindo o conhecimento da realidade aos conteúdos da formação do aluno.

Outro ponto que podemos destacar no PF da EFA é com relação aos temas dos Planos de Estudos, tendo em vista que, no modelo utilizado pela Escola, não fica evidente a forma como a EFASC articula os conhecimentos da realidade com os conteúdos da Base Técnica e do Núcleo Comum, já que a formação da Alternância perpassa por essa integração. Isso é, o Plano de Formação não traz em sua estrutura uma conjugação de saberes que oriente as discussões em torno das temáticas, assim, em virtude disso, observamos que há um certo distanciamento entre o Plano de Formação, concebido a partir do referencial teórico da Pedagogia da Alternância, com o PF desenvolvido na EFASC.

No quadro 05, demonstramos o PF do 1º ano da EFASC e observamos que os temas de pesquisa do PE nem sempre dialogam com o Tema Gerador. Nesse caso, seria interessante a equipe da EFA se reunir com os atores que compõem a escola para juntos traçarem as estratégias para o desenvolvimento do trabalho em diálogo constante com as mediações, os conteúdos e as vivências dos educandos, buscando articular os conhecimentos da formação integral do sujeito que acontece na EFA.

Um aspecto que também chama atenção é o fato de os temas não seguirem uma certa cronologia que possibilite um diálogo mais próximo com a realidade do aluno. Ou seja, são etapas que devem ser seguidas envolvendo toda equipe da EFA e despertar o interesse do educando em constante diálogo com seu meio.

Não obstante, as mediações pedagógicas da Pedagogia da Alternância também são importantes neste percurso formativo do camponês, uma vez que as atividades propostas no

Plano de Formação buscam integrar os saberes práticos e específicos, utilizando as mediações no processo de articulação dos conhecimentos que são constituídos ao longo da formação.

Nesse sentido, a forma como o Plano de Formação é trabalhada na EFA Serra da Capivara demonstra a necessidade de se fazer alguns ajustes em sua estrutura e em sua organização, pois os temas propostos podem até permitir um diálogo com os saberes e vivência da comunidade, mas essa articulação não fica muito visível, podendo perder um pouco da conexão com os outros saberes que surgem da práxis da vida no campo e das aprendizagens da escola. Sendo assim, o Plano vivenciado pela EFA representa apenas a divisão das dez sessões e os temas de plano de estudo, contudo, sem contextualizá-lo com as aprendizagens construídas em torno da formação.

Os temas do PE precisam auxiliar no processo de problematização das questões relacionadas à realidade dos alternantes envolvendo estes atores com as temáticas que estão sendo debatidas. No entanto, a partir da organização dos temas da EFA Serra da Capivara, não conseguimos visualizar uma sequência que facilite o entendimento do aluno desvinculando uma discussão da outra como se não tivesse um *feedback*. Atualmente, depois de muitos estudos acerca do Plano de Formação, muitas escolas estão diminuindo a quantidade de planos de estudo para conseguir de fato fazer uma interligação dos múltiplos saberes presentes no percurso formativo da Alternância.

Nestes casos não são necessários dez temas correspondentes ao número de sessão. O mesmo tema pode ser discutido e refletido em duas sessões, dando margem para a reflexão-ação, ação-reflexão e a ação-reflexão-ação que envolve EFA, família e a comunidade possibilitando, a partir das apresentações dos jovens acerca da realidade, se pensar uma atividade de retorno, ou até mesmo, uma intervenção externa que permita um acompanhamento mais próximo da realidade. É, portanto, um trabalho que pode possibilitar outras ações que integrem o conhecimento e alie a teoria à prática garantindo uma maior eficácia e um conhecimento maior da realidade.

É, sobremaneira, através dessa dimensão formativa da Alternância, que perpassa o meio no qual o jovem está inserido e integra saberes, experiência e conhecimento, e busca extrair da realidade concreta do camponês os elementos políticos e pedagógicos necessários à construção de aprendizagens mais significativa, que se integra as áreas do conhecimento, as mediações pedagógicas, as experiências sociais dos educandos, tornando o sujeito protagonista do seu próprio conhecimento.

Conforme Mattos (2014, p. 97), o PF “[...] sistematiza as atividades e os conteúdos – vivenciais, formação geral e formação profissional – no que se refere à sequência das

alternâncias e ao conjunto do percurso da formação do jovem”. Assim, cabe a EFA se organizar para fazer um estudo mais aprofundado acerca do Plano de Formação, buscando integrar em suas ações a dinâmica da formação por Alternância que vincula a vida ao conteúdo da escola através das aprendizagens constituídas na escola e na família.

Gimonet (2007), frisa que o Plano de Formação estrutura o percurso formativo da Alternância, como um eixo diretor, como se fosse a coluna vertebral da formação, seguindo uma coerência que possibilita trabalhar a partir da realidade permitindo uma maior interação e articulação dos saberes da formação integrados aos conteúdos.

Sob esse aspecto, a estrutura do PF da EFA precisa contextualizar os saberes da realidade com os conhecimentos da Base Comum e Técnica⁷ fazendo um confronto com o que é proposto no plano de estudo, e deste com os conteúdos programáticos com a vivência da PA na EFA.

Nesta perspectiva, os temas do PE possibilitam um olhar interdisciplinar sobre a realidade e permite um melhor entendimento entre as relações e as aprendizagens, que tem como ponto de partida a realidade concreta do sujeito, e isso possibilita o surgimento de um novo conhecimento. No entanto, todo esse processo que circunda o Plano de Formação não é uma tarefa simples, requer uma organização e o planejamento das ações que envolva tanto o ambiente escolar quanto o meio socioprofissional buscando despertar o interesse do educando, dando sentido ao fazer e levando-o a se sentir representado nos temas abordados.

Partindo desse pressuposto, os relatos dos professores da EFA Serra da Capivara, demonstram que o desenvolvimento do Plano de Formação está associado aos temas geradores do plano de estudo que estabelece uma relação direta com a família e comunidade, podendo articular, junto ao PF, todo o processo de aprendizagem, uma vez que os temas pesquisados possuem uma estreita relação com o vivido a partir de uma construção interdisciplinar do conhecimento, conforme os depoimentos:

Nós vivemos mais essa interdisciplinaridade dentro da nossa escola, contextualizando com os Planos de Formação, com os PEs. Vivenciamos momentos melhores. Atualmente estamos mais, digamos assim, necessitando de melhorar. (P1)

Na EFA Serra da Capivara, a interdisciplinaridade é bem trabalhada. O Plano de Formação, ele já prevê essa interdisciplinaridade e a gente procura sempre “tá” buscando as professoras. Isso facilita bastante, e os alunos eles conseguem se identificar e trabalhar de forma com aquelas disciplinas através

⁷ A Base Técnica é o conjunto das disciplinas relacionadas à formação profissional que compõe a parte diversificada do currículo, portanto, está aliada as experiências e a vivência teórico-prática do alternante, contribuindo juntamente com as disciplinas da Base Comum para a formação integral deste sujeito.

desse processos. Quando a gente consegue interligar isso, trabalhar de forma coletiva. Então, a interdisciplinaridade, ela facilita o trabalho dos monitores, ela facilita a conversação entre os instrumentos pedagógicos e ela também facilita a percepção dos alunos quanto à importância daquele conteúdo, estimula os alunos a trabalharem. Então, o nosso Plano de Formação, ele prevê isso e acredito que, junto com os Temas Geradores, a possibilidade da interdisciplinaridade é um ponto muito importante. É um dos pontos que precisa ser levado em consideração. (P2).

É importante que todas as disciplinas dialoguem entre si. Agora mesmo a gente “tá” querendo fazer esse Plano de Formação para todas disciplinas estarem trabalhando juntas. (P3)

O próprio trabalho já é interdisciplinar. Então já acontece o início, um pontapé nesse ponto. Então, todos estes temas que a gente trabalha, a gente pode abordar eles de diferentes pontos de vista, incluir várias áreas do conhecimento. Dentro da sessão escolar, a gente costuma “tá” dando um enfoque a mais no que foi trabalhado no plano de estudo, por exemplo, a forma de trabalhar interligando tanto a questão das disciplinas da base comum, como da base técnica, sempre cada disciplina, cada componente, ele tem um ponto a contribuir dentro naquela temática. Então, é a partir desse momento que a gente faz e tem este olhar interdisciplinar. (P4)

O Plano ele é feito, voltado, e pensado para exercer este papel interdisciplinar. É importante que todos os professores na hora da gente construir ou rever esse Plano de Formação, eles todos estejam presentes exatamente para que todos os componentes curriculares que nós temos na escola, seja das disciplinas pedagógicas, ou técnicas, eles possam estar envolvidos. Então, trabalhamos essa interdisciplinaridade, mas é trabalhado sim, é o norte de todas as disciplinas. (P5)

Na visão da maioria dos monitores, os projetos educativos da EFA são desenvolvidos na perspectiva da interdisciplinaridade que, por meio do Plano de Formação, contextualiza o ensino à realidade concreta do sujeito trazendo uma dimensão mais ampla do meio socioprofissional deste educando. Nessa perspectiva, enfatizam que os Temas Geradores, que servem de base para esse processo de articulação de saberes, envolvem o percurso formativo do sujeito contribuindo para seu desenvolvimento socioprofissional.

Nesse sentido, para P1, P2 e P4, a vivência da interdisciplinaridade perpassa, sobretudo, pelos Temas Geradores e pelo Plano de Estudo que possibilita o entrelaçamento entre as disciplinas, os saberes práticos interligando o trabalho realizado na EFA com a família e a comunidade. Sendo assim, a interdisciplinaridade surge da realidade concreta do camponês que entrelaça o mundo da vida com a escola desvelando por meio dos Temas Geradores muitas possibilidades de desenvolvimento a partir de uma visão mais ampla dessa realidade.

Contudo, de acordo com os professores, o Tema Gerador deve nortear toda sessão escolar e familiar possibilitando um diálogo entre as disciplinas (técnicas e do núcleo comum)

e as mediações pedagógicas. Assim, o Tema Gerador orienta a pesquisa que será realizada no Plano de Estudo, que por sua vez deve retratar o meio no qual o aluno está inserido. Com isso por meio do Plano de Formação acontece essa orquestra do processo formativo do educando que orienta suas ações pedagógicas e a vivência na comunidade mediante os temas de estudos, tendo como eixo norteador os Temas Geradores que surgem da realidade concreta dos camponeses refletidas por meio do PF. Freire (1987, p.50), então, corrobora que

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus Temas Geradores.

De acordo com o autor, o Tema Gerador é extraído através de uma pesquisa participativa que possibilita o fortalecimento de práticas educativas, sendo capaz de gerar ações coletivas que integre o sujeito, conhecimento e experiência a partir do entrelaçamento entre o teórico e o prático visando uma compreensão ampla do mundo e a melhoria do meio socioprofissional.

Com esse processo, os educandos terão a oportunidade de refletir sobre sua condição no mundo, sobre seu modo de vida e sua visão da realidade. A partir desta visão do meio familiar, percebemos a realidade de vida dos jovens, mediante uma compreensão dos conhecimentos vivenciados por eles que são articulados pela integração das experiências com os conteúdos curriculares unindo ensino e realidade.

Alicerçado na compreensão da realidade concreta do sujeito, o Plano de Formação busca conciliar aspectos importantes da vivência do educando por meio do Plano de Estudo que une os saberes e experiências possibilitando a interação entre a formação geral e profissional através de diversas áreas do conhecimento.

Diante disso, P2 destaca em seu depoimento que os Temas Geradores preveem a interdisciplinaridade, uma vez que interligam o trabalho na EFA de forma coletiva facilitando vários aspectos importantes da aprendizagem que, através da ação conjunta dos professores, potencializam o diálogo entre as mediações pedagógicas da Alternância. Neste caso, os Temas Geradores têm como centro de sua abordagem a realidade local valorizando os saberes e o diálogo entre diversos conhecimentos.

Em uma perspectiva diferente dos demais colegas, P3 destaca como é importante que as disciplinas trabalhem de forma conjunta, e que o Plano de Formação pode promover um diálogo entre as disciplinas. P3 reforça ainda sobre a importância do trabalho em equipe destacando que o Plano de Formação faz toda diferença na vida de uma EFA.

Por sua vez, P4 e P5 enfatizam que o Plano de Formação tem um papel interdisciplinar, portanto, é importante que todos os monitores participem da sua elaboração. Para P5, este envolvimento pode facilitar o trabalho das disciplinas e a interligação da Base Técnica com a Base Comum, possibilitando a construção coletiva que envolve as várias áreas do conhecimento a partir de um olhar interdisciplinar acerca da realidade. Nessa concepção, o trabalho com os Temas Geradores pode possibilitar um olhar diferenciado sobre o camponês e sua especificidade rompendo com complexidade que perpassa o ensino e a reflexão da realidade a partir do concreto que reflete o meio socioprofissional do jovem.

Para isso é imprescindível que dentro da EFA exista momentos de diálogos, reflexões, planejamento, organização e avaliação das ações desenvolvidas pela instituição para averiguar se de fato estão conseguindo desenvolver um trabalho coletivo que integre conhecimento, valorize as especificidades e experiências do educando para, assim, construir novos conhecimentos.

Isso posto, para concretização deste olhar interdisciplinar sobre a realidade do camponês, a equipe de monitores da EFA deve lançar mão do Plano de Formação, buscando planejar e organizar as ações coletivas que serão desenvolvidas, de modo que interligue todos os elementos da formação por Alternância com os saberes científicos orquestrando as múltiplas aprendizagens que surgirão a partir desta práxis.

Afinal, essa articulação entre os diferentes tempos e espaços de formação possibilita unir teoria e prática através do Tema Gerador, que é um elemento central do plano de estudo. Ele congrega os saberes, articula espaço e tempo de acordo com cada etapa do processo de formação da Alternância. O conhecimento elaborado e compartilhado a partir dos Temas Geradores e organizado no Plano de Formação da EFA abre caminhos, além da possibilidade de uma compreensão crítica da realidade favorecendo a consciência crítica do camponês.

Segundo a visão dos monitores, os Temas Geradores dos planos de estudos trazem contribuições importantes à elaboração dos projetos educativos interdisciplinares, à medida que dão vida a formação, pois estão vinculados diretamente com a realidade do educando por meio da integração dos saberes que gera novos conhecimentos.

Já nas falas dos estudantes trazem alguns elementos da prática educativa da EFA que evidenciam uma perspectiva interdisciplinar do trabalho educativo desenvolvido pela escola, principalmente nas comunidades, conforme demonstram os depoimentos:

Os professores além de ensinar nos ajudam a passar por momentos de dificuldades, fazem roda de conversa com a gente, serão à noite com temas

importantes, a gente conversa sobre tudo. Então os professores têm um trabalho que não é só de ensinar a gente, eles também têm um trabalho que é ensinar a gente a viver em união ali também. (A1)

Os professores da escola e o pessoal da coordenação auxiliam ajudando dentro da comunidade com dia de campo, visita às famílias, viagem de estudo, realizam atividades dentro das comunidades, e ajudam bastante. (A2)

Todavia, é perceptível nos relatos dos alunos que esses refletem o papel interdisciplinar da escola no sentido mais amplo, pois retratam as contribuições da escola no dia a dia da comunidade enfatizando a preocupação da EFA com a realidade concreta deles, ainda destacam que a formação não acontece só em sala de aula, mas envolve um contexto mais amplo que envolve a família e a comunidade, integrando valores, conhecimento concretizados a partir do Plano de Formação, que irá mediar as relações, conjugar saberes e auxiliar no desenvolvimento integral do sujeito.

Em seu depoimento, A1 destaca a dimensão formativa da EFA, visto que não se restringe à formação do técnico, mas volta-se à preparação do cidadão. Para ele, existe uma preocupação por parte dos professores em apoiá-los nos momentos de dificuldade seja na vida ou relacionado à aprendizagem dos conteúdos. O aluno enfatiza que os serões⁸ são utilizados como um meio de superação dos possíveis desafios que surgem durante a vivência da alternância, sendo escolhidos temas a serem trabalhados que dialogue com a realidade. Nesse sentido, as colocações de A1 apontam para uma questão bastante relevante dentro da EFA que é o fato de a metodologia trabalhar a formação que contemple o jovem em sua totalidade através de uma educação contextualizada que articula teoria e prática, e que integra o conhecimento que ensina o jovem a viver.

Na formação da Pedagogia da Alternância desenvolvida nas Escolas Famílias temos vários elementos que podem contribuir para essa aproximação com a realidade concreta do educando. De acordo com os relatos apontados por A1, podemos destacar uma mediação pedagógica que exerce uma função importante nesse processo, que é a tutoria. Processo pelo qual os alunos são distribuídos pelo número de professores da EFA, e estes além das aulas acompanham os alunos auxiliando-os em algumas etapas da formação, conversando com eles sobre vários aspectos relacionados ao seu meio socioprofissional.

⁸ Serão é uma mediação da Pedagogia da Alternância, que acontece no turno da noite dentro da sessão escolar da EFA, que estimula o crescimento e amadurecimento do estudante, é indispensável no ambiente da EFA, pois através dele se discute vários temas importantes relacionados ao Plano de Estudo ou para o aprofundamento de alguma temática do PPJ. Além disto, são discutidos também sobre questões relacionadas a questões sociais e a vida da comunidade.

Além disso, A2 destacou que o trabalho de acolhida dos estudantes na escola e o apoio nas atividades desenvolvidas nas comunidades são algo importante na formação, principalmente o acompanhamento feito pelos monitores nas experiências educativas vivenciadas no tempo comunidade, como: Dia de Campo, Visitas às Famílias e Viagem de Estudo que auxiliam bastante na formação e no desenvolvimento do meio no qual estão inseridos. De maneira que essas atividades fortalecem o diálogo entre escola, família e comunidade.

Durante a roda de conversa, os estudantes também destacaram que o plano de estudo é uma mediação capaz de articular novos conhecimentos na família com o intuito de refleti-lo na escola possibilitando a construção de uma visão interdisciplinar da realidade concreta. Este trabalho desperta o interesse do jovem em participar da vida da comunidade e das atividades desenvolvidas pela EFA, pois se sentem parte desse processo de construção do conhecimento. Acrescentam, ainda, que os pais contribuem com a pesquisa do PE, já que na Alternância a formação do jovem também passa pela família.

Sendo assim, o trabalho desenvolvido por meio do plano de estudo, à medida que possibilita aos alunos refletirem sobre sua realidade junto a sua comunidade, favorece a aprendizagem de novos saberes e ampliam as possibilidades de transformação da realidade em que vivem as famílias.

Com base nas experiências e saberes dos educandos, o Plano de Estudo possibilita à construção interdisciplinar do conhecimento, por meio da reflexão acerca das vivências na EFA e da relação desta com as famílias. Por meio das mediações com o PE, atividade de retorno, visita às famílias, serão e viagem de estudo foi possível perceber que a formação oferecida na escola ultrapassa os conteúdos didáticos e o espaço físico da escola. Seguindo essa linha de investigação, vamos refletir se a opinião das mães dialoga com algum destes aspectos destacados pelos alunos, ou se apresentam novos elementos para a discussão.

Diante às colocações dos alunos, a equipe de monitores e a coordenação pedagógica da EFA tem uma preocupação com o processo de aprendizagem, com a vivência e com os desafios presentes ao longo da formação. Na visão deles, os professores auxiliam bastante na realização das atividades, nos trabalhos desenvolvidos na escola e na comunidade. A partir dos relatos, observamos, durante as rodas de conversas, que as mães mencionam que a EFA tem uma educação diferente capaz de mudar a realidade dos jovens e suas famílias.

De modo que M1 e M2 disseram que existe um diálogo entre escola, família e comunidade capaz de fazer uma educação diferenciada. Ambas mencionam que existem muitos fatores que contribuem com a formação dos jovens, como o plano de estudo que faz a ligação

entre todos da escola, a comunidade e a família. Também destacaram a importância da tutoria, da visita às famílias e do PPJ que fortalece o meio familiar contribuindo com a formação dos jovens e com o desenvolvimento das atividades que eles exercem na comunidade.

Neste aspecto, compreendemos que existe uma consonância entre boa parte dos depoimentos dos entrevistados, considerando o papel exercido pelos diferentes sujeitos nas atividades educativa da EFA. Os professores trazem uma visão mais específica desta construção interdisciplinar e destacam para o olhar sobre a realidade como foco desse processo, enfatizando a importância das reflexões e das aprendizagens constituídas ao longo deste percurso formativo. Os educadores destacam também sobre a importância dos temas geradores que dão suporte ao modelo de ensino desenvolvido nas EFAs. Já os alunos trazem uma dimensão mais geral deste processo com destaque à vivência na escola e na família como parte desta construção interdisciplinar do conhecimento capaz de unir o teórico com o prático.

Por outro lado, as mães apontam que existe um diálogo entre escola-família-comunidade capaz de promover uma educação diferenciada, que utiliza as mediações pedagógicas para estabelecer uma interligação com o meio sociofamiliar dos estudantes.

Diante desse contexto, percebemos que as mediações pedagógicas exercem um papel político e pedagógico importante na construção de processos educativos interdisciplinares no contexto das vivências da Alternância. Além disso evidencia-se a relevância do Plano de Formação no desenvolvimento destas atividades educativas, principalmente nas articulações estabelecidas entre as mediações pedagógicas e os tempos/espacos de formação, com foco no desenvolvimento do meio e evidenciando que a formação técnica e profissional implementada nas EFAs está preocupada com a vida dos camponeses.

3.2.1 Os desafios no processo de elaboração e desenvolvimento do Plano de Formação

O processo de elaboração e desenvolvimento do Plano de Formação de uma EFA é marcado por desafios que estão relacionados ao fato do ensino oferecido pela Alternância surgir em contraposição ao sistema educativo tradicional. Nesse sentido, garantir esta especificidade não é nada fácil, pois é necessário primeiramente conhecer os princípios políticos e pedagógicos da Pedagogia da Alternância, bem como, sua filosofia, mediações pedagógicas, percebendo como essas podem interferir na formação dos educandos, de modo a contribuir com o seu desenvolvimento.

Um outro fator importante é em relação ao conhecimento que a escola deve ter sobre o Plano, porque ele surge a partir da necessidade e vivência do alternante, compartilhadas

mediante partilha e reflexão coletiva, mas quem garante sua execução é o conhecimento, envolvimento, comprometimento e participação do monitor. É através deste que o Plano de Formação ganha forma e chega até à família. Assim sendo, a escola não pode cobrar da família mais envolvimento se ela também não se sentir responsável pela proposta de formação

Percebe-se, porém, que as dificuldades se ampliam para os sujeitos que ainda não conhecem a Pedagogia da Alternância e vem de uma realidade que difere da realidade das Escolas Famílias, principalmente aqueles educadores que tem sua experiência marcada pela escola convencional, associado ao modelo de ensino tradicional. Estes profissionais, de início, tem um pouco de resistência em entender e trabalhar com esta filosofia de ensino das EFAs que perpassa pela ação-reflexão-ação por meio de uma educação contextualizada, voltada à compreensão da realidade do campo e a relação do camponês com a terra.

No caso da EFA Serra da Capivara, como já foi mencionado, alguns monitores demonstram ter pouco conhecimento sobre a PA, aspecto apontado pelos docentes e um fator que dificulta a criação de uma unidade de pensamento no grupo, que visa o desenvolvimento de um trabalho coletivo. Diante disso, observamos nos depoimentos dos educadores da EFA que a fragilidade na formação e a diferença de pensamento sobre o trabalho da EFA se configuram como um dos desafios no processo de elaboração do Plano de Formação, conforme evidenciam os relatos:

Acredito que as maiores dificuldades mesmo são alinhar o pensamento de todos pra que a gente faça um plano que contemple a todos. Embora seja um trabalho coletivo, cada um tem as suas individualidades, seus pensamentos. Tem seu ponto de vista. Então, muitas vezes alguns pontos de discordância aqui, algum ponto de discordância ali. Então, muitas vezes a gente não consegue fechar aquele plano ali de momento, mas aí na base do diálogo a gente vai trabalhando, a gente vai conseguindo. Mas, na nossa EFA, isso aí sempre foi muito tranquilo. Essa questão de trabalhar o Plano de Formação. (P2)

Tem sim, por que às vezes, um tema, por exemplo, que a gente acha que é importante. Que naquele momento de coletividade você construiu, às vezes [...] o aluno leva pra comunidade. Às vezes as pessoas não têm o conhecimento. Acho. (P1)

Eu acho que a maior dificuldade mesmo é a presença dos pais, porque como eles moram longe, eles colocam um monte de dificuldade pra “tá” vindo na escola, “tá” acompanhando”. (P3)

Assim, em relação a discutir e ver esses pontos do Plano Formação como todo plano requer um conhecimento tanto dos docentes, alunos e das famílias. A maior dificuldade seria mesma questão do contato para trazer a família para dentro da escola para poder discutir alguns pontos até porque a nossa escola é uma escola de território de muitas famílias, elas estão distantes da nossa escola

e tem uma certa dificuldade de acesso. Alguns pais às vezes encontram dificuldade de ter de chegar até a nossa escola, não de uma forma geral, mas tem alguns casos que temos dificuldade nesse ponto. (P4)

Eu acho assim, por conta da nossa escola não ter professores fixos que vem mudando a cada ano ou a cada dois anos o entendimento de alguns professores para esse Plano de Formação, na hora das discussões nós sentimos essa dificuldade. Eu até acho que se nós tivéssemos mais formação voltada para pedagogia da alternância, aliás se todos os anos tivéssemos essa formação da pedagogia da alternância voltada para professores, inclusive para famílias e alunos seria bem melhor na hora das discussões. (P5)

No tocante aos monitores, é perceptível a preocupação com relação ao trabalho coletivo dentro da EFA para se oferecer uma proposta de ensino que se alinhe com a realidade dos camponeses. Em virtude disso, destacam que a EFA enfrenta vários desafios ao longo das etapas do processo formativo do camponês, pois o Plano de Formação requer o conhecimento dos professores, dos alunos e das famílias. Por isso, é importante que haja um diálogo mais próximo entre a equipe de professores, e destes com os alunos e seus familiares, para juntos pensar e planejar o desenvolvimento do projeto educativo da EFA que tem como eixo norteador o Plano de Formação.

Nesta perspectiva, P1 levanta que um dos desafios enfrentados na EFA está relacionado à escolha do tema do plano estudo, elaborado a partir do Plano de Formação, pois este é um processo que exige diálogo com a realidade dos jovens, bem como diálogo entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo de construção do PF. Se por algum motivo os temas não dialoguem com essa realidade, é necessário que seja feita uma adaptação, ou até mesmo uma substituição por outro tema, seguindo as colocações feitas no momento das discussões para elaboração do Plano de Formação.

Como já elucidado nesta pesquisa, o plano de estudo baseia-se em um tema que surge mediante as contribuições feitas pelos educandos, famílias, parceiros e escola, com o objetivo de desenvolver uma educação que vai além do que é oferecido nos livros didáticos e da sala de aula. A EFA, por sua vez, vai alinhar o trabalho durante o ano tendo como orientação esses enfoques, direcionamentos que dão vida às aprendizagens e os saberes construídos ao longo da caminhada em torno do conhecimento.

Constata-se, entretanto, na visão de P2 que uma dificuldade enfrentada na construção do Plano de Formação está relacionada com a diversidade de opiniões dos profissionais durante o desenvolvido do trabalho coletivo dentro da EFA. No entanto, compreendemos que na EFA a equipe desenvolve suas atividades na base do diálogo e no trabalho coletivo valorizando a coletividade e a diversidade de opiniões, como forma de garantir que as ações sejam

desenvolvidas com êxito no Plano de Formação. Entendemos, pois, que a Pedagogia da Alternância não trabalha numa perspectiva linear de caixinhas e que o Plano de Formação busca realmente trabalhar a riqueza que existe nas diversidades de opiniões, das especificidades de cada região, cultura, economia, política e religião que envolve o espaço social que o jovem atua.

Nesta perspectiva, não precisamos ter um pensamento linear para trabalhar em equipe, no entanto, é importante criar estratégias políticas que favoreçam o trabalho coletivo e as trocas de experiências numa dimensão formativa que ultrapasse as barreiras que, muitas vezes, nos impedem de participar, colaborar, interagir e ajudar. Dessa forma, é importante que o projeto da escola seja colocado em primeiro lugar, de modo que a vontade de fazer diferente favoreça o diálogo e o trabalho em equipe.

De acordo com P3 e P4, o maior desafio é a participação da família, uma vez que moram muito distante e tem dificuldade de estarem presentes nas atividades desenvolvidas na escola. Destacam que a escola abrange mais de 18 municípios, aspecto que dificulta o diálogo e a interação maior com as famílias. Além disso, tem o problema de acesso a alguns destes municípios. Não bastasse essas dificuldades, faltam estradas para possibilitar a vinda de boa parte das famílias até à escola, além de transportes e outros recursos. Talvez falte uma mobilização maior por parte da escola.

Acreditamos que a pandemia também contribuiu para ampliar esse distanciamento entre a escola e as famílias. O certo é que a escola precisa criar estratégias para motivar a participação da família e conquistar sua confiança. Uma ferramenta muito útil neste processo seria o fortalecimento da visita às famílias, isso possibilitaria uma visão geral do cenário familiar dos educandos e possibilitaria à EFA planejar novas ações que aproximassem mais as instituições.

Outra sugestão para amenizar esses problemas das distâncias entre a escola e as comunidades seria a nucleação do território com o intuito de facilitar o acompanhamento das famílias, e a cada mês o grupo responsável de fazer este acompanhamento descrevesse cada situação. Isso facilitaria a comunicação e reanimaria as famílias a retornarem ao espaço que é delas dentro da EFA. Além disso, é necessário também fortalecer a vivência das mediações que tem uma aproximação da família como: Plano de Estudo, Tutoria, Caderno de Acompanhamento, PPJ e a Visita às Famílias, como já mencionados. Este fortalecimento só é possível através da materialização do plano, por sua vez só acontece mediante o entrelaçamento de todos esses elementos formativos junto aos conhecimentos da escola e aos saberes da família e comunidade.

Ademais, outro problema importante enfrentado pela EFA na concretização do Plano de Formação, apontando por P5, está relacionado à rotatividade de professores, em consequência

disso, a falta de formação dos novos educadores sobre a Pedagogia da Alternância. Essa rotatividade dos docentes está relacionada ao fato dos educadores das EFAs serem do quadro provisório do estado, com contrato temporário de 2 anos, o que dificulta a continuidade do trabalho e gera instabilidade nos projetos educativos das EFAs. Em virtude disso, na opinião de P5, o maior desafio para EFA, relacionado à rotatividade, é à formação dos novos educadores que ingressam nas EFAs a partir dos novos testes seletivos.

Vale destacar que as matrículas dos alunos das EFAs foram estadualizadas desde 2015, no Piauí, com isto a SEDUC contrata, por meio de teste seletivo, os educadores temporários que atuam nas EFAs. Este modelo de contratação gera todo um conjunto de problemas para as escolas pelo fato de os educadores terem um contrato com duração de dois anos. Ao final deste contrato, é organizado um novo teste seletivo que resulta na contratação de novos docentes que ainda não conhecem a filosofia da EFA. Enquanto isso, os educadores que estavam desenvolvendo um bom trabalho, por acreditarem na Pedagogia da Alternância, infelizmente deixam o trabalho, por não atingirem a pontuação necessária para a aprovação na seleção. Por conseguinte, as EFAs iniciam novamente o mesmo dilema de ter sempre professores novos que nem sempre dialogam com a proposta de ensino da EFA.

Verificamos, que o Movimento das Escolas Famílias Agrícolas do Piauí precisa pensar uma política que assegure os critérios de ingresso na EFA que possa garantir a autonomia destas instituições e a continuidade desta metodologia de ensino, legitimando o trabalho da Pedagogia da Alternância e fazendo valer o esforço do coletivo que lutou e luta pela sua existência. Uma luta que se dá pelo reconhecimento do trabalho dos educadores, com garantia de salários dignos e a segurança na permanência do trabalho através da realização de concurso público que dê mais legitimidade ao trabalho dos educadores e educadoras do campo.

A partir dessas constatações, durante as rodas de conversas foram levantados alguns questionamentos acerca das dificuldades que a EFA enfrenta para elaborar o Plano de Formação da escola envolvendo os monitores, alunos, famílias, comunidades e parceiros. No entendimento da maioria dos educadores, não tem sido fácil este trabalho de elaboração e compartilhamento do Plano de Formação diante os desafios políticos e pedagógicos enfrentados pelas EFAs no Piauí. Nos relatos de P1 e P5 apontam que a pandemia da Covid 19⁹ provocou

⁹ Desde fevereiro de 2020, o Brasil enfrentou o surto de coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19, responsável pela disseminação de uma pandemia que provocou muitas mortes no Brasil e no mundo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia do COVID-19 provocou muitas transformações na vida da sociedade. Para os estudantes e pesquisadores das universidades foi um momento muito difícil, pois estavam impossibilitados de ir a campo realizar suas pesquisas.

muitas mudanças na escola no cotidiano e que aos poucos as escolas estão se adaptando a esta nova realidade.

Os educadores acrescentaram ainda que, em virtude da Pandemia, não conseguiram trazer as famílias para escola e que alguns professores que estão chegando têm dificuldade de entender a Pedagogia da Alternância e sua filosofia. De acordo com P5,

Estamos dois anos sem a presença dos pais, devido à pandemia. Dois anos sem conseguir reformular o Plano. Estamos precisando de um momento envolvendo todos os professores, porque existe muita resistência dos professores por não entender a Alternância. Seria muito bom se os professores novatos tivessem a oportunidade de participar de um momento desse.

Esses relatos nos possibilitam uma reflexão das dificuldades que a EFA está enfrentando para consolidar seu projeto formativo por meio do Plano de Formação. O problema maior que se apresenta diante de tudo isso é o afastamento social provocado pela pandemia que produziu estas lacunas no interior da escola, na retomada das atividades presenciais e junto às famílias.

Mesmo reconhecendo a importância do Plano de Formação para o desenvolvimento do trabalho da EFA, os professores afirmaram possuir dificuldade de reaproximar as famílias neste contexto de pós-pandemia. Talvez o principal desafio enfrentado pelos membros da EFA seja encontrar o caminho para superar essas rupturas causadas pelo tempo. Mas, acreditamos que com a força de vontade a escola consigam orquestrar todo este processo de formação extraindo dessas dificuldades força para superar os desafios.

A esse respeito, Begnami (2006, p.36) ressalta que “o processo de aprendizagem opera a partir da realidade observada e refletida e a ela retorna com o compromisso de intervir e buscar soluções para os problemas que a realidade apresenta”. Sendo assim, se a realidade apresentada na EFA aponta problemas, a escola, os educandos e família devem buscar soluções para a realidade apresentada. Verificamos que um dos maiores anseios da equipe em relação ao Plano de Formação é o desejo que todos compreendam e vivenciem esta mediação a fim de superar os desafios através do trabalho em equipe almejando mudanças, novos saberes, novas ações e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o contexto de luta e resistência dos movimentos sociais do campo, percebemos um emaranhado de desafios enfrentados pelos camponeses para assegurar o direito à educação. Neste contexto, fica evidente que as primeiras reivindicações dos camponeses por educação surgem em meio a outras bandeiras de lutas por melhores condições de trabalho, principalmente, na luta por Reforma Agrária e pelo acesso à terra.

Diante do cenário de injustiças e desigualdades em que vive os povos camponeses, sob o domínio do agronegócio, Mészáros (2008, p. 27) afirma que “[...] é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” que seja símbolo da luta que supere a lógica de exclusão.

Nesse caso, a luta em defesa da educação do campo se constitui como um campo de lutas contra todas as formas de exclusão do camponês, que busca romper com o modelo de educação rural e sua perspectiva de educação bancária, na defesa do direito do camponês a uma educação de qualidade, voltada à realidade e às necessidades deste território.

Neste contexto, a partir das lutas dos movimentos sociais, emergiu a educação popular que serviu de referência política e pedagógica para as lutas posteriores, resultando na construção do paradigma da educação do campo que se contrapõe ao modelo de educação capitalista.

Portanto, para Caldart (2004, p.91), “[...] a escola é um lugar fundamental de educação do povo, exatamente porque se constitui como um tempo e um espaço de processos socioculturais, que interferem significativamente na formação e no fortalecimento dos sujeitos sociais que dela participam”. Nesse sentido, a escola é um lugar de transformação social e de luta por educação que respeite as especificidades dos sujeitos e instaure uma formação que busca o fortalecimento do seu meio.

Diante desse contexto de luta em defesa da Educação do Campo, destacam-se as experiências educativas das Escolas Família Agrícola (EFAs) organizadas a partir da Pedagogia da Alternância, que tem como finalidade promover o processo de formação dos educandos, articulados com o meio socioprofissional e as experiências sociais e políticas dos camponeses.

Nesse segmento, a Pedagogia da Alternância chega ao Brasil no final da década de 60, através da iniciativa cristã de padres jesuítas, que inicialmente chegaram ao país para realizarem um trabalho pastoral, com uma proposta educativa comprometida com a promoção humana e o desenvolvimento local. E, por conseguinte, chegou ao Piauí, em 1985, sob a liderança do padre italiano Humberto Pietrogrande, com a implantação das primeiras EFAs.

Assim, segundo Gimonet (2007, p. 29), “a Pedagogia da Alternância representa um caminhar permanente entre a vida e a escola. Sai da experiência no encontro de saberes mais teóricos para voltar novamente à experiência, e assim sucessivamente”. Nas EFAs existe uma preocupação em fazer com que a formação da Pedagogia da Alternância se dê na própria família e no espaço familiar aproximando o meio escolar ao meio familiar.

Neste contexto, o Plano de Formação da PA exerce um papel estratégico nos projetos educativos das EFAs, uma vez que conduz todo o processo formativo, promovendo um diálogo das mediações pedagógicas com as disciplinas do currículo escolar. Sob esse aspecto, este estudo teve como objetivo analisar de que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, visando a construção interdisciplinar do conhecimento.

Posto que o Plano de Formação tem a missão de promover a articulação entre diferentes tempos e espaços de formação na EFA, estabelecendo uma relação entre os conhecimentos oriundos da realidade do jovem com os conteúdos escolares. No entanto, esse processo de articulação de diferentes saberes, contextos e experiências precisa de um maior engajamento da equipe pedagógica da escola, como também do envolvimento dos camponeses e seus familiares. Sobretudo, o trabalho com a Pedagogia da Alternância precisa ter conhecimento e vivência nas e com as comunidades. Diante do exposto, precisamos dar mais atenção ao Plano de Formação da EFA, pois esse auxilia na condução dos componentes que compõe a alternância, aliado às disciplinas do currículo escolar em diálogo constante com os saberes do aluno.

Desse modo, a escola deve encontrar uma forma de reestruturar a participação da família a partir do fortalecimento da associação de pais, da aproximação com as lideranças comunitárias, para possibilitar maior integração e desenvolver a aprendizagem em diferentes locais, visando o desenvolvimento local. Neste caso, a EFA precisa ampliar o diálogo com os sujeitos que fazem parte da formação com o intuito de fortalecer os projetos educativo, assim como, potencializar o trabalho coletivo em torno da construção do plano de formação que se propõe uma construção interdisciplinar do conhecimento.

A partir dos diálogos estabelecidos com os sujeitos que fazem a EFA Serra da Capivara, percebemos que a vivência do Plano de Formação para o desenvolvimento de projetos educativos interdisciplinares, no contexto da Pedagogia da Alternância, é complexa, uma vez que o projeto de educação desenvolvido nas Escolas Família exige uma articulação direta com as famílias e as comunidades, bem como, um trabalho coletivo entre os diferentes sujeitos sociais.

No entanto, analisamos que as estratégias utilizadas pela EFA para fomentar a participação dos educadores, educandos e as famílias na construção do Plano de Formação precisam ser revistas, pois a escola precisa envolver mais as famílias no processo de formação da alternância. Além disso, deve trabalhar com os professores novatos a questão do Plano de Formação e o conhecimento da Pedagogia da Alternância e seu processo de formação, além de fomentar cada vez mais a participação das famílias, pois este tempo de afastamento por conta da pandemia as mantiveram muito distante dos espaços de discussão, organização, reflexão e planejamento da escola.

Ademais, ao analisarmos o desenvolvimento do Plano de Formação da EFA de Serra da Capivara, observamos que existem desafios com relação a sua elaboração e implementação coletiva. A forma como o Plano de Formação é trabalhado na EFA demonstra algumas lacunas em sua organização, visto que os temas propostos podem até permitir um diálogo com os saberes e vivência da comunidade, mas essa articulação não fica muito visível, podendo perder um pouco da conexão com os outros saberes que surgem da práxis da vida no campo e das aprendizagens da escola.

Frente a isso, é importante que a equipe de monitores da EFA dê uma atenção maior ao trabalho com o Plano de Formação, buscando planejar e organizar as ações coletivas de modo que interligue todos os elementos da formação por alternância com os saberes da vida e da escola. Avaliamos, contudo, que o distanciamento social, imposto pelo Covid-19, aprofundou os desafios na EFA, com o afastamento das famílias e dos educandos, o que fragilizou ainda mais o trabalho com o Plano de Formação.

Esses desafios aliados à falta de vivência de alguns docentes com a Pedagogia da Alternância ampliaram ainda mais os problemas enfrentados pela EFA no retorno das atividades presenciais, principalmente com relação ao processo de reelaboração do PF, na retomada das relações com as famílias e no diálogo mais próximo com as comunidades.

Todavia, o Plano de Formação da EFASC não apresenta os elementos propostos por Gimonet (2007) no qual destaca em sua estrutura os conhecimentos da realidade, que são os conteúdos da vivência da Pedagogia da Alternância, por sua vez, correspondem aos temas geradores e aos temas de plano de estudo de cada sessão e as mediações pedagógicas que auxiliam na formação em Alternância e na interligação desses como conteúdo da parte diversificada e da Base Comum. Essa articulação não foi observada no Plano de Formação da EFA que foi analisado.

Nessa perspectiva, percebemos que existem lacunas no trabalho vivenciado pela EFA que precisam de um olhar mais atento da equipe. É necessário, portanto, que haja maior

envolvimento da equipe de educadores da EFA no desenvolvimento dos trabalhos coletivos da escola, assim como, é fundamental ampliar a participação das famílias, pois a Pedagogia da Alternância não acontece desvinculada do espaço familiar. Neste caso, a EFA precisa estar em constante diálogo com os educandos, suas famílias e as comunidades como forma de fortalecer o processo formativo da Alternância que perpassa não apenas pelos conteúdos da escola, mas também pelos saberes da vida.

Por essa razão, a EFA precisa investir mais na formação dos educadores, educandos e famílias com o intuito de fomentar uma maior participação desses sujeitos nos projetos educativos desenvolvidos por meio da Alternância.

Esperamos, assim, que essas reflexões acerca do Plano de Formação da EFASC possibilitem que a EFA possa sentar e rever suas ações, ouvindo mais as famílias e, com isso, fortalecer as vivências das mediações pedagógicas da Alternância. Também colocar o Plano de Formação como o currículo vivo da EFA, que se concretiza por meio da articulação dos conhecimentos escolares com os saberes práticos da vida, gerando novos conhecimentos através de processos educativos contextualizados a fim de buscar, sobretudo, a promoção da pessoa humana e o desenvolvimento do seu meio.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da escola família agrícola de Angical- Bahia Salvador**, 2005. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação do Campo: Pronacampo**. Brasília/ DF: MEC, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.consed.org.br/images/phocadownload/pronacampo.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2021.
- BEGNAMI, João Batista. **Pedagogia da Alternância como sistema educativo. Revista da Formação por Alternância**. n. 3. Brasília: UNEFAB, 2006.
- BEGNAMI, João Batista. **Uma geografia da pedagogia da alternância no Brasil**. Brasília: Cidade, 2004.
- BEGNAMI, João Batista. **Formação pedagógica de monitores das escolas famílias agrícolas e alternâncias: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova de Lisboa/Universidade François Rabelais. Brasília: UNEFAB, 2003.
- CALIARI, Rogério Omar. **A presença da família camponesa na escola família agrícola: o caso de Olivânia**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/2173>. Acesso em: 10 maio. 2022.
- CALIARI, Rogério Omar. **Pedagogia da alternância e desenvolvimento local**. 2002. 237 p. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) - Universidade Federal de Lavras, 2002.
- CALDART, Roseli. Salet. PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CALDART, Roseli Salet. O MST e a escola: concepção de educação e matriz formativa. In: CALDART, R. S. (Org.). **Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CALDART, Roseli Salet. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: **Por uma educação básica no campo: Identidade e políticas públicas**. V. 4. Brasília, 2002.

CALVÓ, Pedro Puig. Introdução. In: **Pedagogia da Alternância** – alternância e desenvolvimento. Primeiro Seminário Internacional. Salvador: Dupligráfica Editora, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

EFASC. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Família Agrícola Serra da Capivara, 2020.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira. **Casa Familiar Rural: A formação com base na Pedagogia da Alternância**. 2ª Edição. Santa Catarina: Editora Insular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Autonomia da Escola**. (Guia da escola cidadã; v.1). 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GERKE, Janinha de Jesus. **Formação dos Professores na Pedagogia da Alternância**. Saberes e Fazeres do Campo. Espírito Santo: Editora GM, 2011.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Elmo de Souza. **Formação Continuada de Educadores/as: as possibilidades de reorientação do currículo no semiárido**. Tese do doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Piauí. Teresina, UFPI, 2014.

LIMA, Elmo de Souza. Educação do campo no contexto do semiárido: movimentos de resistência e transgressão pedagógica. **Debates em Educação**, v. 12, p. 193-212, 2020.

MARTINS, Claudia Maria Alves. Os Instrumentos Pedagógicos e sua Importância na Pedagogia da Alternância. **Relatório analítico**. Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica. UFT, 2011.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845- 1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MATTOS, Luciane Maria Serrer de. **O plano de formação no contexto da pedagogia da alternância**: articulações entre temas geradores e conteúdos do ensino médio na Casa Familiar Rural de Cruz Machado-PR. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

MATOS, Henrique Cristiano. **Nossa História**. 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 3 – período Republicano e Atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003.

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro, FASE, 1989.

MEPES. **Pedagogia e metodologia das Escolas Famílias Rurais**. Anchieta, SP: MEPES, 1971.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna. **A Contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de Educação do Campo e desenvolvimento sustentável**. Tese de Doutorado, defendida em 2003. Brasília, UNB, 2003.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Ativa, 1986.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Pedagogia da resistência**: alternativa de educação para o meio rural. Gurapari: Ex Libris, 2007.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura**: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da escola família agrícola de Goiás – EFAGO. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. Escola Família Agrícola: uma resposta alternativa à educação do meio rural. **Revista da UFG**, v. 7, n. 1, jun. 2004.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo**: origens da pedagogia da alternância no Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

NOSELLA, Paolo. **Uma nova educação para o meio rural**: sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas Família Agrícola do movimento de educação promocional do Espírito Santo. 1977. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Filosofia de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.

- PALITOT, Maria de Fátima de Souza. **Pedagogia da Alternância**: estudo exploratório na Escola Rural de Massaroca (ERUM). 2007. 100 f. Dissertação (Magister Scientiae) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa – MG, 2007.
- PAIVA, Vanilda (Org.) **Perspectivas e dilemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- QUEIROZ, João Batista Pereira. de. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil**: Ensino Médio e Educação Profissional. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília, Departamento de Sociologia, 2004.
- RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, USP, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 027-045, jan./abr. 2008.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: SANTOS FILHO, J.C.; SÁNCHEZ GAMBOA, S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo, Cortez, 1997.
- SILVA, Cícero da. **Pedagogia da alternância**: um estudo do gênero Caderno da Realidade com foco na retextualização. 2011. 149f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.
- SILVA, Maria do Socorro. A Formação Integral do Ser Humano: referência e desafio da Educação do Campo. **Revista Formação por Alternância**. Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, v.1, n. 5, ano 3, p. 45-61, 2007.
- SOUZA, Maria Antônia. **Educação do campo**: propostas e práticas pedagógicas do MST. Petrópolis: Vozes, 2006.
- UNEFAB – União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. **Histórico das escolas família agrícola**. 2005. Disponível em: <http://unefab.org.br/home/historico.htm>. Acesso em: 10 de mai. de 2020.
- VERGUTZ, Cristina Luisa Bencke; CAVALCANTE, Ludmila Oliveira Holanda. As aprendizagens na Pedagogia da Alternância e na Educação do Campo. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, p.383, jul./dez.2014.
- ZAMBERLAN, Sérgio. **Formação e Desenvolvimento Sustentável**: o lugar da família - na vida institucional da escola-família - Participação e Relações de Poder, 2003. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) - Universidade Nova de Lisboa – Portugal - Faculdade de Ciências e Tecnologia e Université François Rabelais de Tours – France - Département des Sciences de l'Éducation et de la formation, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Professor/a, coordenador/a e diretora)

1. Há quanto tempo você trabalha como professor (a) da EFA?
2. Como foi a forma que você ingressou na escola?
3. Dentro da EFA em qual área você atua?
4. Você já participou de formação sobre a Pedagogia da Alternância?
5. Na sua visão, qual a importância do Plano de Formação nas EFAs?
6. Como se dá o processo de construção do Plano de Formação na EFA Serra da Capivara?
7. Existem dificuldades no processo de elaboração do Plano de Formação? Quais?
8. Qual o papel do Plano de Formação na articulação entre os diferentes tempos e espaços de formação dentro das EFAs?
9. O Plano de Formação da EFA Serra da Capivara prevê a construção de um trabalho interdisciplinar? Como isto ocorre na prática?
10. Quais os desafios enfrentados na EFA na construção de projetos educativos interdisciplinar?
11. Quais as estratégias pedagógicas previstas no Plano de Formação voltadas à contextualização dos projetos educativos desenvolvidos na escola?
12. Como se dá o processo de articulação entre teoria e prática no desenvolvimento das atividades educativas das EFAs?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

(Alunos (as))

1. Você gosta de estudar na Escola Família Agrícola Serra da Capivara? Porque?
2. Como foi a forma que você ingressou na escola?
3. Na sua opinião qual o diferencial desta escola para demais escolas que você estudou?
4. Na sua opinião quais são as principais estratégias utilizadas na escola para contextualizar os saberes?
5. A partir de tudo que você já viveu e vive dentro da Escola Agrícola o que seria o Plano de Formação por Alternância?
6. Você conhece o Plano de Formação da sua escola?
7. Você sabe quem participa da construção do Plano de Formação da sua EFA?
8. Você considera que as práticas educativas desenvolvidas pela EFA produzem um diálogo entre conhecimentos escolares com as experiências da comunidade e na família?
9. Quais as atividades desenvolvidas na escola que permitem uma articulação entre a teoria e a prática?
10. Há uma preocupação dos professores em fazer uma articulação entre os conhecimentos das diferentes disciplinas? Como ocorre esta articulação?

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ROTEIRO DE ENTREVISTA****(Pais)**

1. Qual foi o motivo que levou o senhor/a a colocar seus filhos para estudar nesta escola?
2. Você costuma participar com frequência das reuniões, assembleias e eventos da escola?
3. Você já fez parte ou faz parte atualmente de algum conselho da escola? Se sim, qual?
4. A escola contribui de alguma maneira para o desenvolvimento da sua família?
5. Você considera que as práticas educativas desenvolvidas pela EFA produzem um diálogo entre conhecimentos escolares com as experiências da comunidade e na família?
6. Há uma preocupação dos professores em fazer uma articulação entre os conhecimentos das diferentes disciplinas? Como ocorre esta articulação?
7. Na sua opinião quais são as principais estratégias utilizadas na escola para contextualizar os saberes?
8. Você conhece o Plano de Formação da EFA e sabe como ele articula teoria e prática no processo de formação dos educandos?
9. Como membro da associação dos pais, você já participou de alguma discussão para tratar da construção ou reestruturação do Plano de Formação da escola?
10. Quais as principais contribuições do trabalho desenvolvido pela EFA para a região?

RESUMO

LIMA, M. F. B. C. B. **O plano de formação na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da Capivara.** 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

O Plano de Formação tem a missão de orientar os trabalhos educativos desenvolvidos nos CEFFAs, articulando-os com as experiências do meio socioprofissional do educando. Constitui-se, portanto, no currículo oficial da EFA, com a finalidade de sistematizar os conhecimentos da realidade aos conteúdos escolares, vinculados ao núcleo comum e a parte específica da formação técnica e profissional, de modo a visar à formação integral do sujeito. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar de que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, localizada no município de São Lourenço, no estado do Piauí. Diante desse contexto, o processo de investigação foi desenvolvido a partir da seguinte questão: De que forma o Plano de Formação contribui na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da Capivara, visando a construção interdisciplinar do conhecimento? A fim de elucidar essa questão, nos objetivos específicos buscou-se: Compreender a importância do Plano de Formação no desenvolvimento de projetos educativos interdisciplinares no contexto da Pedagogia da Alternância; Discutir as contribuições do Plano de Formação na articulação entre diferentes tempos e espaços de formação na EFA; Verificar as estratégias utilizadas pela EFA que fomentem a participação dos educadores, educandos e das famílias na construção do Plano de Formação; Analisar o desenvolvimento do Plano de Formação da EFA de São Lourenço, destacando os desafios e as possibilidades de diálogos interdisciplinares do conhecimento. Isso posto, esta pesquisa dialoga com alguns autores que refletem esta temática, como: Begnami (2004, 2003), Caliari (2002), Caldart (2012, 2011, 2009), Calvo (1999), Estevam (2012), Freire (1987, 1988, 1991), Gimonet (2007), Lima (2014), Nosella (2012, 1977), entre outros teóricos. Trata-se, contudo, de uma investigação de cunho qualitativo que se fundamenta na abordagem crítica-dialética. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Família Agrícola de Serra da Capivara por meio de análise documental, entrevista semiestruturada e rodas de conversas. Os interlocutores da pesquisa foram 09 participantes, sendo três professores, dois alunos, dois pais, uma diretora e uma coordenadora pedagógica. A partir desse processo de investigação, a respeito do Plano de Formação por Alternância, a análise realizada possibilitou-nos uma compreensão acerca da realidade vivenciada na EFA Serra da Capivara, principalmente com relação às lacunas em torno da construção e execução do Plano de Formação. Sobre este aspecto, concluímos que alguns fatores, como: a ausência da família na escola e o desconhecimento de alguns educadores, alunos e famílias em relação ao Plano de Formação trouxeram prejuízos para o processo de articulação interdisciplinar dos conhecimentos e saberes no contexto das práticas educativas da EFA. Além disso, percebemos que há uma diferença entre o Plano de Formação, proposto por Gimonet (2007), que orienta o PF dos CEFFAs, e aquele utilizado na EFA, concebido a partir de uma estrutura simplificada que dificulta a compreensão do trabalho desenvolvido pela Escola, com relação à articulação dos variados conhecimentos e saberes nos diferentes tempos e espaços da formação.

Palavras-chave: Educação do Campo. Pedagogia da Alternância. Plano de Formação. Práticas Educativas Interdisciplinares.

ABSTRACT

LIMA, M. F. B. C. B. **O plano de formação na articulação dos diferentes tempos e espaços educativos na Escola Família Agrícola Serra da Capivara.** 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

The Training Plan has the mission of guiding the educational work carried out at CEFFAs, articulating them with the experiences of the student's socio-professional environment. It is, therefore, the official curriculum of the EFA, with the purpose of articulating the knowledge of reality with school contents, linked to the common core and the specific part of technical and professional training, aiming at the integral formation of the subject. In this sense, this research has the general objective: to analyze how the Training Plan contributes to the articulation of different educational times and spaces in the Escola Família Agrícola da Serra da Capivara, located in the municipality of São Lourenço in the state of Piauí. Given this context, the investigation process was developed from the following question: how does the Training Plan contribute to the articulation of different educational times and spaces at Escola Família Agrícola Serra da Capivara, aiming at the interdisciplinary construction of knowledge? In the specific objectives we seek: to understand the importance of the Training Plan in the development of interdisciplinary educational projects in the context of the Pedagogy of Alternation; to discuss the contributions of the Training Plan in the articulation between different times and spaces of training in the EFA; to verify the strategies used by the EFA that encourage the participation of educators, students and families in the construction of the Training Plan; to analyze the development of the EFA de São Lourenço Training Plan, highlighting the challenges and possibilities of interdisciplinary knowledge dialogues. In this research we are dialoguing with some authors that reflect this theme such as: Begnami (2004, 2003), Caliarì (2002), Caldart (2012, 2009), Calvó (199), Estevam (2012), Freire (1987, 1988, 1991), Gimonet (2007), Lima (2014), Nosella (2012, 1977), among others. This is a qualitative investigation, which is based on the critical-dialectical approach. The research was developed at Escola Família Agrícola de Serra da Capivara, through document analysis, semi-structured interviews and conversation circles. The research interlocutors were 09 participants, of which three were teachers, two students, two parents, one director and one pedagogical coordinator. From this investigation process about the Alternation Training Plan, the analysis carried out allowed us to understand the reality experienced in the EFA Serra da Capivara, mainly in relation to the gaps around the construction and execution of the Training Plan. In this aspect, we conclude that some factors such as: the absence of the family at school, and the lack of knowledge of some educators, students and families about the Training Plan brought harm to the process of interdisciplinary articulation of information and knowledge in the context of EFA educational practices. In addition, we noticed that there is a difference between the Training Plan, proposed by Gimonet (2007), which guides the FP of CEFFAs, and the one used in the EFA, conceived from a simplified structure, which makes it difficult to understand the work developed by the school, in relation to the articulation of the varied information and knowledge in the different times and spaces of formation.

Keywords: Rural Education. Pedagogy of Alternation. Formation plan. Interdisciplinary Educational Practices.